



UFPB – Universidade Federal da Paraíba
CCTA – Centro de Comunicação, Turismo e Artes
PPJ – Programa de Pós-Graduação em Jornalismo

**No rastro de Hilton,
esbarrei na minha existência:
diário de uma jornalista
em sua primeira grande reportagem**

Érika Bruna Agripino-Ramos

João Pessoa-PB

2017

Érika Bruna Agripino-Ramos

**No rastro de Hilton,
esbarrei na minha existência:
diário de uma jornalista
em sua primeira grande reportagem**

Relatório referente à produção do livro-reportagem que representa o produto final apresentado ao Programa de Pós-Graduação em Jornalismo (PPJ) da Universidade Federal da Paraíba (UFPB), com fins de obtenção do título de mestre.

Orientador: Prof. Dr. Hildeberto Barbosa de Araújo Filho

João Pessoa-PB

2017

Catálogo na Publicação
Seção de Catalogação e Classificação

A279r

Agripino-Ramos, Erika Bruna.

No rastro de Hilton, esbarrei na minha existência: diário de uma jornalista em sua primeira grande reportagem / Erika Bruna Agripino-Ramos. – João Pessoa, 2017.

115 f.

Orientador: Hildeberto Barbosa de Araújo Filho.

Relatório (Mestrado) – UFPB/CCTA/PPJ

1. Jornalismo. 2. Livro reportagem. 3. Jornalismo literário. 4. Narrativas bibliográficas. 5. Reportagem perfil – Hilton Gouvêa. 6. Investigação – atentado. I. Título.

UFPB/BC

CDU – 070(047)



UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA
CENTRO DE COMUNICAÇÃO, TURISMO E ARTES
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM JORNALISMO

ATA DE BANCA EXAMINADORA DE DEFESA

Aos 29 dias do mês de agosto de dois mil e dezessete, às 14 horas, foi realizado, na Sala de Reunião do CET, na Universidade Federal da Paraíba, a Banca Examinadora de Defesa do (a) discente Érika Bruna Aguiar - Lima, matrícula _____, para obtenção do Título de Mestre em Jornalismo pela Universidade Federal da Paraíba.

Título :

No contexto de Milton Esbarras na
missão da Telenô: história de uma jornada
em sua jornada grande reportagem

AValiação

(☒) Aprovado () Insuficiente () Reprovado

As observações sobre o referido trabalho acadêmico encontram-se no verso desta Ata.

BANCA EXAMINADORA :

Hildeberto Barbosa Filho
Prof. Dr. – HILDEBERTO BARBOSA - Orientador (UFPB)

Thiago Soares
Prof. Dr. – THIAGO SOARES - Membro Titular Externo (UFPE)

Gloria Rabay
Prof.^a Dr.^a – GLÓRIA RABAY - Membro Titular Interno (UFPB)

Agradecimentos

Ao meu “daqui a pouquíssimos dias” esposo, Vitor Daniel Teixeira, por tudo. Nos últimos oito anos, o seu amor e a sua amizade têm sido o meu pilar mais seguro – incluindo o suporte nos dramas dessa novela chamada mestrado. Por todas as conversas, orientações, sugestões e pelo cuidado comigo, você merece o posto de coautor deste trabalho, porque muito do que hoje penso e sou e que está refletido aqui tem a sua (boa) influência direta e cotidiana. Devo-lhe também pelas referências culturais e pelas pequenas broncas, principalmente nessa reta final, para me ajudar a deslanchar a inspiração – ou forçar a transpiração. Obrigada por ser o meu melhor amigo e o melhor presente que eu já recebi desta vida.

À minha mãe, Bernadeth, pela bondade, pela força, pelo amor e pela dedicação plena a mim e aos meus irmãos. Obrigada por ser a primeira e a minha melhor amiga, que me conduziu até aqui e com quem eu sei que sempre poderei contar.

Ao meu pai, Edinaldo (*in memoriam*), porque sei que, onde ele estiver, continua zelando por nós.

A toda a minha família, por ser um porto (às vezes, de águas agitadas, mas sempre um porto).

Aos meus amigos, por acatarem a desculpa das atividades do mestrado quando não podíamos nos divertir. Em especial, ao meu querido *muchacho* Allysson Viana, pela leitura do material antes da submissão e pelos conselhos sobre como tratar alguns assuntos.

Aos colegas do Programa de Pós-Graduação em Jornalismo (PPJ), especialmente à trupe feminina, pela colaboração acadêmica e pelos ótimos momentos de descontração ao longo desses dois anos e meio de convivência.

Ao professor Hildeberto Barbosa Filho, pela imensa sabedoria compartilhada, pela humildade, pela paciência com esta orientanda fugidia e pela gentileza de concluir a orientação deste trabalho mesmo após sua aposentadoria dos quadros da UFPB.

Ao professor Wellington Pereira, pelas contribuições na banca de qualificação; à professora Glória Rabay, por me ajudar a aprofundar as discussões em torno das narrativas de histórias de vida e que me deram embasamento teórico para desenvolver melhor a ideia do produto jornalístico; e ao professor Thiago Soares, por me ensinar, ainda na graduação, que é

possível fazer jornalismo com afeto.

Ao jornalista Hilton Gouvêa, por se dispor a conversar comigo, a participar do projeto e por ser uma referência como repórter, a quem eu passei a muito admirar.

Aos que fazem os jornais *Correio da Paraíba* e *A União*, por permitirem que eu invadissem suas rotinas e seus arquivos. Em especial, agradeço a Penha Higino, secretária da Diretoria de Jornalismo do Sistema Correio, pelo tratamento tão doce e pela ajuda que viabilizou o acesso às reportagens antigas do periódico.

A todos os que colaboraram com as entrevistas e com as informações.

A Saulo Feitosa, pela ajuda terapêutica que me impulsionou a sair do olho do furacão.

*“Aprendi que o repórter não é, se torna.
E se torna ao ousar atravessar primeiro
a larga e sempre arriscada rua de si mesmo”.
(Eliane Brum, prefácio de O Olho da Rua:
Uma repórter em busca da literatura da vida real)*

*“Eis o que pensei: para que o mais banal
dos acontecimentos se torne uma aventura,
é preciso e basta que nos ponhamos a narrá-lo”.
(Jean-Paul Sartre, A Náusea)*

Resumo

Este trabalho consiste em um perfil concebido nos moldes do jornalismo literário, sobre a trajetória do jornalista pessoense Hilton Gouvêa, que atua na imprensa paraibana há mais de quatro décadas e é considerado um dos resistentes na arte da reportagem no estado. A reportagem-perfil foi elaborada em formato de diário, contando as inseguranças de uma repórter de primeira viagem e o seu envolvimento com a pauta. Para reconstruir as principais passagens da história do personagem, foram utilizados na narrativa recursos como *flashbacks*, descrições cena a cena, mudanças de perspectiva, diálogos trabalhados, *status* de vida e até mesmo fluxo de consciência. Durante a investigação acerca de um atentado que o repórter pessoense sofreu nos anos 1990, em virtude de uma cobertura jornalística que ele fazia na época, a pesquisadora acabou chegando a detalhes de um trágico assassinato em sua própria família, ocorrido quando ela era ainda uma criança e que influenciou toda sua trajetória de vida. A narrativa, portanto, acabou ganhando também contornos autobiográficos.

Palavras-chave: jornalismo literário; narrativas biográficas; perfil; investigação.

Abstract

This work consists of a profile designed in the mold of literary journalism, about the trajectory of the journalist of João Pessoa Hilton Gouvêa, who has been in the press of Paraíba for more than four decades and is considered one of the resisters in the art of reporting in the state. The report-profile was drafted in a diary format, telling the insecurities of a first-time reporter and her involvement with the agenda. To reconstruct the main passages of the story of the character, features such as flashbacks, scene-by-scene descriptions, perspective changes, worked dialogues, life status, and even stream of consciousness were used in the narrative. During the investigation into an attack that the personal reporter suffered in the 1990s, due to a journalistic coverage that he did at the time, the researcher ended up coming to the details of a tragic murder in her own family, occurred when she was still a child, that influenced her entire life trajectory. The narrative, therefore, also gained an autobiographical outline.

Keywords: literary journalism; biographical narratives; profile; investigation.

Sumário

1. Introdução e breve histórico do projeto de pesquisa	9
2. Fundamentação teórica	12
2.1 Convergência entre as duas áreas	16
2.2 <i>New Journalism</i> e o jornalismo literário	17
2.3 Confluência no Brasil	21
2.4 As narrativas biográficas	27
3. Procedimentos metodológicos	30
4. Estratégias e resultados	33
4.1 O uso de <i>flashbacks</i> e outros recursos literários	39
5. Considerações finais	43
6. Referências	45
7. Apêndices	49

1. Introdução e breve histórico do projeto de pesquisa

As fronteiras entre jornalismo e literatura, apesar de bastante estudadas, ainda permitem vários questionamentos, já que, lidando com a palavra, uma área frequentemente se apropria de características que, teoricamente, pertenceriam à outra. Assim, vemos, por exemplo, a literatura utilizar técnicas de apuração jornalística para construção de enredos e desenvolvimento de personagens, ou o jornalismo incorporar linguagens que diferem de sua proposta mais tradicional, que é prezar pela objetividade no trato dos acontecimentos.

Entre as questões que permeiam pesquisas que se debruçam sobre a análise do jornalismo e da literatura, uma das mais importantes diz respeito à possibilidade de imprimir nos textos a subjetividade daquele profissional que escreve. Assim, este projeto de pesquisa surgiu com o objetivo de investigar a prática do jornalismo literário na imprensa diária paraibana, buscando identificar, nos três principais veículos em circulação no estado, profissionais que utilizassem ou se aproximassem dessa técnica.

Consideramos importante explicar como foi concebido o projeto e sua evolução até o material ora apresentado à banca avaliadora. Desde a submissão do pré-projeto ao Programa de Pós-Graduação em Jornalismo (PPJ) da Universidade Federal da Paraíba (UFPB), em setembro de 2014, nossa intenção era criar um produto jornalístico, fosse ele uma série de perfis ou um livro-reportagem. O entendimento sempre foi de que, por se tratar de um mestrado profissional, seria relevante usar o conhecimento adquirido através das leituras e discussões em sala de aula para a produção de um material da nossa área.

A escolha pelo jornalismo literário ocorreu por afinidades pessoais e que remontam ao trabalho de conclusão de curso apresentado ao Departamento de Comunicação Social da UFPB, em 2011. Na monografia intitulada “Pequenas epifanias reais: marcas jornalísticas na produção das crônicas de Caio Fernando Abreu”, observamos a relação entre jornalismo e literatura a partir da produção de crônicas do referido escritor gaúcho, que também trabalhou como jornalista ao longo de toda a sua vida. Nossa hipótese era de que a atividade na imprensa acabou influenciando sua produção paralela.

Sendo assim, a proposta para o mestrado foi fazer o caminho inverso: em vez de procurarmos traços jornalísticos na literatura, pretendíamos focar no uso de recursos literários nas narrativas jornalísticas.

A título de observação para definirmos um objeto de estudo, fizemos uma pré-análise, durante o período de 31 de agosto a 7 de setembro de 2014, em busca de possíveis narrativas jornalísticas que remetessem à escrita literária nos três jornais diários de maior circulação no estado – na época, *Correio da Paraíba*, *A União* e *Jornal da Paraíba* – este último deixou de circular em abril de 2016. A intenção era, antes de definir o projeto de pesquisa propriamente dito, avaliar se era possível encontrar na imprensa paraibana textos mais trabalhados do ponto de vista da construção da narrativa.

Foram lidos todos os cadernos dos três periódicos durante os dias citados, e as notícias e reportagens veiculadas seguiam, em sua maioria, técnicas tradicionais do jornalismo, a exemplo da pirâmide invertida, em que, no primeiro parágrafo do texto, o jornalista responde às principais questões sobre o fato narrado.

Durante essa observação, encontramos apenas uma exceção: a reportagem “A proliferação dos crustáceos”, de autoria de Hilton Gouvêa, publicada em uma edição dominical do jornal *A União*. O texto tem como personagem um pescador de 49 anos que fala sobre o cultivo de lagostas em cativeiro no litoral norte do estado.

É possível identificar, nessa reportagem, certas características que fogem ao modelo mais tradicional de narração jornalística, como: a ausência de fontes oficiais, a exemplo de especialistas ou autoridades para falar sobre a temática em questão (a carcinocultura); o uso de figuras de linguagem, como a expressão “aquários de cimento” para citar os tanques onde as lagostas são criadas; informações pessoais não ligadas diretamente ao tema, como o fato de o homem ser evangélico e acreditar que o sucesso na criação é devido a um dom que Deus lhe deu; e o cuidado do jornalista com os diálogos, humanizando os personagens e não utilizando o recurso apenas para dar informações objetivas.

Há um *box* à direita da página no qual podemos observar ainda mais fortemente elementos que remetem ao fazer literário na narração jornalística:

Quem anda pelos lados de Camurupim ou Tramataia, distritos pesqueiros de Marcação, no Litoral Norte, se depara com coisas inusitadas. Olhos que só enxergam coisas do asfalto se admiram com o despesque de um viveiro de carcinocultura. E colhem a impressão de que os camarões saltam da água para a caixa plástica e que nascem de um veio interminável nas gargantas dos mangues. (...) “O sinhô qué comprá dois quilos? Ora, uma quantia assim a gente num vende, a gente dá”, diz o operário do viveiro, com muita humildade. No momento, Chicó se encontrava limpando as algas que apodrecem dentro dos viveiros e que podem afetar a reprodução do crustáceo, se não for retirada em tempo hábil. “Camarão, aqui, é como batata no roçado”, explica o carcinocultor. (GOUVÊA, 2014a, p. 25)

A partir disso, propusemos ao PPJ/UFPB investigar se a produção jornalística local seguia, majoritariamente, técnicas tradicionais de jornalismo, ou se havia espaço para práticas relacionadas ao jornalismo literário e como elas se apresentavam na imprensa paraibana. A ideia era conhecer os repórteres que fizessem uso de recursos literários na construção de narrativas jornalísticas e analisar seus processos de produção.

Em relação ao *corpus* dessa primeira fase do estudo, delimitamos as edições dominicais dos jornais *Correio da Paraíba*, *Jornal da Paraíba* e *A União*, para restringir a pesquisa exploratória e por considerar que aquelas edições seriam mais favoráveis à prática do jornalismo literário, uma vez que os textos lá publicados têm, geralmente, um prazo maior para apuração e elaboração, além de disporem de mais espaço nas páginas dos periódicos. Em relação ao período de análise, inicialmente, seria o primeiro quadrimestre de 2015, mas modificamos para os primeiros bimestres de 2015 e de 2016, a fim de ter uma comparação mais longitudinal sobre os textos publicados e sobre os profissionais em atuação nos jornais.

Ao longo de tal observação, a escrita de Hilton Gouvêa continuou se destacando sobremaneira em relação aos demais jornalistas em atividade na Paraíba. O pessoense é conhecido como um dos “resistentes” da prática da reportagem no estado, com mais de 40 anos de atuação na imprensa local, voltado principalmente para textos não factuais e temáticas históricas.

A vocação para repórter sempre esteve presente no seu espírito empreendedor e de aventuras, pois, como sobrinho bisneto de Delmiro Gouveia, desde criança gostava de escrever e de explorar o desconhecido. [...] Na profissão de jornalista, detestava as pautas medíocres e, no lugar delas, sugeria outras mais interessantes, recheadas de lances de mistério e aventura. (GOUVÊA, 2014b, [orelha do livro])

Há diversos relatos da participação de Hilton Gouvêa em coberturas de fatos importantes em João Pessoa e no estado da Paraíba, como a tragédia ocorrida na Lagoa do Parque Solon de Lucena, no centro da capital, em 1975. Na ocasião, uma embarcação naufragou e quase 40 pessoas morreram afogadas, em sua maioria crianças. “Ele identificou todas as vítimas e acompanhou de perto o drama dos familiares que perderam filhos, pais e irmãos no maior naufrágio já registrado fora de mar e rios na Paraíba” (GOUVÊA, 2014b, [orelha do livro]).

Conforme contou o repórter, em uma matéria relembando o fato 40 anos depois (GOUVÊA, 2015), ele e um fotógrafo foram presos pelos militares no momento da cobertura jornalística e tiveram confiscados os registros que faziam para o jornal *O Norte*.

Também há outras situações inusitadas na sua carreira profissional, como o encontro inesperado com um ex-capanga do cangaceiro Antônio Silvino, em 1974; o tiro que levou em frente ao jornal *Correio da Paraíba*, em 1995, em virtude da investigação sobre um esquema de roubo de carros envolvendo um juiz, em João Pessoa; e a sua entrada disfarçado como médico no Hospital Psiquiátrico Juliano Moreira, a fim de revelar os graves problemas no local, em plena Ditadura Militar (GOUVÊA, 2014b).

Consideramos todos esses fatos bastante ricos para serem explorados em um trabalho prático, conforme propusemos no projeto de pesquisa apresentado ao PPJ. Desse modo, nossa intenção foi elaborar um produto jornalístico no formato reportagem-perfil, abarcando a trajetória jornalística de Hilton Gouvêa e trabalhando, dentro do estilo do jornalismo literário, o relato de sua história profissional.

2. Fundamentação teórica

Jornalismo e literatura são duas áreas de conhecimento que têm manifestado, ao longo de séculos, uma relação bastante íntima. A isso se atribui, inicialmente, o fato de ambas trabalharem com a mesma matéria-prima: a palavra. Porém, apesar de tal ligação contaminar frequentemente o ofício de jornalistas e escritores, não se pode dizer que esses dois campos são, necessariamente, semelhantes. Ao contrário, textos jornalísticos e literários apresentam características profundamente distintas, seja em relação aos fins a que se destinam no processo comunicacional, seja em suas próprias estruturas.

O jornalismo é definido historicamente como a “atividade que apura acontecimentos e difunde informações da atualidade”, buscando “tornar a existência como algo observável, comprovável, palpável, a ser transmitido como produto digno de credibilidade” (BULHÕES, 2007a, p. 11). Seria uma espécie de testemunho do real, fixando-o, a partir da apuração dos fatos, e buscando compreendê-lo da maneira mais isenta possível.

Já à literatura (que deriva da palavra latina *littera*, ou seja, “letra”) são atribuídas várias definições. No dicionário Aurélio, por exemplo, diz-se que ela é “a arte de compor trabalhos artísticos em prosa ou verso”, ou, ainda, “o conjunto de trabalhos literários dum país ou duma época” (FERREIRA, 2001, p. 461). Bulhões (2007a, p. 12) argumenta que, ao

contrário do jornalismo, “a razão de ser da literatura não é exatamente a comunicação”.

Para o jornalismo, a linguagem é meio, enquanto na literatura ela é fim. Isso quer dizer que o texto literário pressupõe uma experiência estética do leitor, que descobre uma realidade recriada, sem compromisso com a verdade factual. A palavra não seria mera figurante, mas centro das atenções. “Na literatura, a forma é compreendida como portadora, em si, de informação estética” (LAGE, 2006, p. 47), não sendo possível tal experiência ser conseguida por meio de terceiros. Desse modo, o texto literário é insubstituível, pois, no momento em que ele é tomado para ser retransmitido, perde-se sua constituição formal, construindo-se, inevitavelmente, um outro texto.

Já o texto jornalístico gera, em quem lê, a expectativa de que os fatos ali narrados são verdadeiros, comprováveis – e é justamente a apresentação objetiva dos fatos reais (ou seja, o conteúdo) seu ponto mais significativo. Ao contrário do que acontece com o texto literário,

[...] na dinâmica da atividade jornalística, no fenômeno de transfusão comunicacional, substituir, reescrever e transmitir são práticas corriqueiras e necessárias. Não há texto intocável em jornalismo, pois não existe a noção de que ele seja insubstituível. A permutabilidade e a retransmissão chegam a constituir uma espécie de índole da textualidade jornalística. (BULHÕES, 2007a, p. 15)

Conforme o modelo consolidado nos Estados Unidos, no século XIX, e que se tornou hegemônico no mundo contemporâneo¹, fazer jornalismo consiste em escrever notícias, reportagens, textos imediatistas que exigem precisão e imparcialidade, além de uma uniformização na linguagem, de acordo com padrões definidos por cada veículo. Já fazer literatura é criar romances, novelas, poemas, onde o que vale é justamente o oposto: a singularidade do discurso, a originalidade (MARQUES, 2009). Porém, Lage (2006, p. 47) lembra que a produção de qualquer texto implica em restrições do código linguístico. A própria literatura traz “regras operacionais” que dispõem, por exemplo, sobre métricas e rimas de um soneto ou a ausência delas na poesia moderna, definindo, dessa maneira, seus gêneros.

Tratando especificamente sobre a linguagem jornalística, Lage (2006, p. 8) nota que predomina, como padrão de julgamento do que interessa ou não publicar, “a condição efêmera do produto e seu compromisso com a prestação de serviços”. Nesse tipo de produção textual,

¹ A concepção norte-americana acerca da realização da atividade jornalística assinalou como fundamento a busca pela informação, sendo seu principal produto a notícia. Desse modo, consagraram-se na imprensa norte-americana certos procedimentos e regras para a escrita noticiosa, resultando em uma padronização textual pautada por critérios como concisão, clareza e objetividade. A fórmula da “pirâmide invertida” e a utilização do *lead* (trazendo, no início do texto, as informações mais importantes acerca do fato noticiado – quem, o quê, quando, onde, como e por quê) foram aceitas e ajustadas às necessidades do jornalismo praticado nos mais diversos países. (BULHÕES, 2007a)

a intenção é processar a informação em escala industrial, reduzindo-se, portanto, as variáveis formais mais do que na literatura. O autor acrescenta que, no entanto, tal supressão no jornalismo é crítica e visa a, sobretudo, “remover o entulho e repor vida às palavras”, ao contrário do que ocorre, por exemplo, em fórmulas congeladas utilizadas em outras áreas.

O texto jornalístico procura conter informação conceitual, o que significa suprimir usos linguísticos pobres de valores referenciais, como as frases feitas da linguagem cartorária. Sua descrição não se pode limitar ao fornecimento de fórmulas rígidas porque elas não dão conta da variedade de situações encontradas no mundo objetivo e tendem a envelhecer rapidamente. (LAGE, 2006)

Marques (2009) propõe, a fim de estabelecer critérios para estudo da relação entre jornalismo e literatura, a análise de textos a partir das funções da linguagem identificadas pelo linguista russo Roman Jakobson, colocando, desse modo, a estrutura linguística de cada obra em evidência.

Jakobson (2000) definiu que, a partir da ênfase em cada um dos seis elementos constitutivos da comunicação (a saber: remetente, destinatário, contexto, canal, código e mensagem), existem seis funções da linguagem: emotiva, conativa, referencial, fática, metalinguística e poética, respectivamente. Um mesmo texto pode apresentar uma, várias ou até mesmo todas as funções da linguagem – embora, quase sempre, uma predomine em relação às outras.

No jornalismo, a função predominante é a referencial, ou seja, aquela que enfatiza o caráter informativo, desprovido de opinião e que utiliza, na maioria das vezes, o emprego de palavras em sentido denotativo. Ao contrário, o texto literário abre-se naturalmente a todas as outras funções, embora deva dominar a função poética, em que a atenção maior é em relação ao próprio texto. (MEDEL, 2002)

A linguagem literária é percebida como tal quando ultrapassa o imediatismo, o previsível e o estereótipo das situações cotidianas, o que, segundo Marques (2009), já cria uma tensão na relação entre jornalismo e literatura. Isso porque o imediatismo e a temporalidade são justamente o que caracteriza o jornalismo, embora “o mesmo rigor técnico, a mesma criatividade, o mesmo cuidado que são exigidos de um texto de ficção são exigidos de um texto jornalístico” (NEPOMUCENO, 1999, p. 21, apud MARQUES, 2009, p. 15).

Nepomuceno (1999, apud MARQUES, 2009) ressalta, ainda, que textos jornalísticos têm especificidades, como tempo e espaço, que pressionam seu produtor a cumpri-las com

rigor. Debruçando-se também sobre essa questão, Lage (2006, p. 48-58) estabelece três pontos que resultam em restrições na linguagem jornalística: os registros de linguagem, o processo de comunicação e os compromissos ideológicos.

Em primeiro lugar, existem diferentes registros de linguagem a que o jornalista deve se adaptar: o registro formal, imposto socialmente, que é próprio da modalidade escrita e tende a preservar usos linguísticos do passado, e o registro coloquial, espontâneo, que compreende a modalidade falada e reflete a realidade familiar, comunitária, regional e mais imediata. Do ponto de vista comunicacional, o registro coloquial seria sempre preferível, pois atinge todas as camadas sociais e permite maior expressividade. Porém, o emprego do registro formal é valorizado social e politicamente, qualificando qualquer desvio como erro. Sendo assim,

a conciliação entre esses dois interesses – de uma comunicação eficiente e de aceitação social – resulta na restrição fundamental a que está sujeita a linguagem jornalística: ela é basicamente constituída de palavras, expressões e regras combinatórias que *são possíveis no registro coloquial e aceitas no registro formal*. (grifo do autor) (LAGE, 2006, p. 49-50)

Lage (2006, p. 51), retomando as funções da linguagem definidas por Jakobson, lembra ainda que a comunicação jornalística, ao se valer da função referencial, “fala de algo no mundo, exterior ao emissor, ao receptor e ao processo de comunicação em si”. Isso resultaria, segundo o autor, no uso quase obrigatório da terceira pessoa, bem como na eliminação de “aferições subjetivas” (adjetivos e expressões cujo sentido depende de valores e padrões do emissor), oferecendo, assim, enunciados mais referenciais e concretos, que permitam ao receptor fazer suas próprias avaliações.

Por fim, também se apresentam questões de ideologia na construção da linguagem jornalística, haja vista que “não se faz jornalismo fora da sociedade e do tempo histórico”. Lage (2006, p. 54) exemplifica essa questão citando o fato de que, em países periféricos como o Brasil, julgam-se ameaçadas a soberania nacional e os valores culturais, diante das relações de poder no mundo contemporâneo. Tal convicção motiva atitudes de resistência por parte dos cidadãos, e também no jornalismo, para manter certas estruturas do idioma, como, por exemplo, o modo subjuntivo dos verbos (inexistente na língua inglesa) e a expressividade do pretérito mais-que-perfeito, bem como a escolha de certas palavras em detrimento de outras. Lage afirma que, desde que a comunicabilidade não seja afetada e as posições sejam tomadas conscientemente, não há perdas, e, sim, ganhos.

2.1. Convergência entre as duas áreas

Apesar de as estruturas dos textos jornalísticos e literários apresentarem-se tão distintas, no cotidiano, escritores e jornalistas não percebem essas fronteiras com tanta nitidez e vivem constantemente um rico intercâmbio, tendo muitos escritores consagrados transitado entre a solitária vocação literária e o trabalho diário em redações de jornais.

Damázio (in JORNALISMO X LITERATURA, [s.d.]) estabelece três causas para o favorecimento, até os dias atuais, desse intercâmbio: a primeira diz respeito à ligação que os dois ofícios têm com a escrita, como já foi mencionado anteriormente; o segundo ressalta a questão da sobrevivência, o que leva frequentemente escritores a trabalharem em redações, seja como funcionários ou realizando trabalhos eventuais (os chamados *freelancer*); por fim, existe a visibilidade dos meios de comunicação, mantendo o nome do escritor em circulação.

Santaella (2005) atribui à convergência entre essas duas áreas uma relação com o contexto a que elas estão ligadas, qual seja o momento em que as belas artes perderam o domínio da nossa cultura, para serem substituídas pelos meios de comunicação de massa. Tal momento, argumenta a autora, veio em consequência das mudanças trazidas pela Revolução Industrial, pelo capitalismo e pelo surgimento de uma sociedade urbana e de consumo, alterando profundamente o contexto em que as artes operavam.

A autora estipula ainda a contemporaneidade como ponto culminante da junção entre as comunicações e as artes. No entanto, ela esclarece que convergir não significa “identificar-se, mas tomar rumos que, não obstante as diferenças, se dirijam para a ocupação de territórios comuns, nos quais as diferenças se roçam sem perder seus contornos próprios” (SANTAELLA, 2005, p. 7).

Bulhões (2007a, p. 40) indica que a narratividade é um ponto essencial na aproximação entre jornalismo e literatura, já que ambos os campos produzem textos narrativos, “que contam uma sequência de eventos que se sucedem no tempo”. Segundo o autor, o verbo “narrar” deriva do vocábulo latino *narro*, que significa “dar a conhecer”. Isso implica dizer que tanto o jornalismo quanto a literatura atuam como “expedientes de conhecimento do mundo”, tendo o primeiro adotado o horizonte daquilo que é razoável, crível, admissível, enquanto o último atuaria através da prática imaginativa e alegórica. (BULHÕES, 2007a, p. 25 e 40)

A narratividade atinge tanto os gêneros literários em prosa, a exemplo do romance e do conto, quanto os gêneros jornalísticos, como a notícia e a reportagem. Sodré e Ferrari (1986, p. 75) estabelecem que há um “namoro [do jornalismo] com a literatura” em vários textos, a exemplo do romance-reportagem, da reportagem-conto ou da crônica.

2.2 *New Journalism* e o jornalismo literário

Essa narratividade comum ao jornalismo e à literatura também foi um fator que contribuiu para novas formas de hibridização dos dois campos. Um movimento que tomou emprestados elementos da narrativa literária para elaboração de reportagens surgiu, na década de 1960, como uma espécie de resposta às exigências de objetividade, concisão e pragmatismo do jornalismo praticado nos Estados Unidos: era o *New Journalism*, que viria a influenciar posteriormente o jornalismo literário praticado em todo o mundo.

O fato de o *New Journalism* ter surgido ali é sintomático de uma atitude de reação. No país em que o jornalismo mais se desenvolveu como sinônimo de prática textual pré-moldada, cujos produtos redacionais passam por uma estrutura similar à linha de produção industrial, compreende-se que o *New Journalism* tenha adquirido o sentido de uma postura libertária. (BULHÕES, 2007a, p. 146)

Como esclarece Bulhões (2007a), o *New Journalism* não se configurou exatamente como um movimento, haja vista que não chegou a estabelecer ideias ou princípios, sendo mais uma tendência ou atitude desenvolvida através de uma nova textualidade jornalística praticada em alguns periódicos norte-americanos.

Wolfe (2005, p. 40-41) relembra:

Não era nenhum “movimento”. Não havia manifestos, clubes, salões, nenhuma panelinha; nem mesmo um bar onde se reunissem os fiéis visto que não era nenhuma fé, nenhum credo. Na época, meados dos anos 60, o que aconteceu foi que, de repente, sabia-se que havia uma espécie de excitação artística no jornalismo, e isso em si já era uma novidade”

Bulhões (2007a, p. 147) acrescenta que, no contexto do surgimento do *New Journalism* norte-americano, havia ainda uma “visível delimitação que separava o *status* de escritor literário da imagem do jornalista”, sendo este último a base da pirâmide, “a rale da escritura”, no lugar oposto ao ocupado pela alta literatura.

Wolfe (2005) diz que havia uma aspiração, entre alguns profissionais norte-americanos em atividade naquela época, principalmente os jornalistas de reportagens especiais, de ocupar as redações como uma espécie de estágio para melhorar a própria escrita.

A ideia era conseguir um emprego num jornal, conservar inteiros o corpo e a alma, pagar o aluguel, conhecer o “mundo”, acumular “experiência”, talvez eliminar um pouco da gordura do seu estilo – depois, em algum momento, demitir-se pura e simplesmente, dizer adeus ao jornalismo, mudar-se para uma cabana em algum lugar, trabalhar dia e noite durante seis meses, e iluminar o céu com o triunfo final. O triunfo final era conhecido como O Romance. (WOLFE, 2005, p. 13)

Segundo ele, no início dos anos 1960, uma ideia diferente começou a brotar entre esses profissionais: “[...] talvez fosse possível escrever jornalismo para ser... lido como um romance” (WOLFE, 2005, p. 19). Entre os principais nomes a quem se atribui a formação desse novo estilo jornalístico, estão Tom Wolfe e Gay Talese. Ambos defendiam a transposição dos limites tradicionais do fazer jornalístico, numa luta contra a rigidez e a falta de imaginação, através do uso de atributos típicos da construção literária.

Talese, por exemplo, valia-se de diálogos intimistas, “manejando com habilidade um atraente jogo narrativo-expositivo” (BULHÕES, 2007a, p. 147) em seus textos, escrevendo sobre pessoas “como se elas fossem partes de um conto ou de um romance” (JORNALISMO X LITERATURA, [s.d.], p. 14), mas de modo que essa escrita “fosse precisa, verificável, que não distorcesse os fatos em nome da apresentação dramática” (JORNALISMO X LITERATURA, [s.d.], p. 14). O perfil “Frank Sinatra está resfriado” é um de seus trabalhos mais famosos – o jornalista o construiu sem entrevistar o cantor norte-americano, apenas observando-o e obtendo informações de pessoas próximas a ele.

Já Wolfe se atrevia com técnicas mais ousadas, como a presença excessiva de travessões, uso de itálico, pontos de exclamação, repetição de letras e mudanças constantes no foco narrativo, de modo que o leitor pudesse até mesmo entrar na mente dos personagens da história (BULHÕES, 2007a; WOLFE, 2005). Wolfe (2005) sustenta que, até então, não existia o pensamento de que a reportagem jornalística poderia ter uma dimensão estética.

[...] é possível na não ficção, no jornalismo, usar qualquer recurso literário, dos dialogismos tradicionais do ensaio ao fluxo de consciência, e usar muitos tipos diferentes ao mesmo tempo, ou dentro de um espaço relativamente curto... para excitar tanto intelectual como emocionalmente o leitor. (WOLFE, 2005, p. 28)

Para ele, existem quatro recursos básicos que tornariam o texto jornalístico mais atrativo do ponto de vista narrativo: a construção cena a cena, o uso de diálogos completos, o

ponto de vista e o registro de símbolos do *status* de vida.

A primeira técnica se trata de um registro detalhado dos acontecimentos, de forma editada, às vezes avançando e retrocedendo na história, quase à maneira de uma projeção cinematográfica. Isso exige do jornalista um trabalho profundo de captação das informações, inclusive testemunhando as cenas conforme elas vão ocorrendo, o que também lhe possibilitaria trabalhar diálogos completos.

[...] o diálogo realista envolve o leitor mais completamente do que qualquer outro recurso. Ele também estabelece e define o personagem mais depressa e com mais eficiência do que qualquer outro recurso. Dickens tem um jeito de fixar o personagem em nossa mente de modo que se tem a sensação de que ele descreveu cada milímetro de sua aparência – e, quando a gente se dá o trabalho de voltar atrás, descobre que na verdade ele se desincumbiu da descrição física em duas ou três frases, o resto conseguiu no diálogo. (WOLFE, 2005, p. 54)

Já o uso do ponto de vista se refere à capacidade de apresentar as cenas sob o olhar de um personagem em particular, podendo a narrativa transitar entre as cabeças de vários personagens, mudando de perspectiva. “[...] como pode um jornalista, escrevendo não ficção, penetrar acuradamente os pensamentos de outra pessoa? A resposta mostrou-se deslumbrantemente simples: entreviste-o sobre seus sentimentos e emoções, junto com o resto” (WOLFE, 2005, p. 55).

Por fim, o recurso do símbolo de *status* de vida, segundo Wolfe (2005), é o menos compreendido. Trata-se do registro de certas características, desde pessoais, como gestos, expressões, olhares, maneira de andar, vestuário; até ambientais e sociais, como mobília, decoração, comportamentos com outras pessoas, costumes, etc. Eles funcionariam para demonstrar como a pessoa se coloca no mundo ou que posição almeja. “O registro desses detalhes não é mero bordado em prosa. Ele se coloca junto ao centro de poder do realismo, assim como qualquer outro recurso da literatura” (WOLFE, 2005, p. 55).

Entre as “regras quebráveis”² estipuladas para o exercício do jornalismo literário, destacam-se ainda fatores como a imersão do jornalista no universo do assunto da reportagem (o que implica grande dedicação e tempo ao tema, sem preocupações como objetividade ou distanciamento) e a utilização de digressões ao longo do texto, estruturando-o à maneira de um “contador de histórias”. O jornalista literário também deveria se preocupar em adotar

² Preceitos formulados pelo jornalista norte-americano Mark Kramer, no artigo *Breakable Rules For Literary Journalists* (algo como “Regras Quebráveis Para Jornalistas Literários”), importantes para a produção jornalístico-literária. Como sugere o título, não são regras fixas. (JORNALISMO X LITERATURA, [s.d.], p. 72)

linguagem e voz próprias, em oposição à impessoalidade exigida no jornalismo ortodoxo. (JORNALISMO X LITERATURA, [s.d.], p. 72)

Ironicamente, aquela que é considerada por muitos a obra-prima do *New Journalism* não foi escrita por um jornalista de profissão, mas por um autor norte-americano que incorporou técnicas jornalísticas para reconstruir minuciosamente o brutal assassinato de um fazendeiro e sua família do estado do Kansas. O livro “A Sangue Frio”, de Truman Capote, é pioneiro no gênero que ficou conhecido posteriormente como romance de não ficção. A matéria foi publicada em capítulos na revista *The New Yorker*, em 1965, e saiu em livro no ano seguinte. (WOLFE, 2005)

O autor já vinha observando no jornalismo uma possibilidade de renovação da experiência literária, que, de acordo com sua concepção, não trazia nada de inovador desde o início do século XX. Assim, na obra em questão, Capote se dedicou a “escrever uma longa narrativa apoiada na prática jornalística, uma narrativa sem fabulação, sem formulação imaginativa, um ‘romance jornalístico’” (BULHÕES, 2007a, p. 149).

Durante quase seis anos, ele vasculhou documentos, diários, ouviu repetidamente um grande número de pessoas ligadas ao caso e os próprios acusados, com os quais se relacionou intimamente. Isso permitiu que, no trabalho, o narrador se mostrasse capaz de revelar minúcias dos acontecimentos, utilizando vários diálogos em discurso direto, e até mesmo manifestando devaneios e perturbações não somente dos acusados, mas das próprias vítimas. Capote, assim como defendiam Talese e Wolfe, valeu-se largamente das entrevistas jornalísticas como um “canal de auscultação de sentimentos e sensações íntimas”. Ao mesmo tempo, manipulou habilmente diversos instrumentos (a exemplo das altas doses de suspense) típicos dos produtos narrativos de ficção. (BULHÕES, 2007a)

Apesar de Capote sustentar que sua obra não fazia parte do *New Journalism*, e sim da literatura, “A Sangue Frio” abriu portas para a experimentação nas páginas não só da imprensa nos Estados Unidos. A tendência norte-americana acabou lançando influência em vários países, inclusive no Brasil, como foi o caso da explosão do romances-reportagens, durante o período da Ditadura Militar, e da produção da revista *Realidade*, da Editora Abril, a qual circulou no país entre os anos de 1966 e 1976.

Cosson (2007) aponta que, posteriormente, a tendência norte-americana ganhou uma nova linha de leitura e passou a ser assinalada como um gênero específico, sob a denominação de jornalismo literário. A respeito desse conceito, Pena (2006, p. 13) interpreta:

Não se trata apenas de fugir das amarras da redação ou de exercitar a veia literária em um livro-reportagem. O conceito é muito mais amplo. Significa potencializar os recursos do jornalismo, ultrapassar os limites dos acontecimentos cotidianos, proporcionar visões amplas da realidade, exercer plenamente a cidadania, romper as correntes burocráticas do lide, evitar os definidores primários e, principalmente, garantir perenidade e profundidade aos relatos. No dia seguinte, o texto deve servir para algo mais do que simplesmente embrulhar o peixe na feira.

2.3 Confluência no Brasil

De acordo com Jesus (2007, [s.p.]), a relação entre o jornalismo e a literatura no Brasil surgiu com a chegada da família real portuguesa, “quando livros e jornais passaram a sair da mesma prensa”. Desde essa época, o exercício jornalístico por parte de literatos se dava, majoritariamente, devido a questões econômicas: muitos ficcionistas viam no jornalismo uma alternativa para se manterem financeiramente, uma vez que não havia, no Brasil, um mercado editorial forte. Também é apontado como fator para tal incursão o interesse de intelectuais em estabelecer, após a independência do Brasil, uma identidade nacional – e a imprensa figurava, portanto, como um instrumento político útil, temido e cortejado por elites e governantes (JORNALISMO X LITERATURA, [s.d.], p. 10). Assim, todos os grandes autores da época escreveram assiduamente em periódicos.

Conforme aponta Medina (1978, p. 60), inicialmente, a atividade jornalística servia basicamente como um “arauto do governo”, divulgando relatos oficiais. Somente após 1821, quando D. Pedro I decretou o fim da censura prévia, começaram a surgir veículos independentes, mas, ainda assim, o interesse principal dos jornais era, antes de informar, formar opiniões. A defesa dos costumes e virtudes morais da sociedade era um de seus principais objetivos, juntamente com a publicação de novelas, trechos de autores clássicos e anedotas, a fim de suprir as necessidades da elite urbana pré-industrial. (MEDINA, 1978)

O jornalismo praticado no Brasil, até a metade do século XX, baseava-se no modelo francês³, valorizando gêneros mais opinativos, de modo que as técnicas de redação e literária

³ Entre os séculos XIX e XX, havia duas concepções distintas acerca da realização da atividade jornalística. O modelo norte-americano, que rapidamente traçou uma feição comercial e empresarial, assinalou como fundamento da prática jornalística a busca pela informação, sendo seu principal produto a notícia. A difusão informativa adquiriu caráter de atividade econômica, visando atrair grande contingente de leitores para, assim, captar o interesse de anunciantes. Desse modo, foram-se consagrando na imprensa norte-americana certos procedimentos e regras para a escrita noticiosa, resultando em uma padronização textual pautada por

se mostravam bastante próximas. Medina (1978) aponta a escassez de recursos técnicos, a forma quase artesanal da tipografia e a dificuldade de acesso às fontes oficiais como determinantes na existência de veículos daquela natureza.

Sem figurar ainda como profissão, o jornalismo era visto, por alguns, como uma espécie de iniciação aos que pretendiam se tornar escritores, além de funcionar como forte instrumento de divulgação de obras literárias – muitas vezes, apresentadas ao público primeiramente nos rodapés dos jornais (JESUS, 2007, [s.p.]). Dessa geração de escritores-jornalistas, podemos destacar nomes como Machado de Assis e José de Alencar, que estiveram mais ligados à crônica e ao articulismo e mais distantes dos chamados “jornalistas braçais” modernos, que escreviam reportagens, corrigiam textos, editavam páginas.

A figura do escritor-jornalista brasileiro, no entanto, somente se consagrou no século XX, quando a atividade jornalística adquiriu um caráter comercial e profissional (BULHÕES, 2007a, p. 79). Essa transformação, que ocorreu tardiamente em nosso país, esteve relacionada a um projeto governamental de captação de investimentos estrangeiros – que pode ser observado, por exemplo, na rápida modernização sofrida pela capital da República (à época, a cidade do Rio de Janeiro), justamente no início do século. Com isso, começava a se constituir um mercado de trabalho industrial e urbano, baseado na mão de obra de imigrantes e ex-escravos, semelhante ao que ocorria em São Paulo, e a formação de classes pobres no cenário urbano. (SIQUEIRA, 2004)

Tal mudança significou uma ruptura profunda com as práticas do jornalismo realizado até então, as quais

possuíam paginação sem movimento ou graça, um alinhamento monótono de colunas, desconheciam manchetes e outros procedimentos jornalísticos, isso quando não traziam um soneto na primeira página dedicado ao próprio diretor do jornal. (EDMUNDO, 1938, apud BULHÕES, 2007a, p. 101)

Em oposição a esse modelo, voltado para uma elite letrada e que seguia padrões estéticos europeus, o jornalismo moderno passou a se preocupar com a conquista do interesse das recém-formadas massas urbanas, figurando como item de consumo. Com vistas a

critérios como concisão, clareza e objetividade. A fórmula da “pirâmide invertida” e a utilização do *lead* (trazendo, no início do texto, as informações mais importantes acerca do fato noticiado) foram aceitas e ajustadas às necessidades do jornalismo praticado nos mais diversos países. Destoando desse modelo, o jornalismo praticado na França, à época, mostrava-se doutrinário, verborrágico e opinativo. Muito influenciado pela tradição *livresca* e pela herança iluminista, o modelo francês também foi consequência de fatores econômicos: ao contrário do que ocorria nos Estados Unidos, os jornais franceses eram dependentes de partidos políticos e não contavam com o incremento publicitário. Assim, a imprensa francesa demorou a atingir sua autonomia, mas acabou, posteriormente, por adotar e adaptar a identidade noticiosa já conhecida pelos norte-americanos e consagrada mundialmente. (BULHÕES, 2007a, p. 29-32)

satisfazer esse público e, assim, atrair cada vez mais anunciantes, a imprensa importou equipamentos modernos e evoluiu de um modelo artesanal para sua fase industrial. A notícia torna-se, então, o principal produto dessa nova lógica comercial, priorizando, “no lugar de doutrinação [principal característica do antigo modelo], entretenimento e informação” (BULHÕES, 2007b, p. 79).

Segundo Medina (1978), o surgimento da notícia trouxe consigo a figura do repórter, até então inexistente. Como forma de continuar atraindo a atenção do seu público, o gênero noticioso se enriqueceu, substituindo a brevidade do “relato quase telegráfico” por uma forma mais acurada de apuração e apresentação dos fatos, que teve na figura de João do Rio o seu primeiro expoente.

Vista em perspectiva, a imagem de João do Rio é a de quem compreendeu e assimilou os novos tempos da imprensa jornalística no Brasil, deslocando a imagem do escritor para as demandas que se apresentavam naquele contexto. Com ele, o escritor veste o figurino do jornalista e, mais particularmente, do repórter. (BULHÕES, 2007b, p. 79)

Voltado para questões relacionadas às classes sociais menos favorecidas, o escritor carioca já utilizava técnicas de um repórter moderno: a verificação dos fatos *in loco*, o questionamento das fontes, a circulação por diferentes bairros da cidade, em busca de diversidade. Jamais havia passado pela mente de um literato, por exemplo, visitar um criminoso na cadeia e conversar com ele, prática comum de João do Rio para construção de suas narrativas (BROCA, 1956, apud MEDINA, 1978). Graças a esses métodos, ele é considerado o primeiro repórter brasileiro e também precursor do jornalismo investigativo. (BULHÕES, 2007b; SIQUEIRA, 2004)

Por deixar de lado o estilo “crônica de gabinete”, cujo trabalho era feito sem averiguação das informações, e optar por ir a campo, diz-se ora que João do Rio inaugurou a reportagem em sentido pleno; ora, a crônica moderna (SIQUEIRA, 2004; BULHÕES, 2007b; MEDINA, 1978). Seus textos também chegam a ser denominados “crônicas-reportagens”, dada a tão intensa mistura entre jornalismo e literatura, o que, consequentemente, acabou por reavivar a tensão entre esses dois campos: “se por um lado dá-se credibilidade e acredita-se na veracidade de suas reportagens, afirmando-se serem elas fruto de apuração rigorosa de jornalismo moderno, por outro já se considerou que possuem muito de ficção, produtos da fantasia e da imaginação” (BULHÕES, 2007b, p. 80), por vezes apresentando vislumbres poéticos (BROCA, 1956, apud MEDINA, 1978).

João do Rio, no entanto, tinha consciência, “às vezes lúcida, outras vezes vaga, de

que sua obra era a de um jornalista e não de um literato” (MEDINA, 1978, p. 64). Grande parte dos textos apresentados por ele, por exemplo, ao se candidatar à vaga que ocuparia na Academia Brasileira de Letras, vinha das páginas dos jornais em que trabalhou, o que confirma a tese de que, como escritor, João de Rio era, antes de tudo, um jornalista (JORNALISMO X LITERATURA, [s.d.], p. 19).

Em vez de considerar conflituosas as imagens do repórter e do ficcionista, Bulhões (2007b, p. 80) sugere que se deve valorizar a noção de convivência simultânea, ambígua, porém, não dicotômica. O autor lembra que, na época vivida por João do Rio, não havia ainda no jornalismo a “padronização estilística que expulsaria a literatura dos atributos da reportagem”, tendência que só tomaria forma na década de 1950. Desse modo, o texto jornalístico se aventurava, normalmente, a conquistar o leitor também através de artifícios ficcionais.

Ao longo do século, vários outros nomes da literatura brasileira ganharam destaque na imprensa, desempenhando não só a função de repórteres, mas também como editores, críticos, cronistas, etc. Podemos citar como exemplo escritores como: Graciliano Ramos, que trabalhou como copidesque; Carlos Drummond de Andrade, que chefiou redações; ou Oswald de Andrade, que, além de repórter e redator, foi dono de jornais e revistas. A exemplo do que acontecia no cenário mundial, havia uma grande troca entre a linguagem sofisticada da criação literária e a coloquialidade do trabalho diário nas redações. (PIRES, 2002)

Somente a partir da década de 1950 surgiria a intenção de separar definitivamente jornalismo e literatura no Brasil. Bulhões (2007a) explica que tal mudança buscava sobretudo expulsar as marcas da literatura da atividade jornalística, sendo uma incorporação da objetividade já praticada na imprensa norte-americana desde 1900, sob a forma do *lead*. De acordo com Sodré (1983, p. 297, apud COSSON, 2007, p. 99), “aos homens de letras, a imprensa impõe, agora, que escrevam menos colaborações assinadas sobre assuntos de interesse restrito do que o esforço para se colocarem em condições de redigir objetivamente reportagens, entrevistas, notícias”. Rangel (2003) esclarece que esses critérios de objetividade, imparcialidade e neutralidade, basilares no processo para tornar o jornalismo um campo autônomo, queriam construir a figura do grande jornal em detrimento da figura de grandes jornalistas.

Também do padrão americano de jornalismo foram trazidas a segmentação de funções e a divisão do jornal em editorias, delimitando gêneros jornalísticos e, dessa forma, separando claramente notícia de opinião. É importante frisar que essa nova configuração não

expurgou completamente a literatura das páginas dos jornais, estabelecendo pelo menos um gênero onde os dois campos podiam se cruzar livremente: a crônica. Mas, apesar desse espaço cativo, surgiram, em resistência à padronização textual nos jornais, alguns veículos que defendiam uma maior utilização de artifícios literários em textos jornalísticos.

Em uma das tentativas de preservação desse discurso híbrido, nasceu, em 1966, a revista *Realidade*, que, à maneira do *New Journalism* praticado em alguns periódicos nos Estados Unidos, valorizava grandes reportagens, perfis e outros gêneros jornalísticos próximos da realização literária.

O engenho textual das grandes reportagens de *Realidade*, operando largamente com o que pode ser nomeado como função poética da linguagem – segundo o famoso modelo teórico de Jakobson –, se fazia com o desenvolvimento narrativo próximo do gênero conto, matizando-se em caminhos estilísticos distintos, compondo um painel diversificado segundo as opções formais de cada rubrica assinada [...] [e] um esforço de individualização textual, um franco exercício criativo com postura aderente a procedimentos de criação literária. (BULHÕES, 2007a, p. 143-144)

Como frisa Cosson (2007), *Realidade* foi a primeira experiência da Editora Abril no campo jornalístico e se tornou marco do processo de “modernização” pelo qual passava a imprensa brasileira em meados dos anos 1960. Aproveitando recursos técnicos de impressão e editoração de maneira inédita e abordando de modo inovador temas considerados tabus pela sociedade da época, a revista alcançou, em menos de um ano, o dobro de sua tiragem inicial, chegando à marca de mais de 500 mil exemplares vendidos. (JORNALISMO X LITERATURA, [s.d.])

No entanto, mesmo com todo o sucesso, seu caráter questionador não sobreviveu a mais do que uma década. A revista foi extinta em 1976, atribuindo-se a isso razões imprecisas – alguns apontam erros de gerenciamento; outros, problemas com a censura. O fato é que, já a partir de 1968, os esforços da Editora Abril pareciam estar se voltando para o novo padrão de objetividade no jornalismo, através da criação da revista semanal de informação *Veja*, que passou a circular naquele mesmo ano.

Mas, durante o período em que existiu, *Realidade* não foi o único exemplo de resistência à desvinculação entre jornalismo e literatura no Brasil. Como analisa Hohlfeldt (1994, apud COSSON, 2007), alguns fatores presentes na história recente do Brasil influenciaram fortemente a aproximação entre os dois campos, tornando-a fenômeno típico de uma época. Estamos falando dos anos 1970, do regime militar instaurado em nosso país e de seus desdobramentos.

Devido à conjuntura que se formou, foram surgindo novos espaços no jornalismo brasileiro, numa tentativa de resistência à Ditadura Militar, tendo como exemplo a chamada imprensa alternativa. Barros (2003) verifica que, entre os anos de 1964 e 1980, nasceram e morreram 150 periódicos cujo traço comum era a oposição intransigente à Ditadura Militar. Segundo a autora, esse tipo de jornalismo sofreu influência do *New Journalism* e da contracultura americana, abordando questões comportamentais e sociais sob um novo olhar, sem se prender aos padrões de objetividade da imprensa tradicional e, na maioria das vezes, contrapondo-se a eles.

Gentili (2004, p. 1) analisa, pois, que a década de 1970 “foi um período onde a imprensa sofreu muito. Mas talvez tenha sido, no decorrer de todo o século XX, o período onde a imprensa mais mostrou o seu potencial”.

A literatura, por sua vez, ocupou um lugar especial dentre os campos que sofreram com a censura na década de 1970. Isso porque, comparativamente, ela não foi tão prejudicada com a ação direta da censura e serviu como uma espécie de “válvula de escape cultural por parte do sistema repressivo” (COSSON, 2007, p. 27-28). Cosson (2007) esclarece que não estão sendo desconsideradas as inúmeras proibições de obras literárias durante o regime militar, ou as pressões econômicas sofridas pelas editoras, muito menos os dilemas pelos quais passaram os escritores, vítimas tanto da censura quanto da autocensura. O que os autores apontam é que a literatura não representava, aos olhos do regime, uma grande ameaça, dado o reduzido número de leitores e a baixa tiragem de livros no Brasil, na época.

Esse contexto fez com que emergisse um novo gênero textual, baseado em episódios reais, com personagens reais, porém, com características de narrativas ficcionais. O romance-reportagem – espécie de versão brasileira para o romance de não ficção do *New Journalism* norte-americano – respondeu por grande parte da produção literária da época, tendo como função básica a denúncia social.

No entanto, se no Estados Unidos, por exemplo, o trabalho de Truman Capote foi bem recebido pela crítica, aqui no Brasil, o romance-reportagem foi, muitas vezes, visto apenas como uma extensão da reportagem, sem legitimidade estética. Não há, por exemplo, um questionamento da técnica jornalística, como ocorria com a produção associada ao *New Journalism*, o que acaba por reforçar a ilusão de objetividade e imparcialidade da imprensa burguesa, justamente aquela que se pretendia combater. A categorização dessas obras também sofreu dificuldades, sendo elas ora apontadas como produções jornalísticas, ora figurando como obras literárias. (COSSON, 2007)

2.4 As narrativas biográficas

Personagens são elementos quase sempre presentes nas histórias narradas pela humanidade, sejam elas ficcionais ou não. O relato sobre pessoas é explorado desde a Antiguidade (BORGES, 2006) e nas mais variadas áreas de conhecimento – Antropologia, História, Sociologia, Literatura, etc.

Há muitas maneiras de contar uma história, mas nenhuma pode prescindir de personagens. Também são inúmeras as formas de apresentá-los, caracterizá-los ou fazer com que atuem. De qualquer modo, existe sempre um momento na narrativa em que a ação se interrompe para dar lugar à descrição (interior ou exterior) de um personagem. (SODRÉ; FERRARI, 1986, p. 125)

No jornalismo, os personagens são comumente usados para exemplificar os temas abordados nos textos, e, quando esse elemento passa de mero exemplo para ponto central das narrativas, surgem os textos biográficos. Apesar de não ser exclusivo da área, o gênero ganhou bastante notoriedade nas mãos de jornalistas, devido à capacidade de esses profissionais envolverem os leitores com as palavras e de fazerem relatos atraentes e minuciosos, fruto de acuradas pesquisas. (BORGES, 2006; PENA, 2013; SCHMIDT, 1997)

Segundo Kotscho (2000) e Vilas Boas (2014), as narrativas biográficas estão entre os trabalhos mais ricos no âmbito do jornalismo, por permitirem que os profissionais explorem a história de alguém e suas características e elaborem narrativas mais aprofundadas e com mais recursos, o que nem sempre é possível na produção noticiosa.

A palavra biografia é oriunda dos termos gregos *bios* e *graphein*, referindo-se, portanto, desde a Antiguidade, aos escritos sobre a vida de alguém (BORGES, 2006). Conforme destacam Werneck (2014) e Vilas Boas (2008), historicamente, o gênero biográfico voltava-se frequentemente para indivíduos famosos, influentes, considerados “extraordinários” perante os demais na sociedade e dignos de serem retratados. “Esse modelo um tanto autoritário tornou a biografia o veículo de divulgação das criaturas de grande quilate. Não mais santos e reis, como ocorrera até o século XVIII, pelo menos, mas algo talvez ainda muito perigosamente próximo da idolatria” (VILAS BOAS, 2008, p. 129).

Werneck (2014) destaca que, até o início do século XX, no Brasil, a biografia teria uma “eficácia didática”, no sentido de apontar referências para o país e fazer a população se interessar pelas figuras de sua terra, ajudando a construir a identidade do povo e sentimentos patrióticos.

Posteriormente, a partir da década de 1950, alguns autores começaram a desmontar essa já criticada estratégia de “romance social” das biografias brasileiras (WERNECK, 2014) e adotaram uma visão mais documental e voltada para a revisão de informações de trabalhos biográficos consagrados, desconstruindo a ideia de sujeitos épicos.

As grandes figuras são projetadas não para que lhes seja revelado o lado humano encoberto, nem para que lhes sejam dados contornos de heroísmo ou bravura, mas para que se faça justiça aos biografados através da revelação de documentos e escritos inéditos, que são apresentados tanto como provas qualificantes do grau de elaboração artística de uma obra quanto como revelação de uma faceta de suas personalidades até então apagada ou mal interpretada pelos historiadores. (WERNECK, 2014, p. 19-20)

Vilas Boas (2008, p. 131) salienta que, até o início do século XX, não havia um olhar biográfico para personagens “comuns” e sua experiência social, e a História era vista primordialmente como “a biografia dos grandes homens”. Somente com a chamada Nova História é que se adotou uma abordagem diferente, voltada para toda atividade humana e preocupada com a análise das estruturas dos acontecimentos, em vez do simples registro.

A Nova História (ou *La Nouvelle Histoire*, porque se trata de algo *made in France*) nos revelou algo que, dito hoje, parece óbvio: tudo tem história. Por isso interessou-se primordialmente no detalhe, tanto quanto no essencial; na clareza tanto quanto na substância; no registro não oficial tanto quanto no documento; na covardia tanto quanto na coragem. (VILAS BOAS, 2008, p. 135)

Com isso, abriu-se a possibilidade de abarcar não apenas documentos e registros oficiais, mas também relatos não oficiais, inclusive orais, e outros recursos anteriormente contestados por não serem considerados fontes documentais.

O gênero biográfico se consagrou no mercado editorial brasileiro e, no fim do século XX, ocupou de vez os espaços nas livrarias, tornando-se sucesso tanto de público quanto de crítica. Entre os principais nomes, destacam-se jornalistas como Fernando Morais – autor de obras como “Chatô: o rei do Brasil” e “Olga”; e Ruy Castro, que retratou histórias como as de Garrincha, Carmen Miranda e Nelson Rodrigues.

A ideia da biografia é registrar a vida de uma pessoa com todos os seus pormenores, conforme fixa Vilas Boas (2008). O autor também aponta para uma diferenciação nas narrativas biográficas, que têm em comum o foco em um personagem: “Texto biográfico não significa exatamente biografia [...]. Nem tudo que é biográfico é biografia, aliás. A biografia é uma composição detalhada de vários ‘textos’ biográficos” (VILAS BOAS, 2014, p. 271).

Assim, surge o conceito de perfil, que seria um texto biográfico sobre uma pessoa,

viva, e que se concentra apenas em determinados aspectos de sua vida (VILAS BOAS, 2003; 2008; 2014), ao contrário do que acontece na biografia. Nesse sentido, Lima (2002, [s.p.]) concorda e acrescenta:

No meu entender, os perfis são uma espécie de história de vida cuja proposta é desenhar o retrato de um momento selecionado, atual, do(s) protagonista(s). Naturalmente, elementos do passado surgem aqui e ali para contextualizar o presente, tal como esboços do futuro aparecem, ocasionalmente. Mas o foco central da narrativa é o presente.

Em outra obra que trata da classificação de livros-reportagem, Lima (2004) também diferencia os gêneros perfil e biografia:

Livro-reportagem-perfil: Trata-se da obra que procura evidenciar o lado humano de uma personalidade pública ou de uma personagem anônima que, por algum motivo, torna-se de interesse. No primeiro caso, trata-se geralmente de uma figura olímpica. No segundo, a pessoa geralmente representa, por suas características e circunstâncias de vida, um determinado grupo social, passando como que a personificar a realidade do grupo em questão. Uma variante dessa modalidade é o *livro-reportagem-biografia*, quando um jornalista, na qualidade de *ghostwriter* ou não, centra suas baterias mais em torno da vida, do passado, da carreira da pessoa em foco, normalmente dando menos destaque ao presente. (grifos do autor) (LIMA, 2004, p. 45)

Tratando sobre perfis, Sodré e Ferrari (1986, p. 126) ainda definem: “Em jornalismo, perfil significa enfoque na pessoa – seja uma celebridade, seja um tipo popular, mas sempre o focalizado é protagonista de uma história: sua própria vida”.

Já Lima (2002) e Vilas Boas (2003) estabelecem que o perfil é uma narrativa curta, tanto no tamanho do texto quanto no tempo de validade das informações e interpretações ali colocadas pelo autor, ou seja, ela não se propõe a ser um registro definitivo da vida daquela pessoa. “Steve Weinberg os chama de biografia de curta duração” (VILAS BOAS, 2003, p. 16).

De acordo com Kotscho (2000, p. 42), ao se deter sobre esse “filão mais rico das matérias chamadas humanas”, o jornalista tem a possibilidade de trabalhar melhor a narrativa e se aprofundar nos temas em questão. Em virtude disso, Lima (2002, [s.p.]) afirma que o espaço por excelência dos perfis é o jornalismo literário:

Pouco discutido nos meios acadêmicos, existente à margem da modalidade mais conhecida que é a escola que chamo de jornalismo convencional – a das fórmulas rígidas de estruturação de mensagens –, o jornalismo literário proporciona um olhar mais amplo e profundo sobre a realidade. Dentro dele, os perfis encontram condições adequadas para que o jornalismo cumpra uma tarefa muito esquecida nos dias de hoje, especialmente na imprensa brasileira: ajudar-nos a entender quem somos, através do olhar de espelho

compreensivo sobre os nossos semelhantes, célebres ou anônimos.

Lima (2002) lembra que o investimento mais forte no gênero se deu justamente no momento em que essa nova corrente jornalística se firmava nos Estados Unidos, e a trajetória histórica do perfil está muito atrelada a isso. Vilas Boas (2014) esclarece, entretanto, que o gênero já aparecia ocasionalmente em periódicos há mais de um século e foi se popularizando a partir da década de 1930, consagrando-se a partir dos anos 1960 e se tornando marca registrada de revistas conhecidas por trabalharem com o jornalismo literário – como é o caso das norte-americanas *The New Yorker* e *Esquire* e da brasileira *Realidade*.

3. Procedimentos metodológicos

Este projeto de pesquisa foi concebido desde o início para resultar em um produto da nossa área de estudo, ou seja, um perfil jornalístico. Para tal fim, adotamos procedimentos típicos desse tipo de produção: entrevistas com o personagem principal e outras pessoas, observação e pesquisa em documentos, arquivos, fotografias, etc., com vistas a coletar as informações necessárias para a construção da narrativa.

Ao tratar sobre metodologias de pesquisa em jornalismo, Lago (2007) relaciona o fazer dessa área à abordagem de outra ciência, a Antropologia, e diz que essa ligação “remonta pelo menos ao início do século XX, quando a Escola de Chicago voltou seu olhar para o meio urbano e estudou sua relação com a mídia a partir de um trabalho com feições antropológicas” (LAGO, 2007, p. 48). Segundo a autora, com o passar do tempo, essa relação foi se estreitando ainda mais, e a metodologia antropológica foi crescendo dentro do jornalismo e de pesquisas na área da comunicação.

Podendo ser também sinônimo da metodologia etnográfica – por se relacionar com um trabalho de campo voltado para a descrição aprofundada de costumes de determinada cultura –, essa modalidade de pesquisa tem como um de seus principais instrumentos a observação participante. “O método antropológico, portanto, fundamentalmente organiza-se para obter algum tipo de conhecimento que pressupõe, segundo Laplantine (1989: 150), a ‘observação direta dos comportamentos sociais a partir de uma relação humana’” (LAGO, 2007, p. 50).

Nossa intenção foi entrevistar Hilton Gouvêa, outros jornalistas e pessoas com quem ele se relacionou e/ou se relaciona, para reconstruir passagens de sua trajetória profissional e de vida, mas também observamos alguns trabalhos na prática, através desse tipo de abordagem participante. Autores (PENA, 2013; VILAS BOAS, 2003; 2008; 2014; WOLFE, 2005) que tratam sobre o processo de pesquisa e redação de um perfil jornalístico e sobre jornalismo literário mencionam com certa frequência a imersão do repórter no universo a ser retratado, como forma de captar não só informações através de entrevistas, mas também perceber as relações e outros detalhes importantes para a construção da narrativa.

Nesse sentido, Vilas Boas (2014, p. 273-274) afirma:

Condição *sine qua non* em um perfil é a interação autor-personagem, seja quem for. [...] Para produzir um bom perfil, é preciso pesquisar, conversar, movimentar, observar e refletir. Tudo dentro do possível, claro, pois cada caso é um caso. Você tem de pesquisar os contextos socioculturais da pessoa; conversar com ela e com as pessoas de seu círculo de relacionamentos; movimentar-se com ela por locais diversos; tem de observar as linguagens verbais e não verbais.

Essa ideia encontra respaldo no método antropológico/etnográfico na medida em que “É esse olhar sobre o outro que constitui a observação participante. Observação porque o antropólogo no campo, inicial e principalmente, observa” (LAGO, 2007, p. 51). Mais adiante, a autora acrescenta:

Mas nem só de observação vive-se no campo. [...] O ouvir, alcançado mediante entrevistas em profundidade, abertas, mas também diálogos casuais, ajuda ao pesquisador perceber o sentido das ações que observa, bem como as significações específicas que o grupo observado atribui às suas próprias ações, rituais, etc. (LAGO, 2007, p. 52)

Nesse ponto, frisamos que as impressões sobre o que era observado foram anotadas, e as entrevistas – em estrutura aberta (MANZINI, 1990/1991) –, gravadas através de um dispositivo digital, sempre que o interlocutor autorizava após a explicação verbal da pesquisadora e a assinatura de um Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE) (Apêndices A e B). Por se tratar de uma pesquisa envolvendo seres humanos, seguimos essa e outras exigências determinadas na Resolução nº 466/2012⁴ do Conselho Nacional de Saúde do Ministério da Saúde. A norma federal diz que pesquisas dessa natureza, independentemente da área de conhecimento, devem incluir o consentimento livre dos participantes, além da garantia de sua dignidade e um retorno sobre os resultados obtidos.

⁴ Disponível em: <http://bvsms.saude.gov.br/bvs/saudelegis/cns/2013/res0466_12_12_2012.html>. Acessado em: 26 ago 2016.

Pretendíamos registrar com uma câmera digital algumas cenas, pois, tratando sobre o trabalho de arquivo em biografias e a utilização de fotografias para elaboração desse tipo de material, Werneck (2014, p. 27) faz uma associação com o método que tínhamos escolhido adotar: “[...] percebe-se que o trabalho do biógrafo aproxima-se da atividade do antropólogo quando lida com a documentação iconográfica: dedica-se a ‘escrever sobre a alma; [...] escrever sobre e com as imagens’ (Andrade: 2002, 20)”. Entretanto, no momento das entrevistas e das interações, consideramos que o gesto poderia tirar a naturalidade da conversa.

Isso entra em consonância com o que diz Lago (2007), tratando sobre o método, quando acentua que a abordagem etnográfica implica em uma presença estranha no grupo, e isso deve ser levado em consideração na pesquisa. A mesma autora afirma que não se deve tratar esse fator como neutro, pois, uma vez lá, o pesquisador modifica o campo, devendo isso também ser colocado como aspecto integrante da pesquisa. Desse modo, deve-se tentar fazer com que o entrevistado se sinta o mais seguro possível, informando o passo a passo da situação e contextualizando alguns questionamentos, para que ele se sinta confortável para passar as informações que solicitamos e até se sinta livre para dar outras complementares.

Alguns autores que tratam sobre especificidades de entrevistas de pesquisa com jornalistas (PEREIRA; NEVES, 2013; BROUSTAU et al., 2012) salientam que é necessário fazer uso de abordagens diferentes e tomar certas precauções para minimizar a linha de discurso oficial que muitos daqueles profissionais tendem a adotar em tais situações.

[...] o relato de uma conversa entre entrevistador e entrevistado consiste no resultado de um processo de negociação entre os dois participantes da interação. Ele revela um processo de dupla interpretação em que pesquisador e informante se avaliam e interpretam o sentido dos discursos articulados por ocasião dessa interação. Isso ganha uma conotação particular em uma interação entre pesquisador e jornalista. Os dois dominam a técnica da entrevista. Conhecem o trabalho um do outro. (PEREIRA; NEVES, 2013, p. 37)

Os autores sugerem que se deve tentar tornar a interação o mais parecida possível com uma conversa informal, a fim de romper ou minimizar a artificialidade de um esquema simples de perguntas e respostas. Outras estratégias são: deixar a conversa se estender, para que o pesquisador e o jornalista entrevistado se habituem com a interação; e, se possível, “tentar ‘inverter’ os papéis durante uma entrevista e partilhar informações e pontos de vista ligados à sua própria experiência, de forma a deixar o informante mais à vontade” (PEREIRA; NEVES, 2013, p. 39).

Sendo assim, decidimos não registrar as imagens, mas apenas anotar as características e os detalhes observados nos ambientes e nos indivíduos, para auxiliar no processo de descrição posterior. Somente as fotos de alguns jornais antigos foram feitas durante a pesquisa, mas elas não foram expostas, pela necessidade de preservação de nomes que lá constam.

Em relação ao número de colaboradores, oficialmente foram 10 entrevistados, incluindo o personagem principal, Hilton Gouvêa. Todos eles assinaram o TCLE, como assim também fizeram os responsáveis pelos jornais *Correio da Paraíba* e *A União*, autorizando a pesquisadora a transitar nos ambientes e consultar os seus acervos. Além daquelas pessoas, outras colaboraram com indicações e informações em *off*, que levaram a outros indivíduos e documentos que passaram por checagem e confirmação – pois o jornalismo literário não abdica das técnicas de investigação tradicionais, de forma a suprir a expectativa do leitor de que aqueles dados são verdadeiros e comprováveis (MARQUES, 2009).

4. Estratégias e resultados

No presente capítulo, vamos tratar sobre algumas ideias referentes ao desenvolvimento da pesquisa e à construção da reportagem-perfil.

A escolha pelo formato de diário se deu após as considerações da banca de qualificação que avaliou a primeira versão do trabalho, em agosto de 2016. Na ocasião, havíamos apresentado algumas dúvidas sobre como tratar certas informações e as impressões pessoais da pesquisadora, conforme relembramos nos recortes abaixo:

Nesse ponto, cabe explicar que o título provisório do produto final (“No rastro de Hilton”) é um pouco sobre isso: estou seguindo os rastros de um dos mais antigos jornalistas ainda em atividade no estado e, ironicamente, essa será a minha primeira reportagem – justamente sobre alguém acostumado a fazê-las. Assim, as próprias conversas com Hilton Gouvêa, sobre sua trajetória profissional, servirão como “rastros” para me ensinar como se fazem reportagens. Pensei também em colocar no título final algo como “No rastro de Hilton: diário de uma jornalista aprendendo a escrever reportagens”. Assim, o título faria referência tanto às minhas questões pessoais e à relação com o personagem principal, quanto a uma obra famosa de uma vertente/extensão do Novo Jornalismo (Rum: diário de um jornalista bêbado, de Hunter S. Thompson, que é considerado o principal nome do chamado jornalismo gonzo – um estilo de narrativa em que o repórter

abandona a objetividade, a imparcialidade e outras regras consideradas básicas no jornalismo noticioso, embaralhando completamente a reportagem com experiências pessoais).

[...]

Também pretendo avaliar a melhor forma de inserir na reportagem um comentário que me incomodou, proferido pela outra fonte que já foi entrevistada para o trabalho. O ex-colega de Hilton, que atualmente ocupa um alto cargo em uma repartição pública, tratava sobre o grupo de jornalistas que, décadas atrás, esticava o expediente em um bar, depois do fechamento da edição do dia.

“Aí depois nós nos separamos, eu me desencantei muito com o jornal. O jornal, você tá entrando nessa história, mas tenha cuidado que o jornal não dá dinheiro a ninguém não. Se você pretende ser jornalista honesta, é que *você vai ficar como Hilton até hoje, operário de jornal e andando em carro velho e morando em casa de conjunto*. Mas só se você quiser ser aquele cara que vende o espaço ou se prostitui, você se dá bem, senão você tem que procurar outra coisa. Tanto que aquele povo daquele tempo da gente, você conta nos dedos quem ainda permanece. [...] tem mais não! Só tem Hilton no batente hoje, da minha turma, só.”

Senti-me desconfortável ao julgar, na fala acima, certo menosprezo do entrevistado com a permanência de Hilton Gouvêa por tantos anos como “peão” na redação de um jornal, em vez de procurar outras funções mais rentáveis que melhorassem seu padrão de vida – como se, por mais que ele fosse um bom jornalista, seu reconhecimento tivesse que passar pelo destaque financeiro e social. Tive a impressão de que a fala trazia a conotação de que o fato de meu perfilado continuar na mesma posição de 40 anos atrás e não corresponder aos padrões o tornaria alguém que não venceu na vida, além de me soar como uma desvalorização do próprio jornalismo.

Enfim, o meu julgamento de ambos os atores entra nesse processo, e é preciso ponderar a melhor maneira de colocá-lo na narrativa.

Outra dúvida era se a narrativa seria em primeira pessoa. Sobre isso, encontramos o seguinte comentário de Wolfe (2005, p. 70):

Muitos repórteres que tentam escrever Novo Jornalismo usam o formato autobiográfico – “Eu estava presente, e foi assim que senti” – precisamente porque isso parece resolver tantos problemas técnicos. O Novo Jornalismo foi muitas vezes qualificado de jornalismo “subjetivo” por essa razão; Richard Schickel, em *Commentary*, definiu-o como “uma forma em que fica entendido que o autor se mantém em primeiro plano em todos os momentos”. Na verdade, a maior parte dos melhores trabalhos dessa forma foram feitos como narrativas de terceira pessoa, com o autor se mantendo absolutamente invisível, como na obra de Capote, Talese, o Breslin do início, Sack, John Gregory Dunne, Joe McGinniss.

Os professores convidados para a qualificação avaliaram que seria uma boa estratégia assumir o caráter de repórter inexperiente e colocar os dilemas da construção da narrativa na própria reportagem. Destacaram ainda que a adoção de um diário teria relação muito próxima com o jornalismo. *Daily*, que também significa “diário” na língua inglesa, é

muitas vezes utilizado em nomes de jornais, como é o caso do britânico *The Daily Telegraph* e do norte-americano *Daily News*.

Em consonância com o que os avaliadores destacaram, encontramos o seguinte comentário de Borges (2006, p. 218 e 225) sobre as narrativas biográficas:

Penso que as melhores biografias são aquelas em que o autor não só não se esconde, mas constrói a narração de certa forma acompanhando seu percurso de pesquisa [...], envolvendo-se com a interpretação, com a trama, com a pesquisa que faz; [...] no texto final, seus sentimentos na pesquisa (de entusiasmo, de decepção e de proximidade, entre outros) e o faz não de forma gratuita, mas enriquecendo a narração. [...]

Essa maneira de expor deixa bem evidente como se constrói o trabalho [...] e bem clara a presença e a forma de ser do sujeito que a construiu.

Decidida a forma como a história seria contada, baseamo-nos em algumas obras literárias para a construção do produto jornalístico em questão. Uma delas foi o romance “Onde andaré Dulce Veiga?”, de Caio Fernando Abreu. A obra fictícia tem como narrador um desiludido repórter que tenta descobrir o paradeiro de uma antiga cantora desaparecida há duas décadas. Através de uma jornada em busca do outro, o protagonista acaba conhecendo mais sobre si próprio e refletindo sobre sua existência. Desse livro, reproduzimos principalmente o arco narrativo que começa e termina com a mesma sentença – no caso, trocamos a ideia de “cantar” pela necessidade de “escrever”, um dos principais ofícios da figura do repórter.

Outra inspiração para a elaboração do texto jornalístico foi o romance “A náusea”, do escritor e filósofo francês Jean-Paul Sartre. Concebido em formato de diário, o livro traz como narrador-personagem o historiador Antoine Roquentin, que, em meio a suas viagens pelo mundo, começa a perceber certa estranheza e um incômodo inexplicável no seu dia a dia. Decide, então, escrever os acontecimentos para tentar entender o porquê daquela mudança de percepção diante da vida.

Uma das epígrafes escolhidas para o trabalho foi retirada justamente desse romance: “Eis o que pensei: para que o mais banal dos acontecimentos se torne uma aventura, é preciso e basta que nos ponhamos a narrá-lo” (SARTRE, 2011, p. 59). Encontramos nela semelhança com o que expôs Werneck (2014), ao tratar sobre subjetividade e escrita autobiográfica: “Narra-se o que se vive, à medida que se vive, de modo a se propagar intensamente a ideia de que a fala e a escrita performatizam o ato de viver”.

Também foi devido ao pensamento filosófico que aparece no romance que usamos a

palavra “existência” no título definitivo do trabalho. Conforme o pensamento existencialista de Sartre (1987), um objeto, por exemplo, é fabricado após alguém conceber uma definição e uma utilidade para ele. Sua essência, portanto, precede sua existência, sua feitura. Já em relação aos homens, o existencialismo sartreano, desprendido da ideia de um Deus para dar sentido à vida, considera que aquela ordem é invertida, ou seja, não existe uma definição prévia da essência humana.

O que significa, aqui, dizer que a existência precede a essência? Significa que, em primeira instância, o homem existe, encontra a si mesmo, surge no mundo e só posteriormente se define. O homem, tal como o existencialista o concebe, só não é passível de uma definição porque, de início, não é nada: só posteriormente será alguma coisa e será aquilo que ele fizer de si mesmo. Assim, não existe natureza humana, já que não existe um Deus para concebê-la. O homem é tão-somente, não apenas como ele se concebe, mas também como ele se quer; como ele se concebe após a existência, como ele se quer após esse impulso para a existência. O homem nada mais é do que aquilo que ele faz de si mesmo: é esse o primeiro princípio do existencialismo. (SARTRE, 1987, p. 6)

Na reportagem-perfil em questão, a ideia implícita é de que a autora, também personagem da narrativa, tinha sido carregada até o presente por uma sucessão de fatos em sua vida – por isso, o uso de “existência” no título, que remete aos fatos pessoais que ajudaram a torná-la o que é.

O início do texto é marcado por uma informalidade e uma oralidade, como se a narradora estivesse falando consigo mesma ou confessando intimidades a alguém muito próximo: “Eu tenho um diploma que atesta que sou jornalista, tá aqui, ó, guardado em alguma pasta dessas que eu organizei”; “[...] se ele não aceitar participar, fodeu”; “Semana que vem eu dou um jeito, agora dá cá um ansiolítico” (Apêndice C, capítulo “O raio da procrastinação”, p. 2 e 3).

À medida em que a narrativa se desenrola é que vai sendo adquirida mais segurança na escrita. Apesar de percebida essa mudança depois de finalizado e relido o texto completo, não foram feitas muitas alterações na parte inicial, para manter a ideia que a autora estava descobrindo e definindo seu estilo enquanto escrevia.

Sobre essa questão de estilo, Santaella (2007, p. 63) define um autor como “alguém que é capaz de deixar marcas, traços de seu modo próprio de criar mensagens em um processo de signos com o qual lida”, interferindo de modo pessoal em um processo de signos. Não há, no entanto, definição exata de quando termina a liberdade de expressão do escritor e começam os constrangimentos da linguagem (ou do meio em que se está inserido). Mas este autor se

utiliza de marcas de autoria que fazem com que seu modo próprio de criação seja identificado.

O fenômeno do estilo é pensado desde a retórica antiga, sendo objeto de grande interesse na linguística e na literatura até hoje. No século XVIII, o estilo foi pensado como a vestimenta do pensamento; mas foi no século XX que seu estudo recebeu um impulso, levando a um campo específico do saber: a estilística. Esta objetiva, entre outras funções, compreender o significado de textos literários e das intenções, preocupações e personalidade do autor, bem como o contexto de sua produção. (SANTAELLA, 2007)

Na linguística, a concepção dominante de estilo é a de “um sistema individual dentro de um código geral” (idem, p. 58), ou seja, um desvio da norma linguística. Embora uma única definição seja difícil de ser estabelecida, há certo consenso em se dizer que o estilo é um modo de expressão diferenciado, com traços característicos que marcam as peculiaridades da linguagem de um autor.

No final da narrativa, a autora define sua essência nesse contexto, ou seja, após toda a insegurança anteriormente revelada, ela assume a figura da repórter. Tentamos pensar também uma evolução no arco narrativo da autora-personagem que remetesse à Jornada do Herói, um modelo bastante conhecido na estruturação de narrativas literárias e da indústria cinematográfica (por exemplo, séries de sucesso como *Star Wars*, *Indiana Jones* e *O Senhor dos Anéis* teriam utilizado essa estratégia de trabalho).

Em sua obra “O Herói de Mil Faces”, Campbell (2007) defendeu a ideia de que existe um padrão narrativo universal que engloba todas as histórias já contadas pelas civilizações humanas. O estudioso de mitologia e religião comparada buscou apreender a gramática dos símbolos humanos através da Psicanálise, em especial, a partir dos conceitos de “inconsciente coletivo”⁵ e “arquétipo”⁶ do psicólogo analítico suíço Carl Gustav Jung.

Segundo o estudioso norte-americano, a partir do cruzamento e da análise de mitos e contos folclóricos de todas as partes do mundo, foram percebidas características comuns que serviriam de parâmetro para a humanidade ao longo de sua existência. Diz Campbell (2007, p. 15): “Em todo o mundo habitado, em todas as épocas e sob todas as circunstâncias, os mitos

⁵ O inconsciente coletivo seria uma camada inata e mais profunda do inconsciente humano, a qual não seria de natureza individual, mas englobaria conteúdos e modos de comportamento universais. “Em outras palavras, são idênticos em todos os seres humanos, constituindo portanto um substrato psíquico comum de natureza psíquica suprapessoal que existe em cada indivíduo” (JUNG, 2000, p. 15).

⁶ Já os arquétipos seriam os conteúdos do inconsciente coletivo. “[...] estamos tratando de tipos arcaicos – ou melhor – primordiais, isto é, de imagens universais que existiram desde os tempos mais remotos. [...] o qual se modifica através de sua conscientização e percepção, assumindo matizes que variam de acordo com a consciência individual na qual se manifesta”. (JUNG, 2000, p. 16)

humanos têm florescido; da mesma forma, esses mitos têm sido a viva inspiração de todos os demais produtos possíveis das atividades do corpo e da mente humanos”.

Quem sistematizou de maneira mais prática esses conceitos, a fim de auxiliar as produções audiovisuais hollywoodianas, foi Christopher Vogler em seu livro “A Jornada do Escritor”. Vogler (2006) percebeu que muitos problemas que ocorriam nos trabalhos dos escritores poderiam ser sanados através da aplicação daquele modelo. A partir disso, ele criou um manifesto resumindo a Jornada do Herói de Campbell em 12 passos, definindo uma linha narrativa que poderia ser aplicada a qualquer obra audiovisual.

A fórmula estabelece uma sucessão de fases que, segundo Lima (2002), também vem sendo usada na narração de histórias de vida reais no âmbito do jornalismo literário.

No firmamento dos arquétipos, o herói é [...] um ser chamado a evoluir, a se autoconhecer através das ações e dos desafios que é obrigado a enfrentar, a conquistar um nível amplificado de compreensão da existência, a transformar em benefício para si e para os outros os resultados da sua ação. Campbell, por sua vez, constatou que o herói é conteúdo arquetípico universal, existente em todas as culturas, em todas as épocas. Há variações externas de suas características, conforme a cultura e a era, mas intrinsecamente manifesta-se um padrão universal. Para realizar-se, o herói é chamado a um processo de aventura, de mergulho em territórios desconhecidos, seguindo etapas identificáveis de uma trajetória. Depara-se com personagens variados, porém universais, como o aliado, o adversário, o mentor. Enfrenta situações típicas, como a do teste supremo. A isso denomina-se Jornada do Herói. (LIMA, 2002, [s.p.])

Vogler (2006) pontua que os 12 estágios (que não necessariamente devem ser seguidos à risca, mas também podem ser embaralhados ou adaptados a cada história) seriam: Mundo Comum; Chamado à Aventura; Recusa do Chamado; Encontro com o Mentor; Travessia do Primeiro Limiar; Testes, Aliados, Inimigos; Aproximação da Caverna Oculta; Provação; Recompensa; Caminho de Volta; Ressurreição; e Retorno com o Elixir.

Sobre o primeiro e o segundo estágio, por exemplo, o autor explica:

A abertura de uma história – seja mito, conto de fadas, roteiro, romance, conto ou revista em quadrinhos – tem que conter uma certa carga. Tem que agarrar o leitor ou espectador, dar o tom da história, sugerir para onde vai e transmitir um monte de informações sem perder o ritmo. Um começo é, realmente, um momento delicado. [...]

O Mundo Comum da maioria dos heróis é uma condição estática, mas instável. As sementes da mudança e do crescimento estão plantadas, falta só um pouquinho de uma nova energia para que germinem. Essa nova energia, simbolizada de inúmeras maneiras em mitos e contos de fadas, é o que Joseph Campbell denominou Chamado à Aventura. (VLOGGER, 2006, p. 91 e 108)

Já sobre a fase de Testes, Aliados, Inimigos, diz que:

Agora, o herói entra por completo no Mundo Especial misterioso e excitante que Joseph Campbell chama de “uma paisagem de sonho, de formas curiosamente ambíguas e fluidas, onde ele deve sobreviver a uma sucessão de provações”. É uma experiência nova e, às vezes, assustadora para o herói. Não importa quantas escolas ele frequentou: ali ele é, absolutamente, um calouro neste novo mundo. (VLOGGER, 2006, p. 138)

Por fim, sobre a Provação e a Ressurreição, são essas as diretrizes:

Agora, o herói está no aposento mais profundo da Caverna Oculta, enfrentando o maior desafio e o mais temível adversário. Este, sim, é o âmago da questão, o que Joseph Campbell chamou de Provação. É a mola-mestra da forma heroica, a chave de seu poder mágico. [...]

Agora vem um dos trechos mais difíceis e mais desafiantes, tanto para o herói como para o escritor. Para que uma história fique completa, a plateia precisa experimentar mais um momento de morte e renascimento, parecido com a Provação Suprema, mas ligeiramente diferente. É o clímax – não a crise –, o último encontro com a morte e o mais perigoso. Os heróis precisam passar por uma purgação final, uma purificação, antes de ingressar de volta no Mundo Comum. Mais uma vez, devem mudar. O truque do escritor, nessa ocasião, deve ser explicitar a mudança em seus personagens, no comportamento e na aparência, e não apenas falar sobre ela. Os escritores precisam descobrir um modo de demonstrar que seus heróis passaram por um processo de Ressurreição. (VLOGGER, 2006, p. 157 e 195)

4.1 O uso de *flashbacks* e outros recursos literários

Um dos recursos do jornalismo literário que exploramos ao longo da narrativa jornalística foi o uso de *flashbacks*. A intenção de recontar em detalhes de algumas cenas do passado do perfilado surgiu especialmente no contato inicial com Hilton Gouvêa, quando, ao se lembrar do último encontro com seu antigo chefe Luiz Augusto Crispim, ele se emocionou bastante (Apêndice C, capítulo “Você atrai o inusitado”, p. 12-14). Percebemos que aquela reação denotava uma profunda admiração dele pelo jornalista. Em encontros posteriores, levantamos informações sobre onde a situação tinha ocorrido, o ano (que não foi lembrado por ele com exatidão, por isso consta no texto “2004 ou 2005”) e algumas impressões pessoais. Embora já tivéssemos visto fotos de Crispim na internet e no mural na redação de *A União*, questionamos o entrevistado sobre como ele se lembrava da fisionomia do ex-colega. Imediatamente, Hilton Gouvêa disse que sempre o achou parecido com um antigo ator

famoso. Usamos a informação na descrição para também inferir que o nosso perfilado tinha na memória a imagem de um ídolo.

Logo em seguida à cena do elevador, fizemos um segundo *flashback* (Apêndice C, p. 13), dessa vez, para as primeiras interações que os dois tiveram. Hilton era um “foca” nas redações e reclamava das correções em seus textos. Ele próprio reconhece, décadas depois, que era muito imaturo e brigão. Usamos esse recuo maior ao passado para revelar que também houve conflitos, mas que, como a cena anterior já retratava, Hilton conseguiu superá-los e a relação evoluiu.

Outro *flashback* que gostaríamos de destacar na reportagem é o do momento da agressão que Hilton Gouvêa sofreu na frente do jornal *Correio da Paraíba*. Ele foi construído de maneira que o leitor não percebesse imediatamente a mudança do ponto de vista e tivesse uma surpresa quando descobrisse que se tratava de uma cena do passado. A narração começa com o foco narrativo em primeira pessoa, através do qual a pesquisadora explicita sua ida ao jornal. Logo após, a descrição do paisagismo na frente do prédio começa a dar indícios de que está havendo uma mudança de tempo narrativo: “Apesar das placas proibitivas, parece que alguém andou pisando na grama dos canteiros laterais” (Apêndice C, capítulo “Remexendo jornais – e com alergia a pó”, p. 31). A ideia é que o leitor já fosse sutilmente avisado de que alguém iria surgir por trás da máquina de linotipo.

Em seguida, começa um diálogo que poderia ser interpretado como sendo alguém, no momento presente, avisando à chefia que a pesquisadora chegou para tratar sobre a vasculha nos jornais. A pessoa notificada responde dizendo que já vai. Na verdade, a conversa já era do passado, de instantes antes do atentado, quando Hilton Gouvêa foi avisado, pelo vigilante da empresa, que alguém estava lá na entrada do *Correio* querendo falar com ele para dar informações sobre uma matéria.

Através da omissão de pronomes, a narrativa continua sem deixar claro o foco narrativo e quem está andando de cabeça baixa no piso escorregadio. Poderia ser o contato da pesquisadora indo ao seu encontro na entrada do prédio. De repente, alguém surge repentinamente e vai tomar satisfações. O uso da grafia em “vosssê” é para destacar uma característica do agressor que foi mencionada por algumas pessoas entrevistadas: de que ele falava como o ex-jogador de futebol Romário, ou seja, tinha um problema no freio lingual que resultava em uma alteração na fala, popularmente conhecida como “língua presa”.

Somente depois de falar da coronhada e do tiro de raspão, seguidos do

desfalecimento de Hilton, é que a autora revela que tinha voltado na linha narrativa e estava inclusive em um tempo psicológico, pois era ela quem olhava agora para o ambiente, revendo mentalmente a cena do passado que lhe descreveram. Em seguida, todos os detalhes sobre o que aconteceu com o jornalista são revelados claramente.

Outros exemplos de *flashbacks* ocorrem também em capítulos que falam sobre a história da autora, como os dias dos assassinatos de seu avô e de seu pai. Além desses, também destacamos a apresentação de uma sequência de cenas do passado que se apresentam como se fossem editadas na própria mente da pesquisadora:

Só tenho fragmentos na memória: do momento em que chegaram lá em casa avisando da morte e mainha desabou no sofá; de alguém me levantando no braço para ver o corpo no caixão; de minhas tias tomando conta de nós três; de pessoas confidenciando informações sobre o crime; de uma gaveta cheia de documentos no antigo escritório advocatício; de minha mãe depressiva e, ao mesmo tempo, ferina em busca de provas. (Apêndice C, capítulo “Hesitação e recaídas”, p. 55)

Apesar de se tratar de uma reportagem em formato de diário, optamos por não utilizar datas no início das seções justamente para possibilitar a transição entre o presente da narrativa e o passado de uma forma mais livre. No entanto, ao longo de todo o texto, existem algumas inserções do período em que a situação ocorria para a narradora. A contagem foi feita basicamente dentro do período que durou o vínculo com o mestrado profissional, cujo prazo normal para entrega do trabalho seria em fevereiro de 2017, mas, com o pedido de adiamento da defesa, o *deadline* ficou para o dia 31 de julho de 2017.

Sobre a adoção ou não de uma sequência cronológica, encontramos embasamento também em Borges (2006, p. 225), quando ela diz que:

Embora a maioria das biografias siga o tradicional percurso cronológico, alguns autores inovam. Muitos trabalham no que chamamos de corte temático, [...] outros propõem um método progressivo-regressivo, cheio de *flashbacks*, ou seja, alternando na narração as temporalidades de uma vida.

Também tentamos criar um clímax na história, que seria a história da morte do pai da autora, revelando o que também já vinha sendo plantado desde o início da narrativa (como as inserções de que algo “debaixo do tapete” lhe causava problemas e começou a ser descoberto com a terapia – Apêndice C, capítulo “Uma janela para a redação”, p. 35; que seu pai tinha falecido – capítulo “Uma janela para a redação”, p. 39; e que havia sido assassinado ainda muito jovem – capítulo “Espera intelectual”, p. 48).

Tanto no caso da história da morte do pai quanto da descoberta da data do atentado

sofrido pelo jornalista Hilton Gouvêa, baseamo-nos também em uma ideia que remonta ao trabalho biográfico de Lytton Stratchey, no início do século XX, que tinha como parte “a tensão inescapável, e o contínuo desvendar da clássica história de detetive: com a promessa psicológica de alguma espécie de ‘revelação’ – não a solução de um crime, mas a resolução, pelo menos parcial, de um mistério humano” (BORGES, 2006, p. 206).

Outro recurso do jornalismo literário utilizado no trabalho foi o registro de símbolos de *status* de vida. Particularmente, consideramos que a estratégia serviu para colocarmos implicitamente na narrativa algumas impressões pessoais, como o incômodo da pesquisadora com a fala proferida por um dos entrevistados (Apêndice C, capítulo “Resistência”, p. 6). As descrições sobre o anel de ouro que batia displicentemente na mesa, o gabinete com antessala e uma secretária exclusiva para atendê-lo foram pensadas para darem a ideia de diferença de posição social.

Mais um destaque que fazemos sobre as estratégias adotadas que fogem do modelo jornalístico tradicional é uma passagem que foi narrada como uma tentativa de fluxo de consciência, uma técnica literária incorporada da Psicologia, através da qual se registra de maneira desconexa o que está acontecendo dentro da mente de um personagem ou mesmo do narrador. A pontuação não segue as regras tradicionais, para dar a ideia de uma confusão mental, conforme a confusão que também acontecia no ambiente (Apêndice C, capítulo “Uma janela para a redação”, p. 38-39).

Por fim, salientamos o detalhe de que alguns capítulos do trabalho são iniciados por citações literárias ou musicais, e essa foi mais uma estratégia para solucionar o que consideramos um problema na hora da escrita: a definição do que era mais sobre o perfilado e o que era mais sobre a própria autora, já que, pensado inicialmente como um perfil de Hilton Gouvêa, o trabalho acabou se transformando também em um autoperfil. Apesar de permanecer um embaralhamento dessas duas instâncias durante a narrativa, o uso de frases no início serve para delimitar que se trata de um capítulo mais autobiográfico do que sobre o perfilado.

A ideia ganhou mais força quando, no momento da entrevista com Milton Marques Júnior, um dos irmãos de Hilton Gouvêa, foi-nos revelado que o jornalista “é a única pessoa na face da Terra, isso a gente brinca muito, que não gosta de música. Quando a gente tá reunido, ele manda tirar a música porque ele quer falar, ele quer contar história”. Portanto, definimos que os capítulos que são mais sobre a vida dele, ou sobre algum aspecto de sua personalidade, deviam começar sempre silenciosos.

5. Considerações finais

A possibilidade de se incorporar uma subjetividade no jornalismo tem demonstrado, nas últimas décadas, a desconstrução da ideia de que esse ofício está atrelado a uma objetividade e a uma neutralidade que, por vezes, pode ser confundida com um distanciamento e, por que não, uma frieza em relação ao tema retratado. O que se tem percebido é que, por trás daquele que narra, existe um sujeito com gostos, interesses, conhecimento e história de vida únicos, os quais influenciam a escolha e o desenvolvimento da pauta, assim como se reconhece que quem está do outro lado, sendo narrado, não é um mero dado a ser divulgado, mas outro ser dotado de toda a complexidade humana.

Isso não implica dizer que o que caracteriza o jornalismo como tal vai ser abandonado. Pelo contrário, o diálogo com outras áreas do conhecimento, a exemplo da Literatura, da Psicologia e da Sociologia, só tende a somar, na medida em que são dadas novas nuances e novos olhares ao que já estava estabelecido e tido como verdadeiro e definitivo na prática jornalística. Descobre-se a partir disso, por exemplo, que é possível não apenas reportar a realidade com todo o rigor na apuração e a responsabilidade social que o jornalismo tem, mas também lhe dar uma dimensão estética.

As discussões teóricas em torno das narrativas biográficas também enfatizam a compreensão de que o jornalismo não detém a verdade absoluta, definitiva, mas que cada sujeito retrata outro sujeito sob determinado olhar, tempo e circunstâncias. Viana Filho (1945, p. 53-54), ao tratar sobre a verdade nas narrativas biográficas, resume bem essa premissa:

[...] por mais estrênuo que haja sido o trabalho do biógrafo, nunca poderá ter a certeza de haver encontrado a verdade sobre os motivos íntimos, profundos, da alma de qualquer ser humano. [...] jamais conseguirá sair do seu trabalho com a satisfação dum matemático, que acaba de resolver uma equação e está seguro da exatidão dos resultados. Para ele restará sempre margem de erro e de dúvida, consequência da nossa incapacidade de discernir e destrincar o que há de complexo em qualquer existência.

No presente trabalho, foi interessante perceber isso inclusive nos trechos autobiográficos, em que a narradora-personagem reconhece que não só não fez um retrato perfeito e definitivo de seu perfilado, como também não o fez em relação à sua própria pessoa. O que está ali exposto é consequência de um contexto e de uma sucessão de fatores que não são imutáveis. Portanto, a validade daquelas informações, em um curto ou longo espaço de tempo, também pode variar. As teorias ajudaram a apontar um rumo do que poderia

ser trabalhado, mas, em última instância, nenhum livro ou manual de procedimentos foi capaz de dizer exatamente o que deveria ser feito com tal informação. A jornada por dar sentido ao material é única para cada um, dentro, é claro, da responsabilidade ética tanto do jornalismo quanto da pesquisa acadêmica.

Consideramos que o registro apresentado se tornou mais pertinente por se propor a fazer um retrato, a partir da visão de uma jornalista formada em 2011, de uma geração de jornalistas que atuou na imprensa paraibana nas décadas de 1970 e 1980, tendo como base a história do único profissional que continua em atividade como repórter até o momento presente. Essa pretensão estaria consonância com o que diz Borges (2006, p. 215): “A razão mais evidente para se ler uma biografia é saber sobre uma pessoa, mas também sobre a época, sobre a sociedade em que ela viveu”. Tentamos deixar de maneira implícita no texto essa comparação entre as duas gerações.

Exploramos os fatos relevantes da trajetória de Hilton Gouvêa através da reconstrução narrativa em uma linguagem mais livre, ouvindo o personagem principal e outros atores envolvidos, sem dispensar o rigor jornalístico e a checagem das informações, conforme preconizam os principais autores ligados ao jornalismo literário. Assim, pudemos aplicar os conhecimentos adquiridos na produção de um material da nossa área profissional, exercitando as técnicas e linguagens estudadas e, conseqüentemente, o próprio fazer jornalístico.

Um último ponto que consideramos importante de destacar neste instante foi a dificuldade encontrada na vasculha das informações nas hemerotecas da imprensa local, o que aponta para a necessidade de digitalização e maior acessibilidade dos arquivos antigos, que poderiam estar disponíveis para qualquer cidadão, assim como já ocorre com veículos nacionais e internacionais, reforçando a preservação da memória.

6. Referências

ABREU, Caio Fernando. **Onde andar Dulce Veiga?: um romance B**. Rio de Janeiro: Agir, 2007.

_____. **Pequenas epifanias**. Rio de Janeiro: Agir, 2006.

BARBOSA FILHO, Hildeberto. Literatura e jornalismo. **Contraponto**, 22-28 mar 2013. Coluna Convivência Crítica, p. B-7.

BARROS, Patrícia Marcondes de. A imprensa alternativa brasileira nos “anos de chumbo”. In: **Akrpolis - Revista de Ciências Humanas da Unipar**. Vol. 1, n 2. Umuarama: Unipar, 2003.

BORGES, Vavy Pacheco. Grandezas e misérias da biografia. In: PINSKY, Carla Bassanezi (org.). **Fontes Históricas**. 2 edico. São Paulo: Contexto, 2006, p. 203-233.

BROUSTAU, Nadge; JEANNE-PERRIER, Valrie; LE CAM, Florence; PEREIRA, Fábio Henrique. A entrevista de pesquisa com jornalistas. In: **Sur Le Journalisme**. 2012. V. 1, n 01, p. 14-21. Disponível em: <http://surlejournalisme.com/rev/index.php/slj/article/download/17/12>>. Acessado em: 28 ago 2016.

BULHÕES, Marcelo. **Jornalismo e literatura em convergência**. São Paulo: tica, 2007a.

_____. João do Rio e os gêneros jornalísticos no início do século XX. In: **Revista Famecos**. Edio 32. Porto Alegre: [s.n.], 2007b, p. 78-84. Disponível em: <http://revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/revistafamecos/article/view/3418/2681>>. Acessado em: 23 ago 2016.

CAMPBELL, Joseph. **O herói de mil faces**. São Paulo: Pensamento, 2007.

COSSON, Rildo. **Fronteiras contaminadas: literatura como jornalismo e jornalismo como literatura no Brasil dos anos 1970**. Brasília: Universidade de Brasília, 2007.

CZARNOBAI, André Felipe Pontes. **Gonzo – o filho bastardo do New Journalism**. Monografia de graduao em Comunicao Social – Jornalismo. Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2003. Disponível em: www.petcom.ufba.br/arquivos/gonzojornalismo.pdf>. Acessado em: 28 ago 2016.

DALMOLIN, Aline Roes. **Modernizao da imprensa brasileira nos anos 70: Pe. Lauro Trevisan e a reforma editorial de 'Rainha'**. São Leopoldo: Unisinos, [s.d.].

FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. **Miniaurélio Século XXI: o minidicionário da língua portuguesa**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2001.

GENTILLI, Victor. O jornalismo brasileiro do AI-5  distensão: “milagre econmico”, repressão e censura. In: **Estudos em Jornalismo e Mdia**. Vol. I, n 2. Florianópolis: [s.n.], 2004.

GOUVÊA, Hilton. A proliferação dos crustáceos. **A União**, João Pessoa, 31 ago 2014a. Caderno Almanaque, p. 25.

_____. **Histórias fantásticas da Paraíba**. João Pessoa: Patmos Editora, 2014b.

_____. Tragédia da Lagoa completa 40 anos. **A União**, João Pessoa, 25 ago 2015. Caderno Diversidade, p. 10.

JAKOBSON, Roman. Linguística e poética. In: JAKOBSON, Roman. **Linguística e comunicação**. São Paulo: Cultrix, 2000.

JESUS, Manoel. **Literatura e jornalismo - de João do Rio aos anos 2000**. Pelotas: [s.n.], 2007. Disponível em: <<http://manoeljesus.ucpel.tche.br/jornalismoeliteratura.htm>>. Acessado em: 23 jun 2016.

Jornalismo x Literatura: fronteiras entre ficção e realidade. Revista Entrelivros. Edição 11ª. São Paulo: Duetto, [s.d].

JUNG, Carl Gustav. **Os arquétipos e o inconsciente coletivo**. Vol. 9/1. Coleção Obras Completas. 2ª edição. Petrópolis: Vozes, 2000.

KOTSCHO, Ricardo. **A prática da reportagem**. 4ª edição. São Paulo: Ática, 2000.

LAGE, Nilson. **Linguagem jornalística**. São Paulo: Ática, 2006.

LAGO, Cláudia. Antropologia e jornalismo: uma questão de método. In: LAGO, Cláudia; BENETTI, Marcia (orgs.). **Metodologia de pesquisa em jornalismo**. Petrópolis: Vozes, 2007, p. 48-66.

LIMA, Edvaldo Pereira. **Páginas ampliadas:** o livro-reportagem como extensão do jornalismo e da literatura. Campinas: Unicamp, 2004.

_____. **Histórias de vida em jornalismo literário avançado**. 2002. Disponível em: <www.edvaldopereiralima.com.br/index.php/jornalismo-literario/pos-graduacao/memoria-portal-abjl/179-historias-de-vida-em-jornalismo-literario-avancado>. Acessado em: 23 ago 2016.

MANZINI, E. J. A entrevista na pesquisa social. In: **Didática**. São Paulo: 1990/1991. V. 26/27, p. 149-158,. Disponível em: <<http://www.eduinclusivapesq-uerj.pro.br/images/pdf/manzinisaopaulo1990.pdf>>. Acessado em: 28 ago 2016.

MARQUES, Fabrício. Jornalismo e literatura: modos de dizer. In: **Conexão:** Comunicação e Cultura. Caxias do Sul: UCS, 2009. V. 8, p. 11-28.

MEDEL, Manuel Ángel Vásquez. Discurso literário e discurso jornalístico. In: CASTRO, Gustavo de; GALENO, Alex (orgs.). **Jornalismo e literatura: a sedução da palavra**. São Paulo: Escrituras Editora, 2002.

MEDINA, Cremilda. **Notícia, um produto à venda:** jornalismo na sociedade urbana e industrial. 6ª edição. São Paulo: Summus, 1978.

MORAES, Fabiana. **O nascimento de Joicy**: transexualidade, jornalismo e os limites entre repórter e personagem. Porto Alegre: Arquipélago Editorial, 2015.

MOURA, Sandra. **Caco Barcellos**: o repórter e o método. João Pessoa: Editora Universitária, 2007.

PENA, Felipe. **Jornalismo literário**. São Paulo: Contexto, 2006.

PEREIRA, Fábio Henrique; NEVES, Laura Maria. A entrevista de pesquisa com jornalistas: algumas estratégias metodológicas. In: **Intexto**. Porto Alegre: UFRGS, dez 2013. Nº 29, p. 35-50. Disponível em: <<http://seer.ufrgs.br/index.php/intexto/article/view/41898/27817>>. Acessado em: 28 ago 2016.

PIRES, Maria Isabel Edom. O jornalista na literatura brasileira contemporânea: algumas notas. In: **Estudos de Literatura Brasileira Contemporânea**. Nº 17. Brasília: [s.n.], 2002.

RANGEL, Monique Benati. **Poder e discurso da imprensa na década de 60**: A objetividade jornalística a serviço da ditadura militar. Belo Horizonte: [s.n.], 2003. Disponível em: <http://www.intercom.org.br/papers/nacionais/2003/www/pdf/2003_NP02_rangel.pdf> Acessado em: 29 jun 2016.

SANTAELLA, Lucia. **Por que as comunicações e as artes estão convergindo?** São Paulo: Paulus, 2005.

SARTRE, Jean-Paul. **A náusea**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2011.

_____. **O existencialismo é um humanismo**. In: A imaginação: questão de método. Seleção de textos de José Américo Motta Pessanha. Tradução de Rita Correia Guedes, Luiz Roberto Salinas Forte, Bento Prado Júnior. Coleção Os Pensadores. 3ª edição. São Paulo: Nova Cultural, 1987.

SCHMIDT, Benito Bisso. **Construindo biografias...** Historiadores e jornalistas: aproximações e afastamentos. In: Revista Estudos Históricos. V. 10, nº 19. Fundação Getúlio Vargas, 1997, p. 3-22. Disponível em: <<http://bibliotecadigital.fgv.br/ojs/index.php/reh/article/view/2040/1179>>. Acessado em: 12 jan 2016.

SIQUEIRA, Denise da Costa Oliveira. João do Rio, repórter da pobreza na cidade. In: **Revista Em Questão**. Vol. 10, nº. 1. Porto Alegre: [s.n.], 2004. p. 81-93. Disponível em: <<http://seer.ufrgs.br/EmQuestao/article/view/84/44>>. Acessado em: 23 ago 2016.

SODRÉ, Muniz; FERRARI, Maria Helena. **Técnica de reportagem**: notas sobre a narrativa jornalística. São Paulo: Summus, 1986.

TALESE, Gay. **Aos olhos da multidão**. Rio de Janeiro: Expressão e Cultura, 1973.

VIANA FILHO, Luiz. **A verdade na biografia**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1945.

VILAS BOAS, Sérgio. **Perfis: e como escrevê-los**. São Paulo: Summus, 2003.

_____. **Biografismo: reflexões sobre as escritas da vida**. São Paulo: Unesp, 2008.

_____. A arte do perfil. In: **Perfis: o mundo dos outros – 22 personagens e 1 ensaio**. 3ª edição. Barueri: Manole, 2014, p. 271-287.

VOGLER, Christopher. A jornada do escritor. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2009.

WERNECK, Maria Helena. Sobre a biografia no Brasil: historicidades e práticas de escrita. In: FUKELMAN, Clarisse (org). **Eu assino embaixo: biografia, memória e cultura**. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2014, p. 15-33.

WOLFE, Tom. **Radical chique e o Novo Jornalismo**. São Paulo: Companhia das Letras, 2005.

Apêndices

Apêndice A –
Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE) para os participantes



UFPB – UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA
CCTA – CENTRO DE COMUNICAÇÃO, TURISMO E ARTES
PPJ – PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM JORNALISMO

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Prezado(a) senhor(a),

Esta pesquisa é sobre a trajetória profissional do jornalista pessoense Hilton Gouvêa e está sendo desenvolvida pela pesquisadora Érika Bruna Agripino Ramos, aluna do Programa de Pós-Graduação em Jornalismo (PPJ), em nível de mestrado, da Universidade Federal da Paraíba (UFPB), sob a orientação do professor Hildeberto Barbosa de Araújo Filho.

O objetivo do estudo é elaborar, a partir de entrevistas, observação participante e pesquisa documental, um produto jornalístico no formato reportagem-perfil, sobre os mais de 40 anos de atuação do jornalista Hilton Gouvêa na imprensa paraibana. A partir de um resgate dos principais fatos de sua carreira profissional, será feito um relato de sua história nos moldes do jornalismo literário, que utiliza o rigor jornalístico na captação das informações e permite uma construção narrativa com recursos típicos da literatura.

A intenção deste trabalho é contribuir para a memória do jornalismo paraibano, na medida em que se propõe a fazer um retrato de uma geração de jornalistas que atuou na imprensa paraibana nas décadas de 1970 e 1980, com base na história, talvez, do único profissional que continua em atividade como repórter até o momento presente.

Serão realizadas entrevistas e observações, assim como pesquisa documental em edições antigas de jornais e outros materiais que tratem sobre o objeto deste estudo.

Solicitamos a sua permissão para que seja utilizado um gravador de áudio para as entrevistas e uma câmera para registrar algumas imagens. Além disso, solicitamos também a permissão para apresentar os resultados deste estudo em eventos da área e para publicar o produto final.

Todos os participantes do estudo serão informados sobre os procedimentos para a realização da pesquisa e sobre os aspectos éticos. Esclarecemos ainda que a participação é voluntária e, portanto, não é obrigatório o fornecimento das informações e/ou a colaboração com as atividades solicitadas pela pesquisadora. Caso decida não participar do estudo, ou resolva, a qualquer momento, desistir dele, não haverá nenhum dano.

A pesquisadora estará à sua disposição para qualquer esclarecimento que considere necessário, em qualquer etapa da pesquisa.

Diante do exposto, declaro que fui devidamente esclarecido(a) e dou o meu consentimento para realização dos procedimentos da pesquisa e para publicação dos resultados. Estou ciente de que receberei uma cópia deste documento.

João Pessoa–PB, ____/____/____

Assinatura do participante da pesquisa

Assinatura da pesquisadora responsável

Contatos da pesquisadora responsável:

Érika Bruna Agripino Ramos

Telefones: (83) 99362-0363 / (83) 98771-9365

E-mail: erikabrunaagripino@gmail.com

Apêndice B –
Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE) para os representantes dos jornais



UFPB – UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA
CCTA – CENTRO DE COMUNICAÇÃO, TURISMO E ARTES
PPJ – PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM JORNALISMO

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Prezado(a) senhor(a),

Esta pesquisa é sobre a trajetória profissional do jornalista pessoense Hilton Gouvêa e está sendo desenvolvida pela pesquisadora Érika Bruna Agripino Ramos, aluna do Programa de Pós-Graduação em Jornalismo (PPJ), em nível de mestrado, da Universidade Federal da Paraíba (UFPB), sob a orientação do professor Hildeberto Barbosa de Araújo Filho.

O objetivo do estudo é elaborar, a partir de entrevistas, observação participante e pesquisa documental, um produto jornalístico no formato reportagem-perfil, sobre os mais de 40 anos de atuação do jornalista Hilton Gouvêa na imprensa paraibana. A partir de um resgate dos principais fatos de sua carreira profissional, será feito um relato de sua história nos moldes do jornalismo literário, que utiliza o rigor jornalístico na captação das informações e permite uma construção narrativa com recursos típicos da literatura.

A intenção deste trabalho é contribuir para a memória do jornalismo paraibano, na medida em que se propõe a fazer um retrato de uma geração de jornalistas que atuou na imprensa paraibana nas décadas de 1970 e 1980, com base na história, talvez, do único profissional que continua em atividade como repórter até o momento presente.

Solicitamos a sua autorização para realizar entrevistas com profissionais do jornal XXXXXXXXXX, bem como para acompanhar a execução de algumas pautas, registrar

imagens e realizar pesquisa documental nas edições antigas do periódico. Além disso, solicitamos também a permissão para apresentar os resultados deste estudo em eventos da área e para publicar o produto final.

Todos os participantes do estudo serão informados sobre os procedimentos para a realização da pesquisa e sobre os aspectos éticos. Esclarecemos ainda que a participação de cada sujeito no estudo é voluntária e, portanto, não é obrigatório o fornecimento das informações e/ou a colaboração com as atividades solicitadas pela pesquisadora. Caso decidam não participar do estudo, ou resolvam, a qualquer momento, desistir dele, não haverá nenhum dano.

A pesquisadora estará à sua disposição para qualquer esclarecimento que considere necessário, em qualquer etapa da pesquisa.

Diante do exposto, declaro que fui devidamente esclarecido e dou o meu consentimento para realização dos procedimentos da pesquisa e para publicação dos resultados. Estou ciente de que receberei uma cópia deste documento.

João Pessoa–PB, ____/____/____

Assinatura do representante do jornal XXXXXXXX

Assinatura da pesquisadora responsável

Contatos da pesquisadora responsável:

Érika Bruna Agripino Ramos

Telefones: (83) 99362-0363 / (83) 98771-9365

E-mail: erikabrunaagripino@gmail.com

Apêndice C –
Produto final de que trata o relatório acadêmico

Érika Bruna Agripino-Ramos

**No rastro de Hilton,
esbarrei na minha existência:**

**Diário de uma jornalista
em sua primeira grande reportagem**

João Pessoa-PB
Julho/2017

Sumário

O raio da procrastinação.....	02
Escavando fosséis.....	03
Resistência.....	06
Contato imediato de 4º grau.....	08
Contato imediato de 5º grau.....	10
“Você atrai o inusitado”	12
Linhagem familiar.....	14
O surgimento do destemido repórter.....	18
Vida nas redações.....	23
O gringo argentino no Porto de Cabedelo.....	28
Remexendo jornais – e com alergia a pó.....	30
Uma janela para a redação.....	34
Seis meses antes.....	40
O ciclo evitativo.....	41
Espera intelectual.....	44
Imprevistos.....	48
Conexões improváveis.....	50
A história de meu pai.....	52
Hesitação e recaídas.....	55
Insistência.....	57

O raio da procrastinação

“[...] a Universidade me atestou, em pergaminho,
uma ciência que eu estava longe
de trazer arraigada no cérebro”.
(Machado de Assis, *Memórias Póstumas de Brás Cubas*)

Eu deveria escrever. Sentar em uma cadeira, ligar o computador, transcrever anotações. Talvez tomar café, colocar uma música para acalmar o ambiente, buscar inspiração. Dizem que ela não surge do nada, sem esforço; que, na maioria das vezes, tem de ser caçada como um animal selvagem.

Como não gosto muito desse lance de caça, sento-me apenas, espero-a chegar. Durante anos, fui tentando um contato com a fera através de “métodos amigáveis” – que consistiram, basicamente, em aguardá-la distraidamente. Uma hora ela chega, mas, enquanto isso, vou assistir a um filme, terminar uma série, ler um livro, textos de internet, mexer em aplicativos, brincar com a cachorra, arrumar a casa, arquivos, armários, guarda-roupas, mudar coisas de lugar, reorganizar, conversar ao telefone, trabalhar, reclamar do trabalho, reclamar das pessoas, reclamar da vida, pesquisar aleatoriedades, comprar, comer, pagar contas, reclamar das contas, dormir. Amanhã tem mais. Depois de amanhã, a inspiração chega.

Para completar, reza a lenda que jornalista só tem estímulo quando se vê diante de uma boca escancarada cheia de dentes¹ chamada *deadline*. Eu tenho um diploma que atesta que sou jornalista, tá aqui, ó, guardado em alguma pasta dessas que eu organizei, então vamos abusar, que esse hábito parece ser bom e atende às minhas necessidades.

A primeira vez que ouvi o termo “procrastinação”, inclusive, foi na universidade. Era meio *cool* ser assim, acumular apostilas e trabalhos durante o semestre, enquanto se aproveitava a vida fazendo qualquer coisa, principalmente nada. Obrigações? Coloca ali no fim da lista, que, quando chegar a hora, algumas noites de desespero darão conta. Deu tão certo que, concluída a graduação, adotei definitivamente tal comportamento para a vida.

O problema foi voltar a estudar e ter de lidar com um vício alimentado por tantos anos – e pelo menos três sem nenhuma responsabilidade acadêmica. Criar metodologia e cronograma para a pesquisa de mestrado? Ok, posso dar conta. Mas posso também começar a colocar em prática amanhã. Tem aula, acho melhor descansar a cabeça até lá. Aquele filme pode sair de cartaz em breve, preciso ir ao cinema. Preciso ir à farmácia, preciso comer, preciso consolar

um amigo, preciso comprar um sapato, lavar roupa, ir ao médico, ler aquele texto que ficou aberto no navegador, arrumar o quarto, resolver pendências do trabalho. Sábado e domingo, vou me dar o luxo de namorar. Semana que vem eu continuo. O ano tá só começando! Tem feriado esse mês e eu compenso na folga. Amanhã, amanhã, amanhã...

Quando dei por mim, tava aqui²: aulas obrigatórias acabando, meia dúzia de páginas de texto escritas e meses de jornais amontoados atrás da porta do quarto. O único caminho era um nome que se destacara desde a concepção do projeto de pesquisa: Hilton Gouvêa. Não o conheço, não consigo encontrar quase nenhuma informação sobre ele na internet, se ele não aceitar participar, fodeu (com o perdão do palavrão no ambiente acadêmico).

Não penso muito nisso, senão o peito aperta e começa a faltar o ar nos pulmões. Semana que vem eu dou um jeito, agora dá cá um ansiolítico. Sei que vicia, que já estou viciada, mas são trinta anos e nenhuma reportagem escrita, sequer planejada³. Praticamente nenhum contato com redações de jornais, apenas um diploma. Apenas-um-diploma-que-atesta-que-sou-jornalista. E se eu não tiver capacidade, faro de repórter, se eu só tiver nascido com talento para fazer... releases institucionais?

Mas essa história não é sobre mim. Ou é? Não sei, só sei que eu deveria escrevê-la.

Escavando fósseis

“Ah, Hilton Gouvêa? Conheço demais! [...] Era mentiroso!”, disse-me, certa vez, um jornalista que tinha na agenda do celular o número do telefone da própria esposa cadastrado como sendo do governador do Estado – ao que deduzi, para manter a fama de que é um profissional importante, requisitado e que, por isso, receberia muitas chamadas de figuras locais.

“É criativo até demais”, disse-me outro, alertando que meu alvo seria um contador de casos inexistentes, até onde entendi, em brincadeiras inocentes para incomodar alguns colegas de redação.

“É o repórter mais perspicaz que eu já conheci”; “É uma figura excêntrica, chega a ser estranho” – outros lançaram, aguçando ainda mais minha curiosidade e minha aflição em relação a como lidar com um personagem desses. Será que ele mente mesmo? Será que é brincalhão e não vai me levar a sério? Será que vai topa participar da pesquisa? Será que tudo o que ele disser eu vou ter que desconfiar mais do que o habitual? Será que eu vou ser capaz

de retratar um profissional de peso e um personagem tão interessante como esse?

Comentando sobre isso no ambiente de trabalho, um colega se agarrou à primeira informação e ficou horrorizado com o meu fascínio por um jornalista supostamente mentiroso. “Inconcebível, se esse homem for realmente o que algumas pessoas estão dizendo que ele é”, julgou ele, para logo em seguida voltar atrás, quando contei outros detalhes da trajetória de vida e profissão do meu perfilado: “Agora, até eu fiquei com vontade de ler esse seu livro e de conhecê-lo”.

Passei cerca de um ano e meio com nada mais do que uma reportagem do jornal *A União* sobre carcinocultura e o nome de Hilton Gouvêa na cabeça. Aprovada no mestrado, tive crises de ansiedade, imaginei, imaginei, imaginei e evitei cumprir minhas tarefas e levar o trabalho adiante, como descobri que tenho feito há muito tempo em várias esferas da vida.

Porém, aquele monstro de dentes pontudos vinha deslizando agora não tão calmamente em uma esteira rolante na minha direção: faltam seis meses, e, embora o meu ganha-pão não dependa desse trabalho, é com ele que posso obter outro diploma e, entre os benefícios, progredir na carreira funcional, como manda o serviço público. Você não pode deixar a oportunidade passar e desperdiçar tudo o que fez até aqui. Corra, Bruna, corra⁴!

O primeiro empecilho que surgiu na jornada foi: em quem confiar? Como eu não tinha muitas possibilidades, nem, principalmente, expertise ou cara de pau para ir direto ao meu personagem, saí perguntando aos colegas da assessoria de comunicação onde trabalho se alguém conhecia “um tal de Hilton Gouvêa”. Não custei muito para descobrir que ele era uma figura bastante conhecida no meio jornalístico, um decano das redações.

Outro dia, passeando displicentemente com meu namorado em uma livraria de um shopping no bairro de Manaíra, passei a vista, lá no fundo, sobre uma mesa onde haviam empilhado alguns exemplares de livros sobre cultura local. No topo, havia um suporte de acrílico que destacava uma edição branca, de título em fonte vermelha, com um jovem modelo simulando que tinha rasgado o papel daquela capa para olhar surpreso em nossa direção. As letras pretas que indicavam o autor do livro, em cima da cabeça do homem, abduziram-me: “Hilton Gouvêa”.

Puxei uma cadeirinha na loja e esqueci que tinha gente ao meu redor. A essa altura, meu namorado também já tinha se esquecido do mundo e estava absorto em alguma trama fantasiosa na seção de histórias em quadrinhos, enquanto eu experimentava o delírio com aquelas coisas reais⁵ da Paraíba e, principalmente, daquele herói aventureiro que as contava. Não é à toa que os colegas de redação o apelidaram de Indiana Jones.

Na orelha do livro que é uma compilação de reportagens, descobri ali sentada que, ao longo da carreira de mais de 40 anos como jornalista, Hilton Gouvêa topou com cangaceiro, denunciou esquema de roubo de carro envolvendo autoridades locais, levou tiro na frente do prédio do jornal e quase morreu por causa disso, disfarçou-se de médico e se infiltrou em um hospital psiquiátrico para denunciar os maus-tratos sofridos pelos internos – isso em plena Ditadura Militar! Outras situações parecem pura ficção: na década de 1990, em uma manhã de domingo, andando distraidamente com uma namorada na praia de Tambaba, levou uma topada e nem teve muito tempo de xingar a pedra no meio do caminho⁶, já que, na verdade, aquilo era a ponta da ossada de uma baleia pré-histórica, um valioso achado arqueológico que atualmente se encontra em um museu na cidade de Ingá (PB).

Se não só o talento, mas também a sorte parece ser grande aliada desse sujeito, começo a sentir que Deus – “ou isso que chamamos assim tão distraidamente de Deus”⁷ – me presenteou com uma pontinha dessa boa sina quando colocou certa matéria de Hilton Gouvêa na semana em que eu jogava o verde e tentava colher algo de jornalismo literário nos veículos impressos do estado. A minha ideia, em meados de 2014, foi acompanhar um breve intervalo das publicações locais e observar se havia matérias jornalísticas mais trabalhadas do ponto de vista da narrativa. Eu estava no processo de construção do projeto que ia submeter para a seleção do mestrado e precisava de mais embasamento para defender o desenvolvimento de uma pesquisa acadêmica sobre o tema.

Eis o que encontrei: um texto que trazia com habilidade, em uma matéria sobre um assunto aparentemente corriqueiro, vários elementos típicos da construção literária. Aquilo não era uma crônica ou uma coluna, não estava em um espaço que permitisse experimentações ou desvios do modelo “quadrado” das demais matérias que vinham sendo publicadas naquelas páginas em formato *standard*. Era um texto completamente jornalístico, uma reportagem que tinha como personagem um pescador de 49 anos que falava sobre o cultivo de lagostas em cativeiro no litoral norte do estado. O que lhe diferenciava eram as metáforas, a ausência de fontes oficiais, os detalhes aparentemente irrisórios mas bem colocados na narrativa, a grafia errada na fala do carcinocultor, simulando sua própria pronúncia.

Ao achar aquilo, eu tinha a ponta da minha própria baleia.

Resistência

*“Olha lá, quem acha que perder
é ser menor na vida
Olha lá, quem sempre quer vitória
e perde a glória de chorar”.*
(Los Hermanos, O Vencedor)

Clac. Clac. Clac. O anel de ouro batia no tampo de vidro em cima do birô enquanto Tião Lucena falava e gesticulava, na primeira entrevista “pra valer” que eu fiz com alguém sobre a figura de Hilton Gouvêa. Cheguei até ele através do seu irmão, Edmilson Lucena, um colega de trabalho que me revelou que ambos fizeram parte da geração de jornalistas que atuou nas décadas de 1970 e 1980, em João Pessoa.

No início da conversa, Tião elogiou o equipamento que eu tinha sacado para registrar as falas – um mp4 velhinho, que comprei mais ou menos em 2008, com o primeiro dinheiro que consegui por conta própria na fase de universitária, fruto de uma fiscalização de provas do finado Processo Seletivo Seriado da Universidade Federal da Paraíba. Todo mundo se surpreende quando conto que aquele aparelhinho cinza, que mede cerca de sete centímetros, de uma marca de eletrônicos não muito boa, continua funcionando e quebrando o meu galho até hoje.

Minha preocupação, naquele momento, era de que, por causa das batidas do anel na superfície da mesa, a qualidade da gravação ficasse comprometida e eu perdesse algumas informações. Não tenho uma boa memória, corro o risco de perguntar coisas que já foram ditas e, depois, mesmo com a repetição, ainda me esquecer. A solução é anotar tudo, mas isso também poderia me fazer perder alguns dados, por isso acho mais seguro gravar.

No início de todos os encontros marcados, sempre expliquei aos participantes que, por se tratar de uma pesquisa acadêmica, precisava da assinatura de um termo de consentimento e garanti que o participante não era obrigado a colaborar ou a responder tudo o que eu perguntasse. Fazia isso tanto pelos procedimentos éticos obrigatórios como também para deixar claro que não seria nenhum incômodo ou desfeita comigo se a pessoa não se sentisse confortável para falar.

Em julho de 2016, Tião Lucena atendia em um gabinete na Procuradoria-Geral do Estado, localizada na Avenida João Machado, no bairro de Jaguaribe. É um imóvel de

esquina, um casarão antigo e tombado pelo Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico do Estado da Paraíba (Iphaep), o qual foi reformado e adaptado para sediar aquele órgão a partir de 2014. Diariamente eu passo de ônibus, na volta para casa, por outra rua que cruza aquela via e sempre prestei atenção na casa amarela com detalhes brancos, em um amplo terreno todo gradeado e salpicado por palmeiras imperiais, mas até então não sabia sua serventia.

O interior daquele casarão parece um labirinto, com corredores criados através de divisórias de escritório. Lá no fundo, informaram-me na recepção, ficava a sala dele. Eu ainda não estava entendendo muito bem qual era a função desempenhada por Tião, mas supus que ele trabalhasse na assessoria de comunicação. Uma mocinha jovem que o secretariava em uma antessala já tinha sido previamente informada e disse que ele me esperava no outro cômodo. Deve ser o chefe do setor, interpretei.

Entrei e Tião me recebeu muito bem, não fez a menor questão sobre a gravação da conversa e disse que não se importava com a assinatura do documento que eu precisaria obter depois. Havia alguns processos na mesa dele, e só fomos interrompidos rapidamente com a chegada de alguém com mais pastas como aquelas.

“Pronto, tá gravando. Eu queria que, inicialmente, você me falasse um pouco sobre Hilton Gouvêa, porque, como eu lhe disse, eu não sei nada... Como ele é fisicamente?”

“É feio, gordo e careca.”

Ri com aquela descrição tão direta e sem floreios, típica de homens falando de outros homens. Eu já tinha feito uma busca de perfis no *Facebook* e de imagens no *Google*, mas não havia encontrado nada dele. Sinto identificação e ao mesmo tempo irritação com pessoas que conseguem se esconder na internet, porque eu também tento cultivar esse tipo de privacidade/isolamento, mas, ao mesmo tempo, dá trabalho para quem está do lado de cá, querendo fuçar suas vidas.

Depois de me contar alguns causos envolvendo tanto Hilton Gouvêa quanto outros colegas da antiga turma de repórteres, Tião me revelou seu desencantamento com o jornalismo.

“O jornal, você tá entrando nessa história, mas tenha cuidado que o jornal não dá dinheiro a ninguém não. Se você pretende ser jornalista honesta, é que você vai ficar como Hilton até hoje, operário de jornal e andando em carro velho e morando em casa de conjunto. Mas só se você quiser ser aquele cara que vende o espaço ou se prostitui, você se dá bem, senão você tem que procurar outra coisa”, e saiu enumerando os colegas que também tinham pulado fora do barco. Uns viraram assessores de imprensa em órgãos públicos; outro,

professor; outro, empresário... Ele próprio, Tião, tinha largado a área e estava ali na PGE, na verdade, como procurador e corregedor-geral do Estado.

Saí de lá com boas informações, várias indicações de nomes para entrevistar e certo desconforto interior. Não creio que tenha sido a intenção dele, mas a fala acima me fez pensar que alguns podiam realmente menosprezar a permanência de Hilton Gouvêa por tantos anos como “peão” na redação de um jornal, sem que procurasse outras funções mais rentáveis que melhorassem seu padrão de vida.

Tenho pensado, não de agora, nesse tipo de utilitarismo que a nossa sociedade se acostumou a cultivar e fiquei refletindo se aquilo implicava dizer que, por mais que ele fosse um bom jornalista, seu reconhecimento deveria passar também por um destaque financeiro e social. Será que o fato de meu perfilado continuar na mesma posição de 40 anos atrás e não corresponder a certos padrões o tornaria alguém que não venceu na vida? Ou não seria justamente ele o vencedor, por continuar remando e movendo o barco do qual todos nós pulamos?

Contato imediato de 4º grau

*“Há tempos minha atitude
dorme em um colchão de molas
E minha consciência,
num travesseiro de pedras”.*
(Rádio Esterno, Travesseiro de Pedras)

Sessão de terapia.

“Então vamos lá: você acha que precisa cumprir que tarefas para levar esse projeto adiante sem se sobrecarregar na parte final do prazo?”

“Preciso terminar de ver os jornais. Acho que preciso também deixar de imaginar que o contato pode ser um fiasco e enfrentar o medo, ir ao jornal, me apresentar, etc. Preciso antes pensar no que vou perguntar, que momentos da vida dele quero abordar, não sei direito...”

“Se você por acaso o encontrasse hoje, quando saísse daqui, no hipermercado, no ponto de ônibus, se só tivesse uma chance, ‘aquela’ oportunidade, você já pensou no que poderia perguntar?”

Nada me vinha à cabeça. Provavelmente eu deixaria a oportunidade passar com medo de fazer perguntas que soassem bobas e depois me fizessem sentir meio idiota. Ri envergonhada e ensaiei alguma justificativa de que não tinha parado ainda para ver isso. O psicólogo me orientou: “Comece por aí”.

Aquela procrastinação que eu tanto glamorizei, quando a descobri no início do curso de Jornalismo, tinha outro nome na sala do terapeuta: comportamento evitativo. Pelo que aprendi, é uma atitude que colabora para o transtorno de ansiedade generalizada que começou a comprometer minha saúde e o meu dia a dia e me fez chegar até ali. Curioso foi também começar a perceber que alguns jornalistas experientes que eu conheço parecem, ao contrário de mim, querer se livrar das pendências o mais rápido possível. Lidam com prazos muito curtos, diários, às vezes, menos que isso. Pelo visto, não dá para colocar muito aquela culpa na herança da profissão. Parece que sou eu que não tenho me movido mesmo.

No dia seguinte ao da entrevista com Tião Lucena, tomei fôlego e liguei para a redação do jornal *A União* para o primeiro contato com Hilton Gouvêa. No pior dos resultados, tentei raciocinar, ainda me restava bancar Gay Talese e perseguir à distância o meu Frank Sinatra.

“Um momento. Hilton, é para você!”

Se essa narrativa fosse um filme, daria para ouvir Belchior no *background*, enquanto eu aguardava ao telefone: “medo, medo, medo”⁸. Medo. Mesmo com tudo anotadinho em tópicos num pedaço de papel, para não me perder nem esquecer de falar o mais importante.

“Oi, Hilton! Meu nome é Bruna, faço mestrado em jornalismo na UFPB e estou realizando uma pesquisa sobre jornalismo literário. Na busca por profissionais da imprensa daqui que tivessem uma aproximação com esse tipo de escrita, encontrei uma reportagem sua que se encaixa nos critérios e gostaria de saber se você poderia me receber para uma entrevista.”

Tive a impressão de que ele não entendeu muito bem o que seria jornalismo literário nem demonstrava conhecer, em teoria, tais técnicas que podem ser aplicadas ao jornalismo, pois logo justificou que tinha poucas produções sobre literatura e se voltava mais para reportagens sobre fatos históricos. Esse desconhecimento foi recorrente não só com ele, mas com outros profissionais que entrevistei antes e depois, e eu pensei que, por mais que não tivesse entendido as teorias que eu mencionava, Hilton parecia saber fazer o jornalismo que eu procurava.

Expliquei rapidamente alguns recursos que ele tinha utilizado na reportagem sobre carcinocultura, e, após o esclarecimento, ele respondeu algo como: “Ah, ok. Então venha aqui

amanhã e debatemos sobre a matéria”.

Senti tudo indo rápido demais para o meu gosto; meu eu evitativo pediria uns dias de intervalo para digerir aquele primeiro contato e assentar a ideia de que iria encontrá-lo. Mas, como não podia desperdiçar a chance, claro que aceitei. Naquele mesmo dia, avisei sobre o atraso que teria no trabalho e, antes de dormir, tomei um remédio para tentar relaxar. Estava eu prestes a conhecer aquele ser ainda não identificado.

Contato imediato de 5º grau

*“Caminhante, não há caminho,
se faz o caminho ao andar”.*

(Antonio Machado, Proverbios Y Cantares – Poema XXIX)

O prédio atual de *A União* fica em uma localidade distante do centro de João Pessoa, o bairro de Distrito Industrial, na zona sul da capital paraibana. Como o próprio nome sugere, a região foi sendo destinada, a partir dos anos 1970, para a instalação de fábricas e indústrias no município. No trajeto do bairro onde moro, na zona oeste, até lá, as casas iam rareando e dando vez a pontos comerciais, mato baixo, caminhões transportando cargas na BR-230 e poeira subindo na pista. No primeiro dia em que me desloquei para lá, uma obra para construção do Viaduto do Geisel acontecia às margens da estrada, causando certa lentidão ao trânsito no local.

A vinda de *A União* para a área também remonta àquela década, quando o então governador Ernani Sátiro autorizou, através da Lei nº 3.704/1972, a constituição da sociedade de economia mista denominada “A União – Companhia Editora”, a fim de regulamentar seus objetivos e fortalecê-la economicamente. No ano seguinte, 80 anos após sua fundação, o veículo estatal (e único jornal oficial existente no Brasil atualmente) ganharia as instalações definitivas no Distrito Industrial. Antes, teve sua sede na Praça João Pessoa – no terreno onde depois seria construída a Assembleia Legislativa da Paraíba (ALPB) – e passagens pela Avenida General Osório, no Centro, e pelas Ruas Osvaldo Pessoa e João Amorim, ambas em Jaguaribe.

Para chegar à Avenida Chesf, onde fica o jornal, para quem vem de João Pessoa já na BR-101, entra-se à direita após cruzar uma passarela para pedestres. Tive medo de ir sozinha,

de ônibus, por se tratar de um local ermo e desconhecido para mim, então meu namorado me deu uma carona. Senti que fiz bem, porque, ao chegarmos ao local, estávamos cercados por terrenos baldios e poucos carros trafegando na rua, o que não seria muito seguro para uma mulher sozinha, apesar de não passar das 9h30.

Paramos na calçada de paralelepípedos que funciona como estacionamento. Detalhes da edificação sinalizavam que o prédio foi projetado há algumas décadas: paredes de tijolos pintadas em tom de barro e divididas por colunas acinzentadas e um painel de concreto pintado com letras embaralhadas que formam várias vezes a palavra “gráfica”, semelhantes às peças que eram reunidas em matrizes tipográficas para o processo de impressão dos jornais antigamente. O projeto arquitetônico foi assinado por Carlos Alberto Carneiro da Cunha e executado inteiramente com recursos do Estado, sendo considerado, na época, um dos mais modernos parques gráficos do Nordeste. O painel da fachada, por sua vez, foi uma criação de Régis Cavalcanti, artista plástico e então estagiário da equipe de Arquitetura.

Entramos no primeiro bloco, que internamente se assemelhava a um órgão público. Uma recepcionista ligou para Hilton e me orientou a atravessar o pátio e encontrá-lo na redação. Já conhecia os ambientes de outros dois jornais da cidade (*Correio da Paraíba* e *Jornal da Paraíba*) e minha expectativa era de que o de *A União* fosse um pouco mais “sucateado”, por se tratar de um veículo estatal e centenário. Para minha surpresa, dei de cara com uma estrutura espaçosa, arejada e bem-cuidada, com um “quê” de modernidade que destoava do que eu tinha visto e imaginado lá na entrada. Alguns móveis eram feitos de paletes (uma estrutura formada por vigas de madeira clara para sustentar cargas pesadas, a fim de facilitar sua armazenagem e transporte), os quais viraram tendência em decoração nos últimos anos; a pintura era branca e havia aplicação de edições do jornal em tom sépia em algumas paredes completas, formando uma espécie de painel histórico; além de uma parede grande pintada com tinta preta especial, que funciona como quadro negro para riscar com giz. Esses detalhes davam à redação um agradável toque jovial.

O ambiente tinha também uma boa iluminação natural, com janelas grandes, destoando das estruturas das redações dos outros jornais, que eram completamente fechadas e se assemelhavam a porões. Ao contrário, a vista das janelas da redação de *A União* dá para o pátio do imóvel, com um jardim muito bem-cuidado, com linotipos restauradas e colocadas entre as árvores e plantas menores que estavam sendo podadas quando atravessamos.

Sem ter visto nenhuma imagem de Hilton Gouvêa até então, entrei sozinha na redação, procurando rapidamente um repórter mais velho (na época, ele estava com 67 anos) e, como

seu ex-colega Tião Lucena me orientou, “feio, gordo e careca”. Não posso negar que foi uma referência útil. Quando me apresentei, ele me saudou e pediu que eu esperasse um pouco, para terminar de escrever algo no computador. Notei que o leitor de texto estava com a fonte em um tamanho enorme. Mais adiante, ele me revelou que está com uma percentagem muito baixa de visão, devido a uma catarata de fundo de olho. Vez ou outra, espreme o rosto e deixa os olhos bem cerradinhos para conseguir enxergar melhor.

Pelas fotos que já vi de dois de seus outros oito irmãos, posso dizer que a imprensa que Hilton costuma dar nos olhos resalta seus traços familiares: eles só têm testa, nariz e queixo. A boca e os olhos são linhas finas que ficam ali, escondidas, só completando a estrutura da face, parecendo um desenho do Popeye. Em conversas posteriores, ele lembrou que, devido aos olhos puxadinhos, seu apelido era “China” nos tempos de colégio.

Não tive contato com o restante da equipe da redação, exceto por essa breve passagem pela estação de trabalho dos repórteres, com todos concentrados em seus afazeres. Quando terminou de escrever o que estava fazendo em seu computador, Hilton me conduziu à mesa de reuniões, que fica a certa distância de onde se concentravam os demais jornalistas. Próximo a nós dois, havia apenas um homem de meia-idade trabalhando no computador, o qual deduzi ser um editor ou chefe de reportagem do jornal. Hilton me disse algo prático como “Vamos lá, o que você quer saber?”, e eu comecei a lhe explicar qual era o objetivo da minha pesquisa e lhe dei também uma cópia do projeto aprovado pelo Programa de Pós-Graduação em Jornalismo (PPJ).

Em pouquíssimos minutos de fala e com muita naturalidade, ele me interrompeu e desandou a contar dezenas de histórias. Conversamos por cerca de duas horas.

“Você atrai o inusitado”

O ano era 2004 ou 2005. Hilton Gouvêa aguardava a abertura do elevador no prédio da Associação de Plantadores de Cana da Paraíba (Asplan), no centro de João Pessoa, quando ouviu uma voz imponente bradando atrás de si: “Grande jornalista!”

Ao se virar, deu de cara com uma figura que ele achava parecida fisicamente com o ator George Hilton, famoso por performances em filmes italianos de faroeste nas décadas de 1960 e 1970. De calça social e camisa branca, com o botão mais próximo da gola desabotoado e as mangas compridas dobradas um pouco abaixo dos cotovelos, o dublê de estrela de cinema era,

na verdade, o jornalista Luiz Augusto Crispim, que Hilton conhecia muito bem.

Era contra aquele antigo chefe de reportagem do jornal *O Norte* que, em 1974, o inexperiente “foca” vociferava internamente sempre que recebia um texto corrigido e com orientações de mudanças. Hilton não gostava dos comentários rabiscados na folha datilografada e, desde jovem, não aceitava desaforo de ninguém, mesmo que a abordagem fosse a mais educada e modesta possível, como era da postura de Crispim.

“Depois de me mandar corrigir sei lá quantas vezes, eu voltava formigando e prestes a lhe dar uma resposta daquelas na próxima... Mas aí ele chegava com toda a calma dizendo que ‘tudo bem, acho que assim dá para publicar’... Dá para publicar!!! Diga aí! Vinha me falar isso depois de eu mexer no texto daquele tanto!”, e Hilton ria enquanto me contava aquela história. “Eu era muito novo, malcriado, respondão e achava que já sabia de tudo, mas a verdade é que ele me ajudou bastante a ser mais enxuto com o texto, a usar menos adjetivos e a escrever melhor. O jornalismo me domesticou”.

Ele foi ficando sério quando se lembrou da história mais recente que tinha de Luiz Augusto Crispim. Foi aquela situação do elevador, o último encontro que tiveram antes do falecimento do jornalista, por complicações decorrentes de um câncer de próstata, em 7 de dezembro de 2008, uma semana antes do aniversário de 60 anos de Hilton Gouvêa. Eles tinham uma diferença de três anos de idade e, quando se conheceram, em meados dos anos 1970, ambos ainda nem tinham chegado à faixa dos 30 anos, mas Hilton falava do antigo chefe como se o sujeito fosse um mentor com décadas de experiência de vida e de profissão à sua frente.

Apontou para um quadro que ficava atrás de nós, em uma das paredes de *A União*, para me mostrar a fisionomia de Luiz Crispim. O jornalista, escritor e advogado pessoense, que ganhou um Prêmio Esso em 1975, foi homenageado postumamente pelo jornal emprestando seu nome àquela redação onde agora conversávamos. De repente, enquanto me falava da referência que lhe tinha sido aquele homem, o rosto de Hilton Gouvêa foi ficando vermelho e ele desabou no choro. Aquele encontro no elevador tinha sido a última vez que viu o amigo.

Era ainda a nossa primeira entrevista, e eu fui surpreendida com aquela reação. Imaginei que Hilton tinha uma profunda admiração e uma forte ligação com Luiz Augusto Crispim, além de uma emotividade que eu não esperava, a ponto de chorar outra vez na minha frente, quando voltou a tocar no assunto, escondendo os olhos com as mãos.

Logo depois, comecei a entender que aquele reconhecimento de Crispim era uma espécie de troféu que Hilton carregava, um atestado sobre sua capacidade como jornalista, que

ele lembrava com todo o orgulho. Devido às pautas improváveis que a vida jogava em suas mãos – a exemplo da topada na baleia pré-histórica e do encontro com um mendigo que, na verdade, era um ex-cangaceiro –, Luiz Augusto Crispim costumava lhe dizer que ele “atraía o inusitado”. Também garantia que, se conseguisse reunir em um só lugar dez repórteres como Hilton Gouvêa, teria o melhor jornal do Brasil. Isso sentenciado pela boca de um membro da Academia Paraibana de Letras, vencedor do Prêmio Esso de Jornalismo, mexe com a autoestima de qualquer um.

Linhagem familiar

Daquela primeira conversa com Hilton Gouvêa, também saí com a impressão de que outro motivo de satisfação para ele era contar que descobriu por conta própria ligações de sua família com o passado. “Muitos intelectuais sabem decorada a história da Grécia, mas desconhecem aspectos do lugar onde nasceram e de sua própria família”, comentou.

O pai de Hilton se chamava Milton Marques de Araújo e era natural de Itabaiana, município localizado no agreste paraibano. Nascido em 2 de novembro de 1921, fugiu de casa aos 19 anos e, para se manter, acumulou diferentes profissões: foi sargento, carteiro, açougueiro... Desse último ofício, não só ele, mas toda a família adquiriu o hábito de comer carne em demasia.

Frequentemente, enquanto cortava peças de carne em um açougue onde trabalhava com os tios, na Rua da República, já na capital, Milton observava uma moça que passava fardada para a escola. “Ô, menina bonita!”, cantava, sem receber atenção.

Um dia, brincando Carnaval fantasiado com trajes femininos, Milton subiu em um bonde e jogou lança-perfume no rosto daquela mesma mocinha, que se chamava Josefa Gouveia, vinha de Timbaúba (PE) e era exatamente um dia mais velha do que ele. Sabe-se Deus como (porque ela era “braba feito siri em uma lata”), os dois acabaram conversando e ensaiando um namoro que inicialmente não foi consentido pela tradicional família da jovem. De volta ao trabalho, ele sofreu um acidente e cortou a mão em um dos ganchos usados para pendurar carne. Zefinha, como era chamada, foi visitá-lo no hospital, e não teve mais quem os impedisse de ficarem juntos.

Já casados, depois de servir como sargento nos anos em que se deu a Segunda Guerra Mundial, Milton fez um concurso e se tornou carteiro dos Correios. A família então virou um

grupo itinerante, passando por cidades como Arara, Caiçara, Solânea...

A mãe de Zefinha era loira de olhos claros, enquanto Milton vinha de uma família de gente negra, de modo que os filhos foram nascendo mesclados: um branco que nem tapioca, o outro moreno, outro nem uma coisa nem outra.

Seu Milton e Dona Zezé, como também ficou conhecida, já tinham três meninas quando, no dia 13 de dezembro de 1948, “Tuca” nasceu. Na verdade, o casal teve um total de 14 filhos, mas só nove sobreviveram. Da contagem original, ele era o 7º filho e ouviu muitas histórias de que teria como destino tornar-se um lobisomem. Não foi algo lendário como o folclore previa, mas parece que a vida desde o início queria mesmo fazer aquele menino diferente: no momento do registro de seu nascimento, o cartório errou a grafia de um dos sobrenomes, e Hilton foi o único que recebeu o Gouveia da mãe sem o “i”. Tempos depois, nas pirraças entre os nove irmãos, isso viraria motivo de piada: “Tuca é o único filho da puta da família!”.

Outra dessas façanhas cartorárias também aconteceu com um dos filhos mais novos: escolhido para levar adiante o nome completo do pai, Milton Marques Júnior foi registrado sem o último sobrenome e acabou sem vínculo com mãe nem pai. “Eu nem tenho o Gouveia de minha mãe, nem tenho o Araújo de meu pai. O cartório comeu o Araújo, então eu fiquei Milton Marques Júnior. Eu sou filho da mãe de meu pai, e não do meu pai”, contou o irmão de Hilton.

Ambos os irmãos se lembram com carinho de uma das primeiras casas onde a família morou, na Avenida Coremas, no bairro de Jaguaribe. A mãe trabalhava como técnica de análises clínicas e também era parteira diplomada na Maternidade Cândida Vargas, localizada naquela mesma rua.

“É uma avenida que eu trago com uma memória muito forte da minha vida, porque ela tem um quilômetro de comprimento e uma característica bem marcante: ela é dividida por jambeiros... Então, nos períodos da frutificação do jambo, a rua ficava tomada por um tapete vermelho”, lembra-se o professor universitário Milton Marques Júnior.

Hilton também mencionou os jambeiros e disse que, como criança geniosa que era, detestava quando os moleques da rua subiam nas árvores do perímetro da sua casa para pegar os “seus” jambos. Rolavam no chão com as brigas, mas em pouco tempo já estavam compartilhando as brincadeiras na calçada novamente. “Tinha vez que eu aprontava até na maternidade onde minha mãe trabalhava. A gente ia matar lagartixa, mas errava a mão na baleadeira e quebrava os vidros da janela... Quando minha mãe chegava em casa, era aquela

pisa”, contou ele, em meio aos risos.

Os pais eram muito preocupados com a educação de todos os filhos. “Apesar de nenhum dos dois ter completado o ginásio, meu pai tinha um gosto muito grande pela leitura; e minha mãe escrevia muito bem, falava muito bem, e foi quem nos ensinou a fazer cópia, ensinou tabuada, e detestava quem falava errado perto dela”, destacou Milton Júnior.

Os mais velhos chegaram a estudar nos melhores colégios internos do estado e fora dele. As três moças foram para um colégio de freiras em Bananeiras (PB), enquanto Hilton foi levado para Caicó (RN), jurando que ia ser padre. “Tinha muita menina lá que dizia que eu era bonito, e eu também gostava delas, aí desisti dessa vida”, completou.

Milton Júnior confirmou a fama de namorador do irmão: “Hilton era um sujeito bonito, fazia um sucesso enorme com as moças em todos os lugares, onde a gente morou e fora também. Era muito bonito e vaidoso”.

Assim que atingiu a maioridade, o rapaz que gostava de andar na moda e de viver a juventude fugiu com uma moça de 16 anos e foi obrigado a se casar. Moraram três anos na casa dos pais de Hilton e já tinham um filho pequeno, quando ele soube de um recrutamento para trabalhar na Transamazônica. O pai militar queria que ele se alistasse no Exército, mas Hilton foi embora para Altamira (PA), trabalhar no setor burocrático. Quando voltou, já tinha condições de sustentar a própria família e começou a trabalhar com serigrafia. Depois, pulou para o jornalismo.

Hilton, em dado momento da vida, durante as inquietações investigativas que sempre teve, começou a refazer outras ligações familiares com o passado. Seu avô Cornélio Eulâmpio de Gouveia, pai da sua mãe, já estava no fim da vida quando teria mostrado, ao neto jornalista, papéis que revelavam que ele era sobrinho de um coronel e grande industrial cearense. Delmiro Augusto da Cruz Gouveia, que hoje empresta seu nome a um município alagoano, seria, portanto, tio-bisavô de Hilton Gouvêa.

Embora não tenha ficado com essa documentação, Hilton garante que, fora isso e o testemunho de seu avô, os rastros são claros: no século retrasado, ainda criança, Delmiro Gouveia se transferiu com a família do Ceará para o estado de Pernambuco, vivendo inicialmente em Goiana (PE), depois em Recife (PE). A mãe de Hilton, sobrinha-neta de Delmiro, nasceu em Timbaúba, um município pernambucano que fica a 40 minutos de Goiana e a duas horas de Recife. Ou seja, dentro da área onde os pais de Delmiro (e, portanto, também pais do avô de Josefa, conforme a árvore genealógica que tive que desenhar para entender) se estabeleceram.

Lá na capital pernambucana, Delmiro Gouveia começou a construir seu império, cujas marcas históricas podem ser vistas até hoje: o bairro do Derby se originou a partir da construção de um moderno centro comercial estabelecido pelo industrial cearense, na virada dos séculos XIX e XX, em uma área onde antes havia um hipódromo que foi desativado. O empreendimento, considerado o primeiro *shopping center* do Brasil, foi destruído em um incêndio intencional, no ano de 1900, devido a perseguições políticas sofridas por seu dono e que resultaram em seu assassinato, em 1917. Na década de 1920, o prédio foi recuperado, perdeu características góticas originais, como as portas e janelas ogivais (ou seja, “pontudas” na parte superior), as quais foram mescladas para uma arquitetura renascentista, mais arredondada. Virou sede da Polícia de Pernambuco e, juntamente a um projeto de urbanização na região, atraiu famílias ricas que começaram a se estabelecer no seu entorno. Hoje, o prédio inicialmente concebido por Delmiro Gouveia, em Recife, é conhecido como o Quartel do Derby.

Segundo apurei com a família mais próxima, atualmente, essa ligação dos Gouveia paraibanos com o Gouveia industrial cearense só consta na palavra de Hilton, embora o jornalista afirme que conversou com outros parentes para confirmar a história. “O meu conhecimento sobre a genealogia da família esbarra no meu avô Cornélio Eulâmpio de Gouveia e na minha avó Estelina Apolinário de Gouveia. Para cima eu não fui, não sei, e Hilton deve ter feito uma pesquisa para poder dizer que nós temos um parentesco com Delmiro Gouveia. [...] Confesso que eu nunca ouvi falar isso na família, a não ser através dele. Eu acredito que seja, porque a família é basicamente uma só”, analisou um dos seus irmãos, Milton Marques Júnior.

Não satisfeito com a relação parental, Hilton logo tratou de observar outras conexões pessoais com aquela figura histórica. Ele diz que vem da linhagem familiar de Delmiro Gouveia um espírito desbravador, aventureiro, assim como uma coincidência no campo conjugal. Consta na história de seu antepassado a fama de namorador e o envolvimento com uma menina adolescente, de 12 anos, com quem ele fugiu, após seu primeiro casamento, e passou a viver até sua morte. Tiveram três filhos. Pois a curiosidade é que Hilton, depois de outros casamentos, aos 49 anos, também fugiu com uma adolescente de 14, com quem vive até hoje e que lhe deu três filhos. No total, ele é pai de 13 filhos, de três mulheres diferentes. A filha mais velha já está beirando os 50, enquanto a caçula tem somente quatro anos de idade.

Os dois também demonstram ter traços de personalidade parecidos: impacientes, de

pavio curto. Homens práticos, que não admitem preguiça nem estupidez. Segundo relatos históricos, Delmiro Gouveia chegou a agredir com bengaladas um vice-presidente da República. O ataque de fúria teria sido motivado por uma ameaça de morte que estava sofrendo. Rosa e Silva, vice do então presidente Campos Sales, teve que se esconder em uma loja na Rua do Ouvidor, no centro do Rio de Janeiro, para fugir das pancadas testemunhadas por uma pequena multidão.

Já de Hilton, foram inúmeras as histórias de que ele pode ser uma pessoa extremamente gentil e brincalhona, desde que não critiquem suas convicções nem pisem no seu calo. “Na adolescência, sempre foi briguento, opiniático e de um humor difícil, apesar de sempre ser uma figura de um bom humor, quando tá contando causos, excepcional. Mas aí de quem discordar dele... A opinião dele é a opinião dele e acabou”, revelou seu irmão Milton Júnior.

Outros ex-colegas de redação, como o jornalista Jorge Rezende, também convergiram para uma descrição nesse sentido: “Assim, ele é uma pessoa... não quero chamar de bipolar, mas ele conseguia ser numa pessoa só a mais sensível para tratar de um assunto, mas podia ser a mais troglodita do mundo... [...] Ele era estúpido e delicado ao mesmo tempo”.

O repórter fotográfico Antônio David Diniz, companheiro de trabalho de Hilton durante muitos anos, desde o início de ambos no jornal *O Norte*, ainda comentou: “Ele tinha esse lado meio rude, ignorante, mas eu também era meio ignorante, do interior, e a gente terminava levando tudo na maior brincadeira. No meio jornalístico, tem muita gente que quer tirar brincadeira com o foca, mas Hilton não permitia isso, porque ele sempre levou o trabalho dele com muita seriedade e competência”.

O surgimento do destemido repórter

Hilton Gouvêa tinha mais ou menos 25 anos quando começou como repórter da editoria de Geral no jornal *O Norte*. Mesmo tendo passado por várias editorias em diversos veículos ao longo de sua trajetória, ele faz questão de frisar: sempre foi e sempre será um repórter de Geral, pau para toda obra. Não tinha isso de escolher uma área para atuar, tanto que ele enveredou por várias ao longo dos mais de 40 anos de profissão.

Ele conta, em uma entrevista publicada em 2013, na coluna de Agnaldo Almeida, em *A União*, sobre seu ingresso no jornalismo paraibano: “Naqueles tempos não existia Escola de Comunicação em João Pessoa. Aí, eu operava um computador Varicomp, em *A União*. Faltou

uma matéria para fechar uma página. O editor Marconi Altamirando soube que eu estava recém-chegado da Transamazônica e perguntou-me se eu topava escrever a matéria. Escrevi. Ele gostou. Dois dias depois, eu já estava como repórter. Mais alguns dias e passei para *O Norte* [...]. Emplaquei em jornal até hoje”.

Sua primeira manchete, da qual ele se lembra bem, foi uma reportagem sobre poluição na Ilha do Bispo. Pauta na mão, Hilton entrou em contato com uma equipe de um posto de saúde e descobriu que a esmagadora maioria da população da localidade apresentava problemas respiratórios, inclusive com grande quantidade de casos de enfisema pulmonar, uma doença degenerativa que acomete a elasticidade e os alvéolos e compromete a troca adequada de ar nos pulmões. A apuração do repórter chegou até uma fábrica de cimento na região, de onde saía a poeira que estaria causando danos à saúde dos moradores.

Após a repercussão dessa e de outras reportagens, ele começou a ganhar espaço e gradativamente mais liberdade com seus textos. “Cinco ou sete meses depois de começar no jornal, eu não fui mais copidescado”, diz, cheio de orgulho.

Já na rotina entre uma pauta e outra, no fim da tarde de 24 de agosto de 1975, Hilton foi surpreendido com sua verdadeira prova de fogo: a tragédia da Lagoa. Estava junto com um repórter fotográfico quando, passando pela região do Centro, viram a multidão no entorno de um dos principais cartões-postais de João Pessoa. Era um domingo, e a população participava das comemorações da Semana do Soldado.

O mês de agosto é considerado por muitos o mês do desgosto e do mau agouro, mas um de seus dias, em particular, é motivo de cuidado extra para os mais supersticiosos. Reza a lenda que, a cada 24 de agosto, o Diabo foge do inferno e vem aprontar perto da humanidade. A data é conhecida entre os católicos como o Dia de São Bartolomeu, em referência a um dos apóstolos de Jesus Cristo que morreu esfolado e decapitado naquele dia, no ano de 51 d.C. Na representação do Juízo Final feita pelo artista renascentista Michelangelo, no altar da Capela Sistina, no Vaticano, São Bartolomeu é uma das figuras que aparecem ao redor de Cristo e está segurando a própria pele, arrancada do corpo antes de sua morte.

Vários fatos históricos e tragédias mundiais ocorreram nessa data. A erupção vulcânica do Vesúvio, que destruiu Pompeia e outras cidades do Império Romano, ocorreu em 24 de agosto de 79 (d.C.). A cidade de Roma foi saqueada pelos visigodos em 24 de agosto de 410, sendo essa a primeira de uma série de invasões que resultaram na queda do Império Romano do Ocidente, no ano de 476, evento que marcou o fim da Idade Antiga e o início do período medieval. Um massacre de milhares de cristãos protestantes, em Paris, aconteceu em 24 de

agosto de 1572. No período final da Segunda Guerra Mundial, a cidade alemã de Frankfurt foi severamente bombardeada em 24 de agosto de 1944. O ex-presidente Getúlio Vargas se suicidou com um tiro no peito em 24 de agosto de 1954. Sobrou até para Plutão, que, em 24 de agosto de 2006, foi rebaixado à categoria de planeta-anão.

João Pessoa também teve sua própria tragédia no dia 24 de agosto de 1975. Durante os festejos organizados pelo Exército na Lagoa do Parque Solon de Lucena, na véspera do Dia do Soldado, a principal atração era um passeio de cerca de 20 minutos em um equipamento militar que se assemelhava a uma balsa, chamado de “portada M-2”. A embarcação vinha emprestada do 7º Batalhão de Engenharia de Combate de Natal (RN) e estava exposta para a população juntamente com outros apetrechos, armamentos e até tanques de guerra, que ficaram na área próxima ao Cassino.

A movimentação no entorno da Lagoa era intensa, com vendedores de pipoca, algodão doce e outras guloseimas, os quais aproveitavam a demanda de crianças que vinham com seus pais para curtir aquela tarde de domingo. Algumas corriam, outras brincavam de bola de gude no chão e uma grande quantidade aguardava na fila para dar uma volta no barco de uso militar.

Informações de jornais da época dão conta de que a estrutura comportava até 60 pessoas, mas foi ocupada por mais de uma centena naquela última viagem. Narra-se que uma das crianças foi puxada pela roupa no momento em que estava subindo na embarcação. “Tem gente demais, você não pode entrar não, rapazinho”, disse mais ou menos assim o soldado que controlava a entrada. O menino, que não tinha nem cinco anos, ficou chorando enquanto o barco se afastava.

A ideia era que, saindo da margem próxima à Avenida Getúlio Vargas, a embarcação contornasse em sentido horário a fonte luminosa que ficava no centro da Lagoa. Em reportagem do jornal *O Norte* de 26 de agosto de 1975, supostamente (já que, naquela época, os textos não eram assinados) escrita por Hilton Gouvêa, há descrições cena a cena do que se passou:

“Seria o último passeio da lancha (portada). Numa enorme fila, dezenas de pessoas aguardavam a vez de embarcar. Na Lagoa do Parque Solon de Lucena, cerca de cinco mil pessoas se encontravam no local, principalmente crianças, visitando a exposição promovida pelo exército. De repente um grito: ‘— A lancha está afundando’. Foi o suficiente para provocar o terror entre todos. Enquanto, lentamente, a embarcação afundava, muitos se jogavam na lodosa água da Lagoa. Os pais de muitas crianças que estavam na lancha,

desesperados, ajudavam os soldados e oficiais nas buscas de salvamento, enquanto que uma mãe de três crianças que se afogavam na Lagoa tinha um ataque cardíaco.”

O caso teve repercussão em todos os veículos locais e também nos nacionais. “Segundo versão corrente na capital paraibana, o acidente foi causado pelo pânico que tomou conta dos passageiros; a barca teria se inclinado um pouco e os passageiros passaram a se movimentar de um lado para o outro – a barca perdeu seu ponto de equilíbrio natural e soçobrou”, detalha uma matéria veiculada no jornal *Folha de S. Paulo*, também na terça-feira seguinte ao naufrágio.

Testemunhas relatam que, apesar de ser essa a versão oficial do Exército, a estrutura era muito frágil, não tinha proteção em sua volta, estava superlotada (há quem fale em até 200 pessoas disputando o pequeno espaço) e sequer botes ou coletes salva-vidas foram disponibilizados. Conforme o barco afundava, algumas pessoas conseguiram se apoiar em cima da estrutura, outras tentaram manter as crianças menores no alto, segurando-as nos braços. Centenas de populares assistiam a tudo às margens da Lagoa, sem poder nada fazer. O sol já se punha quando os bombeiros chegaram, o que prejudicou o resgate noite adentro.

O saldo foi de 35 pessoas mortas, sendo 29 crianças, além de dezenas hospitalizadas em estado de choque. Hilton Gouvêa conta que, tendo chegado ainda no momento em que o barco afundava, acompanhou, com o repórter fotográfico, os trabalhos naquele primeiro dia e, na manhã seguinte, ambos voltaram para registrar os desdobramentos do naufrágio. Corpos retirados estavam sendo deixados na grama em torno da Lagoa, e, conforme ele fazia a cobertura jornalística, percebeu que outros mortos ainda estavam boiando nas águas poluídas.

Depois de vários registros, Hilton ouviu alguém atrás de si: “Ei, gordinho! Vocês pensam que tão fazendo o quê?”. Era um dos militares que, de arma em punho, falava em tom de ameaça, sem deixá-lo sequer argumentar: “Cala a boca!”.

Como era de praxe em abordagens durante a Ditadura Militar, os dois profissionais da imprensa foram colocados em um carro da Polícia Federal e recolhidos para o quartel do 1º Grupamento de Engenharia, na Avenida Epitácio Pessoa. Confiscaram a máquina e o filme fotográfico, sem saber que outros dois rolos haviam sido guardados dentro das meias dos envolvidos. As imagens foram usadas para ilustrar as manchetes posteriores de *O Norte*, depois que o jornalista e senador João Calmon, da Aliança Renovadora Nacional (Arena), interveio na soltura do jornalista pessoense. A atitude teria sido motivada pela relação que o político tinha com Assis Chateaubriand e os Diários Associados, conglomerado do qual o jornal fazia parte.

Também em meados da década de 1970, durante o Regime Militar, outra ousadia de Hilton Gouvêa como repórter foi entrar disfarçado no Complexo Psiquiátrico Juliano Moreira, para comprovar denúncias feitas por estagiárias da unidade de saúde mental. Segundo as jovens informaram, os internos estavam sendo submetidos a maus-tratos e descaso com cuidados básicos.

O jornalista conta que conseguiu, com as estudantes de Medicina, uma bata branca, um estetoscópio e uma maleta para tensiômetro, dentro da qual o fotógrafo que o acompanhava escondeu a máquina. Foram transitando pelo Complexo e entraram na Ala Ulisses Pernambucano, onde se depararam com as cenas chocantes que foram narradas na reportagem. “Era um verdadeiro campo de concentração. O chão estava imundo, coberto de urina e fezes, os leitos descobertos e podres também... Os pacientes eram tratados como bichos, nus, com os pelos pubianos quase chegando aos joelhos... Um deles estava recebendo comida à força, segurado pelos cabelos, e foi essa imagem que usamos para a manchete”, lembra.

Já na saída, o disfarce foi ameaçado: um conhecido o abordou e perguntou o que ele fazia ali com aquele traje branco. Hilton mentiu, dizendo que, apesar de ainda trabalhar como jornalista, estava estudando para se tornar médico. Saiu de lá incólume, mas, depois da publicação do material, ele e o fotógrafo passaram uma semana fora da cidade, porque o jornal temia represálias.

Naquela época, a situação relatada no Complexo Juliano Moreira não era exceção. Ainda vigorava no país a prática de enclausurar os indivíduos com transtornos mentais em sanatórios. Somente no fim dos anos 1970 começaria uma tímida movimentação voltada para uma reforma psiquiátrica, que foi tomando força até, nos anos 2000, resultar em leis efetivas sobre os direitos dessas pessoas e no redirecionamento do modelo assistencial em saúde mental no Brasil. A concepção atual é de que o tratamento de indivíduos com sofrimento psíquico deve passar pela inserção na família, no trabalho e na comunidade, sendo a internação indicada somente quando os recursos extra-hospitalares se mostrarem insuficientes.

Os leitos e celas para manter pacientes internos no Complexo Psiquiátrico Juliano Moreira foram oficialmente fechados em dezembro de 2015. Na ocasião, a então secretária de Saúde da Paraíba, Roberta Abath, abriu simbolicamente as grades do hospital e, emocionada, pediu perdão aos que ali sofreram sem um tratamento humanizado e uma correta assistência psicossocial.

Vida nas redações

Gritos, risadas, fumaça, batidas de datilografia, barulho de Telex, falatório, brincadeiras, brigas, bagunça. Não existia paz em uma redação de jornal antigamente. O finado Cristovam Tadeu, antes de se eternizar como ator e humorista, trabalhava fazendo charges e ilustrações no *Correio da Paraíba* e retratou perfeitamente aquele ambiente de trabalho: uma passagem para o inferno, com direito ao Diabo apontando o caminho e labaredas saindo da entrada da redação. Depois de publicado, o desenho ficou por muito tempo em um cantinho na mesa de diagramação manual do jornal, embaixo do tampo de vidro, para lembrar a todos a tosca realidade.

Até os anos 1990, a prática do tabagismo não era condenada em ambientes coletivos; ao contrário, devido à glamorização principalmente no cinema, nas décadas anteriores, o hábito era associado a charme e sofisticação. Sendo assim, quase todos os jornalistas fumavam, inclusive, dentro das redações. Também não havia climatização, o que, juntando as baforadas dos fumantes e o calor de João Pessoa, tornava os ambientes fechados verdadeiros fornos.

Ninguém tinha computador, acesso à internet nem *Google*. Tudo era feito à base de entrevistas presenciais, consulta em livros e outros materiais impressos, no máximo um breve telefonema.

“Era cada um na sua máquina de datilografia, aquela do texto duro, que, quando começava, um batia e outro batia e outro batia, você imagine a zoada. Além disso, tinha o Telex, um equipamento grandão que recebia as matérias nacionais e internacionais, que funcionava como se fosse uma máquina de datilografia digitando sozinha”, explicou o jornalista Tião Lucena, ao descrever as redações de antigamente.

Outro contemporâneo de Hilton Gouvêa, o jornalista Ademilson José, comentou que, em um ambiente em que predominava a “macharada”, a algazarra e as brincadeiras pesadas eram frequentes: “Antônio Hilberto, que já morreu, e Humberto Lira, por exemplo, eram uns camaradas que tornavam a redação uma coisa muito animada, sabe, você tinha até que ter habilidade depois para fazer a sua matéria em pouco tempo, porque você acabava se envolvendo também nas brincadeiras, no converseiro, na fofoca... Eu já vi na redação um deles chegar bem sério, por trás da máquina onde o outro estava datilografando, e riscar a ponta do papel com um fósforo. Quando o jornalista notou, o fogo já estava chegando na máquina! Agora isso num período que não era como hoje, em que o texto está lá salvo no computador, né... Isso naquela época significava o quê? Fazer de novo... As brincadeiras

chegavam a esse ponto. Às vezes, se o editor não fosse um cara de senso de humor, era capaz até de sair demitindo gente todo dia”.

Tião Lucena também me contou que Hilton gostava de aprontar com os colegas e lhe ajudou em uma vingança criativa contra um terceiro repórter amigo deles, Chico Pinto, depois que este se apossou de fotos para uma reportagem e as publicou no jornal concorrente: “Houve um crime muito famoso lá na região de Princesa Isabel, o criminoso ficou conhecido como Mata Sete porque matou sete pessoas de uma mesma família depois que um dos membros dessa família desvirginou a filha dele e não casou. Meu pai mandou fazer as fotografias do local, e era um furo de reportagem. A pessoa trouxe o filme aqui pra João Pessoa e, em vez de entregar no *Correio da Paraíba*, procurou por mim lá no jornal *O Norte*. Chico Pinto disse: ‘É aqui mesmo, ele não tá, mas eu fico com o filme e entrego a ele’. Aí *O Norte* se apoderou das minhas fotos e deu o furo de reportagem com aquelas fotografias, e a gente ficou babando aqui, né, no *Correio*”.

Ele continuou narrando a segunda parte da história: “Tempos depois, *O Norte* publicou uma matéria dando conta que aquele Mata Sete estava fazendo um desabafo e desafiando quem quisesse ser mais valente do que ele e enfrentá-lo. Então, eu e Hilton combinamos de fazer uma carta ao jornal em nome de um famoso pistoleiro lá de Princesa Isabel chamado China de São José, desafiando o Mata Sete para um duelo ao entardecer, na rua do barracão, no sábado. A gente fez a carta bem bonitinha, botou nos Correios, e *O Norte* no outro dia estampou a manchete: ‘China de São José desafia Mata Sete para um duelo no sábado à tarde’! E publicou a carta que nós dois fizemos. No sábado, achando pouco, ainda saiu outra manchete de quatro colunas: ‘É hoje o duelo’. Hahahahaha”.

Nenhum dos dois lados ficou com raiva da situação. O ex-repórter Chico Pinto me recontou essa mesma história e disse que ainda chegou a ir no dia fazer a cobertura do duelo, que nunca aconteceu. Ele revelou outro caso: “A gente gostava mesmo de passar trotes uns nos outros. E Hilton era mestre nisso. Quando ele queria fazer alguma molecagem, ele parava a redação com as piadas. E o pior é que os editores gostavam dessa veia criativa dele! Pedro Moreira Saraiva, por exemplo, adorava Hilton por conta desse tipo de ideia e lhe dava toda a liberdade. Lembro que uma vez, num domingo, a gente tava passando pelo Lyceu Paraibano, sem pauta, e as aulas no colégio iam começar na segunda-feira. Aí Hilton notou que tinha um jumento subindo nas escadas. Bateu a foto da fachada com o burro e emplacou uma manchete no jornal: ‘Aulas no Lyceu vão iniciar hoje’, e com o jumento subindo a escadaria!”.

O jornalista Jorge Rezende, atual chefe da assessoria de imprensa do Ministério Público

da Paraíba (MPPB), também se lembrou daqueles tempos de redação com saudosismo: “Era um inferno em que a gente se divertia. A gente ganhava pouco, trabalhava que nem um condenado, mas era divertido. Era isso que fazia a gente aguentar viver naquelas condições de trabalho”.

Jorge, que é mineiro, foi colega de jornal de Hilton no início dos anos 1990, quando o repórter pessoense passava uma temporada na editoria de Policial do *Correio da Paraíba*. Ele contou que, naquela época, se havia um ambiente com cara de redação em João Pessoa, era aquele porãozinho que, até hoje, abriga os profissionais do impresso do Sistema Correio de Comunicação.

O ex-repórter é autor de um livro que reuniu miniperfis de jornalistas que atuavam na imprensa paraibana no ano de 1996. Na obra, Hilton Gouvêa era um dos entrevistados e argumentava: “Se você disser hoje que quer um repórter policial, não aparece ninguém. Se pedir um repórter para a Geral, é muito difícil... Agora, para matéria cultural e de política, aparece um monte”.

Alguns jornalistas corroboraram esse comentário de Hilton ao dizerem que as redações sempre tiveram uma espécie de sistema de casta entre os repórteres, de acordo com as editorias pretendidas e evoluindo conforme a passagem das décadas. Nos anos 1970, a estrela do jornal era o repórter policial, que conseguia as manchetes mais atrativas, envolvendo crimes e reviravoltas dignas de tramas ficcionais. “*O Norte* e o *Correio* aqui em João Pessoa, por exemplo, tinham essa disputa para ver quem dava mais sangue, quem dava mais morte na primeira página”, observou Jorge Rezende.

Já pelos anos 1980, embora ainda houvesse uma quantidade considerável de matérias policiais e imagens chocantes tentando atrair a atenção dos leitores para as capas dos jornais, o posto mais almejado passou a ser o daquele repórter que atuava nas áreas de Política ou Cultura, pela ideia de proximidade com o poder e a fama. Poucos topavam continuar no trabalho grosso, fazendo a chamada ronda policial, checando informações nas delegacias e lidando com corpos ensanguentados e criminosos.

Hilton Gouvêa, no entanto, não parecia se importar com essa imagem decadente do repórter policial. Quando foi convidado para integrar a baía, no fim dos anos 1980, assumiu a tarefa com a mesma disposição e determinação de sempre.

Naquela época, a editoria de Policial do *Correio da Paraíba* tinha, entre os repórteres, uma figura jocosa que se tornou o principal camarada de Hilton na redação. Humberto Lira, que permaneceu como repórter policial durante toda a sua vida profissional, de cerca de

quatro décadas, já começou a entrevista resumindo para mim: “Eu tenho o maior prazer de falar do cidadão, do jornalista e do companheiro Hilton Gouvêa de Araújo”. Em seguida, abandonou a formalidade e soltou: “Mas como vai aquele ‘pouca telha’, portador de deficiência capilar? Você pode me repassar o telefone dele? Nós perdemos o contato”.

Ao contrário de Hilton e de outros ex-colegas que envelheceram e ficaram carecas, Humberto, aos 75 anos, ainda ostenta uma densa cabeleira grisalha. Deve ser por isso que gosta tanto de fazer brincadeiras com os que não tiveram tal sorte.

Outra curiosidade é que, apesar da idade e de ser chamado carinhosamente de “vovô” pelas gerações mais novas de repórteres, ele parece ser bastante inteirado nas tecnologias e ter gostos joviais. Participa de grupos de conversa no Whatsapp, sabe mexer em computador, é twitteiro... Mas o detalhe mais engraçado foi que, nas duas vezes que liguei para falar com ele pelo celular, o toque de chamada não era aquele “tuuu... tuuu...” padrão enquanto esperamos a outra pessoa atender a ligação. Ao que parece, Humberto contratou o serviço de som de chamada da sua operadora móvel, e quem liga para ele sempre aguarda escutando a provocativa música “Bang”, da cantora pop Anitta.

Humberto Lira me contou que gostava tanto do trabalho como jornalista que, mesmo aposentado há cerca de dez anos, continuou fazendo matérias para o *Correio*, desligando-se definitivamente apenas em 2015. No entanto, seu subconsciente não lhe deixa esquecer a paixão pela crônica policial, e ele ainda tem sonhos frequentes com o dia a dia na redação.

Natural de Umbuzeiro (PB), Humberto trabalhava para o extinto *Diário da Borborema*, em Campina Grande (PB), até os anos 1970, quando seu nome ganhou visibilidade em virtude das matérias que estava fazendo sobre um grupo de extermínio que envolvia policiais no agreste paraibano. Seu irmão Valberto Lira, atualmente procurador de Justiça do MPPB, era advogado e teria sido informado de que, se não o tirassem da cidade logo, Humberto acabaria assassinado. Fez uns contatos e arrumou um convite para o irmão vir para o jornal *O Norte*, em João Pessoa, sem saber das ameaças. Tempos depois, Valberto lhe revelou que não havia contado nada porque conhecia a personalidade valente que iria tirar satisfações, em vez de se proteger.

E tinha razão. Humberto Lira andava armado, como a maioria dos repórteres policiais da época. Ele costumava alertar aos atrevidos, até mesmo quando o desentendimento era com os colegas de redação: “Não brinca comigo que eu tenho um pau de fogo, visse?”.

Na virada para os anos 1990, Jorge Rezende, que tinha entrado como revisor e era das primeiras turmas de repórteres com formação universitária, estava se misturando aos

jornalistas forjados no batente e se lembra da fisionomia de Humberto na redação do *Correio*. Sem a menor cerimônia, ele tirava o revólver da cintura e o colocava de lado, a fim de trabalhar mais confortavelmente. Parecia um policial, não um repórter.

“Hilton também andava armado?”, perguntei, curiosa. Jorge disse que não se recordava de uma cena específica. No entanto, o próprio Hilton me confirmou, posteriormente, que tinha uma arma sim, em virtude das ameaças que, vez ou outra, recebia.

E ele tinha razão para se preocupar, muito devido à postura destemida de se jogar nas coberturas e não medir o perigo. “Hilton tem esse negócio: quando ele cisma de fazer uma matéria que tá na mente dele, vai atrás, onde for, escavaca até levantar os dados. Ele é um cara muito esforçado, inteligente, investigativo e criativo... Se ele tivesse se dedicado exclusivamente à área policial, ele seria um José Louzeiro, ou o Tim Lopes da Paraíba”, elogiou Humberto Lira.

Tião Lucena se lembra, por exemplo, de Hilton Gouvêa chegando no jornal à meia-noite, fora de qualquer expediente, para pegar o carro da redação e ir ao sertão coletar informações para uma matéria que acabara de conceber. “Ele tinha aquela sede que eu não tinha e que outros não tinham”, afirmou.

Jorge Rezende também conta que, inexperiente e apenas com um diploma na mão, teve a figura de Hilton como um exemplo de atitude de um bom jornalista: “Eu te confesso um negócio que talvez nem ele saiba, eu nunca falei pra ele... Eu discordava de um monte de posicionamentos dele, mas eu o observava muito e eu me espelhava muito na forma como ele se preparava para fazer uma reportagem, no entusiasmo dele”.

Seu irmão Milton Júnior, conhecedor dessa faceta investigativa de Hilton desde muito jovem, concluiu que ele encontrou, no jornalismo, uma forma de se realizar como “uma espécie de detetive”. O colega de jornalismo Chico Pinto também concorda: “Ele gostava de investigar os casos mais misteriosos”.

Percebendo a gana do repórter, os editores colocavam muitas matérias complicadas em suas mãos. Foi o que aconteceu no chamado “Caso Abiaí”, mencionado por Hilton como sendo uma de suas grandes investigações na editoria policial. Segundo achei registrado em matérias antigas do jornal *Correio da Paraíba*, no fim do ano de 1989, quatro caçadores de animais, sendo um deles também policial, estavam em uma mata nas proximidades do Rio Abiaí, em Alhandra (PB), quando foram assassinados. Em seguida, os administradores da fazenda onde o crime ocorreu foram tidos como desaparecidos.

Hilton Gouvêa conta que, colhendo informações e acompanhando o desenrolar do caso,

presumiu que a dupla, que figurava como suspeita do crime, tivesse sido executada por um grupo de policiais, como vingança pela morte do colega. O repórter pessoense foi até Goiana (PE) e descobriu que alguns cadáveres haviam sido desovados e enterrados como indigentes em uma cova coletiva no cemitério local. Ao chegar com a informação para o delegado, o responsável pela investigação mandou exumar os corpos, e uma das mulheres das vítimas reconheceu uma peça de roupa do marido, enquanto um molho de chaves, junto ao segundo corpo, coube perfeitamente nas fechaduras da residência da vítima, quando a perícia fez o teste.

O que se descobriu é que os administradores da fazenda foram torturados até a morte para que confessassem o crime. Com a divulgação das informações, dezenas de policiais e delegados foram presos e levados a julgamento, anos depois.

Perguntei a Hilton se ele não tinha medo de mexer com casos tão sérios, e o jornalista me respondeu que não, que sempre pautou seu trabalho na área com um enorme senso de justiça.

Nesse sentido, Chico Pinto assegurou: “Ele contrariou os interesses de muita gente importante. E ninguém nunca o processou, porque ele se documentava bem antes de dar a informação. Os donos dos jornais é que, às vezes, até o censuravam, por amizade com os envolvidos”.

O gringo argentino no Porto de Cabedelo

Era um domingo, há 23 anos, e Hilton Gouvêa conquistava mais uma manchete na capa do *Correio da Paraíba*: havia descoberto um esquema de centenas de mulheres, em sua maioria, menores de idade, que se prostituíam no Porto de Cabedelo.

No primeiro dia que falamos sobre alguns dos casos de destaque em sua trajetória profissional, ele logo se lembrou de um misterioso sequestro que o fez chegar até essa cobertura especial. Hilton conhecia uma senhora de família humilde, mãe de uma menina que havia desaparecido da cidade de Cabedelo, por volta de 1993 ou 1994. A mulher acabou revelando que, na verdade, o suposto desaparecimento se tratava de mais um caso de exploração sexual.

“Não faz muito tempo, um navio russo levou três menores para um ‘passeio’ e as desembarcou no Porto de Paranaguá (PR), saindo tranquilamente das águas territoriais

brasileiras sem que sua tripulação fosse incomodada pelas autoridades”, narra o jornalista, na reportagem publicada no dia 24 de abril de 1994.

O início da matéria descreve que o apito dos navios que se aproximam do Porto de Cabedelo tinha se tornado sinônimo de faturamento para algumas moças da região, as quais viam a prostituição como atividade viável para se manterem financeiramente e ajudarem suas famílias. A possibilidade de ganhar em dólares (cerca de US\$ 200 por noite) era muito atrativa para as jovens que, segundo o jornalista, não tinham muitas perspectivas de emprego.

Hilton Gouvêa logo ativou o faro com aqueles relatos e decidiu ir atrás do fato acompanhando a rotina na cidade portuária: “Passei três dias e meio em Cabedelo, observando o movimento. As garotas me olharam várias vezes, sentado num barzinho ao lado da Praça Getúlio Vargas”.

Foi devido a um comentário de outro observador da área que ele entendeu como funcionava o esquema: após contato com os brasileiros ou estrangeiros interessados, as jovens entravam nos navios através da ajuda de outras pessoas, que eram contratadas para as levarem, em um barquinho, até o lado oposto da embarcação. A atividade teria começado com a chegada de mulheres de capitais próximas – como Recife (PE), João Pessoa (PB) e Natal (RN) –, “que enxergaram o filão e ensinaram as manhas do ofício às garotas nativas”. Como a entrada nos navios era proibida, só restava às invasoras flagradas alegarem que estavam a bordo para lavar roupas ou realizar algum outro serviço.

Rapidamente, Hilton chegou a outra descoberta: o esquema era hermético e só havia aproximação com as moças se o pretendente soubesse algum sinal combinado no cais, ou se elas próprias se interessassem e viessem falar com ele. Sendo assim, o único jeito foi adotar uma tática usual na história das coberturas jornalísticas: assumir um disfarce.

“Nem estavam aí. E com razão: eu não parecia um gringo endinheirado. E também pouco sabia das *señas del puerto*, aqueles sinaizinhos que os gringos fazem, quando estão a fim de uma mulher. Paguei a um garoto [...] e mandei espalhar que eu era um gringo argentino, à cata de programa”, contou aos leitores.

A mentira resultou no objetivo pretendido, conforme ele relata na matéria: depois que a informação chegou aos ouvidos interessados, repentinamente, três meninas vieram à mesa onde ele estava e se sentaram. Foi aí que a simulação teve que se tornar mais crível, e Hilton incorporou o personagem – e começou a arranhar o seu melhor portunhol.

“Para mim, todo argentino, seja de Buenos Aires ou de Córdoba, sempre fala da mesma maneira. Arrisquei: *Usted habla español? Si*, respondeu M., sem pestanejar. *Cerveza?*

Novamente um *sí*, agora em três vozes. *Hermanas?* Ouvi um não, também em três vozes, desta vez em português”.

Espertamente, as garotas logo raciocinaram que se tratava de um fingimento, talvez uma piada, uma “tiração de onda” com a cara delas, até porque não havia nenhum navio argentino atracado por aquelas bandas. Mesmo que houvesse a possibilidade de o sujeito não ser um marinheiro, mas sim um turista, a história cairia por terra porque elas sabiam que o máximo que renderia de um passeio na cidade seria uma visita ao Forte de Santa Catarina, ali pertinho, a quinhentos metros de distância do Porto, mas com mais potencial turístico do que o serviço de carga e descarga de produtos.

Apesar de, na hora em que sacou a credencial e se apresentou como jornalista, ter assustado as garotas, Hilton conseguiu negociar e obteve informações preciosas sobre o esquema de prostituição. “[...] minha brincadeira, em termos de pesquisa, valeu”, diz no texto.

Sem tirar fotos nem identificá-las na matéria, ele contou detalhes da situação e também das vidas delas. Uma das meninas revelou, por exemplo, que recebia mensalidade cativa e muitos presentes de um filipino. “A família sabe de tudo e consente que A. leve seu ‘noivo’ em casa. Quando o navio do filipino só chega até Recife ou Salvador, o admirador de A. telefona e manda a passagem para que ela vá encontrá-lo. Uma dessas viagens ocorreu de avião, porque o navio ia sair no dia seguinte”, relata na reportagem.

Remexendo jornais – e com alergia a pó

*“[...] criar é literalmente arrancar
com esforço bruto algo informe do Kaos”.*
(Caio Fernando Abreu, prefácio de *Ovelhas Negras*)

Para conseguir muitas dessas informações, e confirmações das informações, tive que pedir autorização e vasculhar os jornais antigos. As empresas de comunicação daqui não dispõem de hemerotecas digitalizadas, o que complicou um pouco minha vida.

Mas o que motivou mesmo essa vasculha foi a necessidade de apuração de um fato específico: o atentado que Hilton teria sofrido em virtude de uma cobertura jornalística. Na descrição na orelha do seu único livro lançado, conta-se sobre o autor que, “em 1994, levou um tiro e várias coronhadas na porta do jornal *Correio da Paraíba*, isto porque investigava

uma *gang* que roubava carros em João Pessoa, apoiada por um juiz”.

Na minha primeira ida ao jornal *Correio da Paraíba* para tratar sobre a pesquisa, em fevereiro de 2017, o objetivo era conseguir autorização por escrito para acessar os arquivos físicos do periódico. Só dispunha de uma informação principal: o ano em que a agressão a Hilton Gouvêa ocorreu.

“Mas você não se lembra da data, pelo menos do mês?”

“Faz muito tempo, não me lembro não”, saiu-se ele na conversa inicial que tivemos, em meados de 2016.

Não sei insistir, escavar. Se Hilton disse que não se lembrava, na minha cabeça só restava o caminho mais difícil: olhar todas as edições do *Correio* de 1994. Disse-me que eu encontraria matérias e fotos dele ensanguentado, pois, obviamente, o atentado ao repórter teve repercussão no impresso onde ele trabalhava.

Subi os degraus na entrada daquele mesmo prédio de vinte e poucos anos atrás, localizado na esquina da Avenida D. Pedro II com a Avenida Tabajaras, no centro de João Pessoa. Do lado esquerdo de quem está entrando, uma linotipo preservada compõe o paisagismo da fachada do imóvel, juntamente com algumas espécies de plantas. Apesar das placas proibitivas, parece que alguém andou pisando na grama dos canteiros laterais, porque ela estava seca, maltratada, em algumas partes do chão, inexistente.

“Tem alguém lá fora querendo falar com você. É sobre umas matérias do jornal”, avisou o vigilante.

“Tudo bem, diga que eu já vou”.

Chovia, e o piso escuro e derrapante obrigava a manter a cabeça sempre baixa, para não correr o risco de escorregar e cair. Antes que fosse possível tomar qualquer atitude, uma figura franzina saltou de trás da linotipo.

“*Vosssê* me conhece? Vou matar *vosssê*, filho da puta!”.

Nem deu tempo de raciocinar o porquê da frase, vieram as coronhadas e o tiro de raspão. Apagão. Não sei em que ponto exato daquele piso molhado Hilton se desequilibrou e caiu.

Sei que ele estava ali na recepção do jornal esperando Humberto Lira para tomarem o café de fim de tarde no Mercado Central, que fica no quarteirão ao lado. O colega estava resolvendo uma pendência na redação e, quando passou pela roleta na saída, foi avisado pelo vigilante de que um sujeito havia chamado Hilton para conversar e tinha acabado de agredi-lo.

Humberto conta que saiu em disparada, já colocando a mão na cintura. “Eu ainda o vi

passando dentro de um carro verde, na altura do semáforo, mas percebi que tinha deixado meus dois revólveres na redação”, disse o repórter policial. Ele então se voltou para socorrer Hilton, que foi colocado para dentro do prédio enquanto os colegas providenciavam o carro da redação para levá-lo ao hospital mais próximo.

Hilton só voltou à plena consciência mais tarde, já em uma maca na emergência do Hospital São Vicente de Paulo, no bairro de Jaguaribe. Teve um afundamento no osso do crânio e levou onze pontos na cabeça, o que o afastou do trabalho por 30 dias.

A ligação que me pareceu mais próxima dos fatos, confrontando as versões que ouvi, foi de que o sujeito que agrediu Hilton tinha se incomodado com uma matéria publicada um dia antes, na edição de domingo do *Correio da Paraíba*, na qual era citado como parceiro de um criminoso que aterrorizava a população do bairro Padre Zé. O agressor ainda seria conhecido na cidade por fazer cobranças e ameaças de morte em nome de um juiz, que também fora objeto de denúncias do jornal envolvendo sua participação em um esquema de roubo e “esquentamento” de veículos, com ramificações em todo o Nordeste.

“E o que é isso, Hilton?”, perguntei, no momento da primeira entrevista, já que não tinha o *Google* para me auxiliar com a explicação dos termos, e a vergonha usual me faria perder o entendimento da história lá na hora.

“É quando alteram a identificação e criam documentos falsos para recolocar carros roubados em circulação”, ele me explicou mais ou menos assim.

Digo “mais ou menos” porque Hilton foi o único participante da pesquisa que, apesar de assinar o termo de consentimento, não me autorizou a gravar as entrevistas. Ele me alertou que, especificamente sobre essa situação, tratava-se de um assunto problemático porque envolvia pessoas que não tinham sido condenadas, sequer levadas à Justiça. Todos os diálogos com ele, portanto, foram reconstruídos com base nas anotações que eu ia fazendo à mão, conforme ele falava.

De posse do outro termo autorizando a vasculha nos arquivos do *Correio*, comecei a ir, no turno da tarde, depois do meu expediente de trabalho, para um imóvel na rua lateral do Sistema Correio. Uma casinha branca, logo após o Sebo Cultural, na Avenida Tabajaras, é usada como anexo da empresa e lá fica o pessoal dos Classificados Correio. Também é onde foram depositadas as dezenas de estantes que comportam, até o teto de um dos minúsculos cômodos, os livros encadernados mensalmente contendo as edições do jornal *Correio da Paraíba*.

Dona Silvanira Dantas era a arquivista responsável e me conduziu da recepção no

prédio principal até o pequeno *hall* logo na entrada da casinha anexa. Muito calada, ela apenas informou que eu poderia ficar no local, com o acompanhamento de Raquel (uma jovem aprendiz do setor, com jeito de adolescente), até por volta das 16h30, quando ela retornaria para fechar as salas. Perguntou que cadernos de que datas eu queria, e informei que ia ter que olhar jornal por jornal desde o dia 1º de janeiro de 1994, já que não sabia o dia exato nem o mês em que o fato tinha ocorrido. Ela foi lá dentro, pegou os encadernados de janeiro e fevereiro, colocou no birô com tampo de vidro perto da porta e retornou para sua sala. Raquel me ofereceu ajuda, mas, como só eu sabia o que procurar, ela se sentou e ficou lá de molho, mexendo no celular.

Já nas primeiras páginas folheadas, senti-me uma tremenda sortuda: na edição de 4 de janeiro de 1994, uma terça-feira, encontrei na capa uma chamada que falava na prisão de uma gangue de sucateiros. A quadrilha era acusada de roubos, desmontes e adulterações de chassis de automóveis. No jornal do dia seguinte, outra manchete sobre o caso: “‘Gang da sucata’ entrega 70 documentos roubados”. Conforme a apuração que consta na matéria, tratava-se realmente de um grupo de alta periculosidade com ramificações em todo o Nordeste. Notícias posteriores continuavam citando esquemas de desmonte de carros, alertando para o fato de que figurões seriam acusados de liderar uma quadrilha interestadual de “puxadores”. Uma busca no *Google*, à noite, me ajudou a entender melhor o termo que eu nunca tinha ouvido falar, mas que era bastante utilizado na época: “puxador” é o criminoso que rouba o carro e o leva para a sucata ou a oficina onde ocorre a separação das peças e a adulteração das informações do veículo.

Comecei a me empolgar por acreditar que estava diante da cobertura que Hilton Gouvêa e outras fontes haviam sinalizado como sendo relacionada ao atentado que ele sofreu na frente do jornal, em 1994. No entanto, chegando no mês de fevereiro, apareceram as primeiras incoerências: algumas notícias davam conta do julgamento de um procedimento administrativo contra o juiz, que, segundo o jornal, já estava afastado de suas funções desde o primeiro semestre de 1993. O motivo, conforme os textos, seria realmente sua associação com ladrões de carros.

Ainda na semana em que comecei a vasculhar os arquivos do *Correio*, uma alergia respiratória me obrigou a suspender por alguns dias a pesquisa. Em dado momento, mãos, cotovelos e dorso dos pés começaram a coçar e a apresentar vermelhidão. Meu namorado foi quem primeiro associou os sintomas à causa: os ácaros dos jornais. Mais adiante, começaram a surgir bolhas semelhantes às de queimaduras, que estouraram e deixaram as áreas na carne

viva, me impedindo até de dobrar os braços por vários dias.

Lição nº 1 quando se mexe em jornais guardados há mais de 20 anos: proteja-se. No retorno depois do tratamento e da cicatrização das feridas, armada com máscara para poeira, luvas de látex, blusa de mangas compridas e calça, fui freada por Dona Silvanira, que disse que estava com muito trabalho e não podia mais deixar sua única assistente ao meu dispor.

Foram algumas semanas de desespero e ligações até que a secretária da Diretoria de Jornalismo do Sistema Correio, Penha Higino, negociou um local para que eu concluísse a vasculha dos jornais daquele ano.

A redação. Lá e de volta outra vez⁹.

Uma janela para a redação

*“Um coração que está cheio como um aterro
Um trabalho que lentamente mata você
Hematomas que não vão cicatrizar
Você parece tão cansado e infeliz
Abaixo o governo
Eles não falam por nós
Eu vou ter uma vida tranquila
Um aperto de mão de monóxido de carbono
Sem alarmes nem surpresas, por favor”.*

(Radiohead, tradução livre de No Surprises)

Apesar da formação acadêmica, em 2011, ao longo da vida só tive dois breves contatos com o trabalho em uma redação de jornal. O primeiro foi indiretamente, quando eu estagiava na assessoria de imprensa do Ministério Público do Trabalho (MPT), sob a batuta da jornalista Gisa Veiga, e ajudava na elaboração dos textos e na diagramação da página semanal que o órgão tem até hoje no *Correio da Paraíba*. Quando tínhamos algum problema e não conseguíamos enviar o material pela internet, eu passava lá para deixar um *pendrive* com o arquivo e/ou pedir socorro aos diagramadores.

Assim que me desliguei do estágio, com menos de um mês de formada, minha ex-chefe me indicou para uma vaga no caderno de Cidades do extinto *Jornal da Paraíba*. Fiquei sabendo que era o que tinha o trabalho mais “tranquilo”, duas pautas por dia e uma

reportagem semanal. O que descobri nos poucos dias de prática foi: redação e tranquilidade não coexistem. Nunca conseguia terminar as matérias em cinco horas de trabalho, fontes não atendiam, assessorias não respondiam, o editor passava o dia de cara fechada me mandando refazer os textos, sentia-me burra e incapaz... Voltava para casa já no início da noite, desanimada, sem apetite, caía na cama para, no dia seguinte, enfrentar tudo de novo.

Em uma semana, esmoreci: gastrite nervosa, tremedeira, insônia, choro, desespero. Tive que reconhecer que aquela rotina não era para mim, eu não tinha o ímpeto do repórter desbravador que caça um leão por dia. Liguei de casa para a chefia e expliquei que não tinha condições, que estava meio doente e não ia continuar. Devo ter agradecido a oportunidade e blá blá blá...

A alternativa foi segurar as pontas fazendo “bicos” como revisora de textos enquanto estudava para concursos públicos, em busca do tal do serviço burocrático e estável, sem grandes surpresas. Eu realmente gosto do universo dos *releases*, *press-kits*, *clippings*, *mailings* e do trabalho metódico de uma assessoria de imprensa. Entretanto, quando fui convocada e comecei a trabalhar no setor em uma casa política, outros conflitos que eu não previra foram surgindo, dessa vez muito mais de cunho ideológico do que prático. Foi nesse contexto que os ansiolíticos entraram na minha vida, e, quando nem eles davam mais conta das frustrações, depois de muita resistência, foi a vez da terapia. Lá eu comecei a descobrir que havia muito mais lixo debaixo do tapete da minha vida do que aquilo que eu estava enxergando.

Acontece também que, por causa daquelas curtas experiências, eu não guardava boas memórias de um trabalho em jornal. A tensão atual com a busca das notícias sem data também não me ajudava. Sempre que tocava em questões como essas, não apenas envolvendo trabalho ou mestrado, mas lembranças e experiências que eu tinha como negativas na vida como um todo, o psicólogo me explicava uma técnica que eu entendi como sendo fundamental na terapia cognitivo-comportamental: a reestruturação dos pensamentos. Eu devia tentar dar novas nuances ao que vivia, ressignificar o que já estava enraizado e negativamente gravado.

Por causa da indefinição de como eu continuaria acessando os arquivos do *Jornal Correio*, só consegui voltar para a vasculha no fim de abril de 2017, em uma salinha de poucos metros quadrados que fica em frente à copa da redação do *Correio*, logo depois de descer as escadas e chegar ao porãozinho no prédio principal da empresa. Dona Silvania trazia os encadernados de que eu precisaria no dia e deixava em uma mesa alta, embaixo de uma pequena janela que me dava a visão dos repórteres trabalhando. Na parede na outra extremidade da sala, atrás de mim, havia três mesas com computadores, das quais duas eram

ocupadas por um fotógrafo jovem, de barba negra e espessa, com um jeitão de roqueiro *hardcore*, e pela outra arquivista da empresa, Janieire Prazim, que, hoje em dia, faz o serviço digital para o jornal já modernizado.

Conforme eu avançava nas edições de 1994, fui suspeitando cada vez mais que o atentado à vida de Hilton não tinha acontecido naquele ano, porque, apesar da grande quantidade de matérias envolvendo esquemas de roubo e desmanche de carro, o caso do juiz já se desenrolava há algum tempo e, segundo as reportagens, seu julgamento estava marcado para o fim do ano. Conforme outra matéria que encontrei posteriormente no acervo do *Jornal do Commercio*, publicada em 1998, o procedimento administrativo que tramitava em 1994 acabou resultando na aposentadoria compulsória do magistrado.

O jornalista Adelson Barbosa, que atualmente cobre a área de política do *Correio da Paraíba* e também era da turma de repórteres do jornal na época do atentado, foi um dos vários contatos que abordei na tentativa de identificar o período em que a agressão a Hilton Gouvêa ocorreu. Ele também não se lembrava. Em um dos dias em que me viu na salinha perto da redação onde ele trabalha, despretensiosamente veio conversar, ligou para um, ligou para outro, tirou os colegas de suas atividades para tentar me ajudar com a data, ou pelo menos confirmar o ano. Tudo em vão. Não havia rastro certo que eu pudesse seguir.

Imbuída daquele espírito investigativo que eles demonstravam ter quando farejavam um mistério, e também querendo bancar a corajosa e comprovar minha capacidade como repórter, ainda acreditando que podia citar nomes e detalhes nesta reportagem, continuei perguntando às pessoas sobre o fato e recebi conselhos de que não me envolvesse demais com a história.

Fui atrás da ajuda de um amigo advogado para saber se seria possível ter acesso aos processos antigos, aos quais eu nem sabia como chegar. Me imaginei como a personagem de um filme, entrando, com um parceiro com registro da OAB, em arquivos poeirentos e esquecidos, onde haveria algum documento precioso.

“Sabe o número do processo? Onde ele tá? Outra coisa: você sabe se tem bronca? Não me vem com série criminal não; se tiver gente grande envolvida, e a gente aparecer boiando por aí...”, foi o resumo da nossa conversa, que começou a me assustar e a me deixar realmente com um pé atrás.

Em dado momento, alguém me sugeriu que o Sindicato dos Jornalistas Profissionais da Paraíba (Sindjor-PB) poderia ter guardado algum registro sobre o caso. Consegui uns telefones na internet e falei com Rafael Freire, da atual diretoria:

“Eu conheço Hilton sim, mas não tenho como te dar informações sobre essa história

porque estou no Sindicato há oito anos, não estava na época em que isso aí aconteceu. Talvez Land Seixas tenha como te dar algo, era ele quem respondia pela diretoria na época. Vou te passar o contato”.

Entrei imediatamente em contato com Land Seixas, que me respondeu por um aplicativo de mensagem de texto no dia seguinte: “Infelizmente não tenho esse registro, amiga. Lembro do episódio. Cena lamentável, mas o próprio Hilton não quis levar o caso adiante, não quis repercussão sobre a agressão. Acho que estava abalado, pois o seu agressor era um criminoso muito perigoso”.

Hilton Gouvêa me contou que realmente não deu continuidade à queixa, inclusive porque uma situação muito estranha aconteceu pouco tempo depois do episódio da coronhada. Uma de suas filhas mais velhas sofria de feocromocitoma, uma doença que atinge as glândulas renais e, entre outros problemas, causava-lhe desmaios repentinos. Em um desses colapsos, ela estava na rua e foi socorrida por um desconhecido. Quando Hilton foi avisado por sua esposa e chegou ao hospital, descobriu que o pedestre que as havia ajudado era justamente o seu agressor.

Dias depois, outro criminoso veio falar com ele em nome do homem, pedindo que não o denunciasse. Hilton, com o osso do crânio afundado até hoje, lembra que não lhe restou alternativa, pois, ao contrário do que me informou o diretor do Sindjor-PB, o repórter reclama que não teria recebido apoio efetivo, nem do órgão de classe, tampouco da diretoria do jornal onde trabalhava, para poder levar o caso adiante com mais segurança, inclusive no que dizia respeito à integridade da sua família.

Chico Pinto também foi enfático ao afirmar que “o *Correio da Paraíba* foi covarde com o episódio, porque não publicou quase nada sobre o fato e nem teve pulso para colocar o fato pra frente, processar o cara. Foi uma agressão a um profissional da imprensa quase dentro da redação”.

Quanto a mim, sem processo criminal a vasculhar na Justiça, sem registro preservado no setor de Recursos Humanos do jornal nem no Sindicato, só via a opção de continuar na saga nos arquivos poeirentos, fuçando todas as edições do *Correio* de 1994.

Na última semana de vasculha, no meio de uma conversa com os profissionais que me faziam companhia na sala perto da redação, comentando sobre a dúvida em relação a citar ou não os nomes dos envolvidos, primeiro veio a opinião do fotógrafo *hardcore*: “Mas ora, tem mais é que citar os nomes, escancarar tudo mesmo!”. Depois, outro conselho da arquivista Janieire me pareceu mais sensato: “Querida, é melhor ser um covarde vivo do que um cadáver

corajoso”.

Ela citou que conhecia Hilton Gouvêa de um período em que trabalhou em *A União*, mas não teve tanto contato com ele a ponto de me dar informações reveladoras sobre meu personagem. “Era mais o encontro na hora do almoço; ele sempre me pareceu muito sério e na dele”.

Comentei que estava me sentindo muito perdida com relação àquele serviço com os jornais antigos e que não sabia mais a quem recorrer. “É triste, né? Hilton me disse informações muito precisas sobre vários questionamentos que fiz, mas, justamente se tratando de uma coisa tão relevante, não lembrou nem o período do ano em que ocorreu”, desabafei.

“Você também tem que entender, lindinha, que, além de fazer muito tempo, Hilton deve estar em um momento tranquilo da vida e pode nem querer correr o risco de estragar isso. Tome cuidado, pelo seu bem e pelo bem dele. Como você me contou, ele tem uma família, tem filhos pequenos. Não é só questão de barrar ou omitir informação, mas de zelar pela segurança de todos os envolvidos, de se resguardar. Ainda que essas pessoas já tenham falecido, sempre tem algum parente ou alguém que pode se ofender com a citação e querer tomar satisfações. Na Justiça ou de outras maneiras”, disse-me Jane com toda a doçura.

“O que aconteceu agora há pouco, aqui na sala, é um exemplo de como o mundo pode ser muito pequeno”, disse ela, e nós duas começamos a rir lembrando de uma situação inusitada e constrangedora. Parece que redação tem dessas coisas, você sai de um assunto sério para a algazarra sem perceber.

Uns 15 minutos antes, Adelson Barbosa tinha entrado mais uma vez na salinha para conversar sobre o andamento da pesquisa e começou a remexer os jornais comigo.

Olha, fulano, vem cá, sicrano, Adelson, vê se meu nome tá aí em alguma matéria no caderno de Cidades, eu acho que isso foi em 1989, ou foi em 1984? não, pô, 84 foi o assassinato de Paulo Brandão, sócio do jornal, eu também trabalhava na época de Hilton, não, certeza que isso não foi antes de 1994, eu comecei no jornal no meio de 1994 e me lembro dele entrando aqui com a cabeça sangrando, vê na edição do dia 24, não, eu vi umas matérias do fim do ano, novembro, deve ter sido, isso é serviço de guerra, coisa pra detetive, Adelson passando com aquela brutalidade masculina as páginas e eu só pensando que podia rasgar, ia rasgar, levei luvas e a mão suava por dentro do látex, segurava com dificuldade na pontinha da folha pra não estragar, podem reclamar, mas com ele não, ouvi um “rasc” agora, minha nossa, isso é material histórico, hahahahaha, volta aí, como é mesmo o nome dessa velha? chefia ligou pedindo pra diminuírem o tom, que as risadas estão chegando na sala ao lado, ah,

é anúncio de missa de trinta dias, como é que a pessoa tinha um nome desses? hahahahaha, eita, cadê? deixa eu ver a foto, era a minha avó.

Pausa dramática na salinha com oito pessoas que foram entrando e ficando espremidas ao redor da mesa e que, naquele momento, começaram a ensaiar os sorrisos amarelos. Um rapaz de uns 20 anos, pele muito branca, camiseta preta, calça jeans e tênis, tinha saído da redação curioso com a animação e, de repente, ouviu um nome familiar.

“É ela sim, foi assassinada nesse ano de 1994. Uns ladrões invadiram a casa e roubaram só um liquidificador, depois a mataram”, explicou.

“Tira uma foto da página! E vai atrás do jornal do mês anterior que deve ter a notícia, pô!”, saiu-se o insensível Adelson.

Depois que o grupo se dispersou e voltamos a ser só eu e Jane no cômodo, ela me alertou: “Eu trabalho aqui nesta mesma sala há anos, e é a primeira vez que esse menino, que parece muito tímido, entra aqui para interagir. Você podia estar vasculhando os jornais de qualquer mês ou ano, mas foi exatamente o do dia em que a família dele mandou publicar esse anúncio sobre a morte da avó. Veja como as coisas ao nosso redor são incontrolláveis”.

Todo aquele papo sobre assassinatos, jornais antigos e sobre se resguardar me fez voltar para casa naquele fim de tarde lembrando da história da morte do meu pai. Tive vontade de inventar uma história qualquer no dia seguinte e pedir para dar uma olhada nos jornais de outubro de 1991. Só não o fiz porque fiquei pensando se seria antiético usar da pesquisa para conseguir informações de interesse pessoal e, principalmente, porque tinha medo de cair no choro quando encontrasse aquelas matérias. Melhor não mexer no que está adormecido em meio à vida cotidiana.

Depois de passar pelas mais de 300 edições do *Correio da Paraíba* publicadas em 1994, minha pior previsão se concretizou: não havia naquelas páginas nenhuma notícia sobre agressão a Hilton Gouvêa. Combinei com Penha Higino que só voltaria lá para vasculhar mais jornais se descobrisse uma data aproximada, porque não tinha mais tempo suficiente para continuar o trabalho insano de pesquisar todos os arquivos de 1995 e sabe-se lá mais de quantos anos.

Também já era tempo de voltar a falar com Hilton, mas eu precisava criar coragem...

Seis meses antes

“Redação de *A União*. Bom dia.”

“Oi, bom dia. Eu queria falar com Hilton Gouvêa.”

“Ele está no horário de almoço.”

“Sabe me dizer de que hora ele volta?”

“Deixa eu ver... acho que daqui a uns trinta minutos.”

“Tudo bem, também vou almoçar agora e ligo quando voltar. Obrigada!”

[...]

“Redação de *A União*. Boa tarde.”

“Oi, eu queria falar com Hilton Gouvêa.”

“Um momento.”

Conversa de fundo: “Hilton? Hilton? Fulano, tu sabe de Hilton? Ah, tá. Alô. Ele já foi embora.”

“Certo, você pode me informar até que horas ele fica aí na redação?”

“Geralmente é até as 13h.”

“Tá. Amanhã eu ligo de novo. Obrigada!”

[...]

“Redação de *A União*. Bom dia.”

“Bom dia! Eu gostaria de falar com Hilton Gouvêa...”

“Um instante.”

Ao fundo: “Hilton!”

“Hilton Gouvêa falando.”

“Oi, Hilton! Aqui é Érika Bruna, do mestrado em jornalismo da UFPB. Eu fui aí no jornal faz alguns meses, para apresentar meu projeto de pesquisa sobre sua trajetória profissional, está lembrado?”

Ele me disse que sim, mas, quando falei que pretendia dar continuidade às entrevistas para elaborar o material, veio o susto: Hilton disse que não tinha gostado do que haviam falado dele naqueles papéis que lhe entreguei no nosso primeiro encontro. Eu tinha feito a ligação de dentro da sala da assessoria onde trabalho, porque achei que seria uma rápida marcação de encontro, e me vi ali de pé, atônita, com o telefone na mão e sem entender o que tinha acontecido. Lembro de ter ouvido dele algo sobre doutores e sobre não admitir julgamento de quem não sabe fazer jornalismo. Foi aí que eu me percebi no meio do

conhecido fogo cruzado entre o mercado e a academia.

Digo no meio porque eu realmente estava com um pé em cada mundo, fazendo um trabalho de reportagem jornalística para apresentar no ambiente acadêmico, sem estar efetivamente em nenhum dos dois lados. Fui tentando entender o que o havia incomodado, e chegamos a uma passagem específica do meu projeto de pesquisa em que mencionei que o texto de Hilton sobre carcinocultura trazia “informações pessoais de pouca relevância para o tema”. Esse trecho vinha dentro da explanação sobre recursos típicos do jornalismo literário para humanizar os personagens da matéria, juntamente com o uso de figuras de linguagem, o cuidado com os diálogos e a ausência de fontes oficiais.

Marcamos um encontro para a manhã do dia seguinte e consegui lhe explicar, na mesa de reuniões de *A União*, que aquilo não era uma crítica, mas um elogio ao trabalho dele, por fugir de um modelo seco de narração jornalística. Apesar da resolução do mal-entendido, acredito que ambos ficamos com um pé atrás: ele, por talvez achar que eu não fosse confiável e quisesse/pudesse desvalorizar sua carreira; e eu, porque tinha medo de ter que lidar com intervenções ou imposições ao andamento do trabalho. Combinamos que o material não sairia do âmbito acadêmico caso Hilton não gostasse do que iria ler depois da minha defesa de mestrado à banca de professores, mais ou menos dali a seis meses.

Nesse ínterim, eu fiz o que sabia fazer de melhor: evitar retomar o assunto enquanto pudesse.

O ciclo evitativo

*“Maio já está no final
É hora de se mover
Pra viver mil vezes mais”.
(Kid Abelha, Maio)*

“Oi, Hilton! Aqui é Érika Bruna, do mestrado em Jornalismo. Queria marcar uma entrevista pra você me contar com mais detalhes aquelas informações que me disse naquele nosso primeiro encontro. Faz quase um ano e, como eu só tava ouvindo e não anotei quase nada, só me lembro de cabeça, aí queria checar pra não ter perigo de colocar alguma informação errada”.

“Ligue pra mim tal dia que a gente vê um encontro”.

Tentativas e tentativas no tal dia e nos seguintes, mas só chamava ou dava desligado. Uma noite, saí do banheiro correndo para atender meu telefone, que acusava um número desconhecido.

“Alô?”

“Alô. Quem é?”

“Quem fala?”, retruquei, já pensando que fosse engano.

“Hilton Gouvêa”.

“Ah! Oi, Hilton! Aqui é Bruna, da pesquisa do mestrado”.

“Hmm, pensei que tivesse ligado para Seu Fulano”.

“Deve ter sido o meu número que ficou registrado aí e você se confundiu”.

“É. Mas diga lá!”

“Liguei pra falar sobre a entrevista para a pesquisa. Pra gente combinar um encontro”.

“Olhe, amanhã pela manhã eu vou dar uma passada rápida no jornal. Estou de férias e só volto no dia 5 de junho”.

“Eita, amanhã é quarta-feira, dia de votação de projetos onde trabalho. Tenho que acompanhar e não posso faltar de manhã, Hilton...”

“Então a gente pode marcar outro horário na Livraria do Luiz. Ligue semana que vem que a gente combina”.

Segunda à tarde:

“Oi, Hilton! É Bruna. Podemos marcar a entrevista para essa semana? A pesquisa já está quase no fim”.

“Olhe, não vou poder porque neste momento estou me preparando para viajar com a família”.

“Certo... mas você volta quando? Pra eu me programar aqui e ligar de novo pra gente marcar o dia”.

“Na outra segunda-feira”.

“Tá bom, eu ligo então. Brigada!”

Não retornei logo na segunda por medo de incomodá-lo no fim do passeio com a família. Recomecei as tentativas no meio daquela semana, mas resultaram em mais chamadas não atendidas ou que caíram direto na caixa postal. No sábado, antes do almoço, sentindo-me muito ansiosa e querendo riscar aquela pendência da lista, lá fui eu insistir um pouco mais. Ele me atendeu depois de chamar várias vezes:

“Oi, Hilton! Aqui é Érika Bruna, da pesquisa do mestrado. Queria ver um dia para aquela nossa entrevista”.

“Olhe, Bruna, acho que não vou poder lhe atender não. Estou em período de férias e, quando terminar, vou entrar em uma licença médica para fazer uma cirurgia nos olhos, não estou enxergando quase nada”.

Revivi nessa situação e em todas as ligações para os demais contatos da pesquisa o mesmo mal-estar que eu sentia na semana em que tentei me adaptar ao trabalho no *Jornal da Paraíba*, a agonia de ter que ficar ligando para as pessoas e as incomodando. No meio do desespero interior, tentei negociar:

“É que eu pretendo concluir a pesquisa dentro de um mês e precisava confirmar umas informações contigo, Hilton... Tem coisas que lembro de cabeça, bem por cima; outras se perderam”.

Aproveitei para fazer umas perguntas rápidas, mas sabia que não dava para retomar todas as histórias que ele me contou, pois demandavam tempo e eu nem teria crédito suficiente no celular.

“Olhe, quando eu saio do jornal, por volta das 13h, eu sempre vou para a Livraria do Luiz e fico lá até a hora de pegar o ônibus para Baía da Traição. Por conta do problema na visão, não tenho mais condição de dirigir, e meu ônibus sai às 17h.”

Há mais de uma década, Hilton se mudou com a atual família para aquele município de oito mil habitantes, no litoral norte do estado, porque considerava uma localidade mais tranquila do que João Pessoa para viver. Diariamente, ele faz o trajeto de casa até o jornal e do jornal até a sua residência novamente. De carro, o percurso de quase 90 quilômetros dura pouco mais de uma hora; já de ônibus, aumenta para duas horas.

“Ah! Ótimo, Hilton! A gente pode fazer isso na terça-feira, então? Eu saio do trabalho às 14h e lhe encontro na livraria?”

“Sim, sim.”

Façam suas apostas e confirmem no próximo capítulo.

Pensando bem, vou logo dar o *spoiler*: ele não compareceu.

Voltei a ligar na terça, na quarta, no sábado, quando ele finalmente me atendeu:

“Oi, Hilton! É Bruna, da pesquisa de mestrado. Você pode falar agora?”

“É que estou voltando para casa, fui fazer a feira. Ligue pra mim daqui a meia hora”.

Retornei quarenta minutos depois e chamou até cair. Na segunda tentativa, o número passou a dar direto na caixa postal.

Perdi as contas de quantas vezes liguei para Hilton Gouvêa e algo deu errado. Lá pela sexta ou sétima vez é que comecei a imaginar se ele também estaria me evitando. Aquela ideia gerava um comportamento cíclico: eu, ansiosa e catastrófica nos pensamentos, adiava o quanto podia o contato, depois tomava coragem, mas recebia uma resposta negativa e não conseguia ressignificar a ideia de que poderia estar sendo inconveniente, ou de que não tinha assertividade para conseguir uma entrevista. Voltava a evitar a situação, depois criava coragem de novo, e por aí vai.

Já estava no nível de não aguentar mais, de ter vontade de chorar, de querer desistir. Não só da entrevista, de tudo. Para que eu fui me meter nisso de fazer mestrado, para ter que entrevistar e lidar com tanta gente?

No fim das contas, por puro perfeccionismo (também já beirando o patológico), nem da entrevista com ele eu conseguia desistir.

Espera intelectual

*“Sobe-me à boca uma ânsia análoga à ânsia
Que se escapa da boca de um cardíaco”.*
(Augusto dos Anjos, *Psicologia de um Vencido*)

No dia em que eu tinha combinado aquele encontro que não deu certo com Hilton, saí do trabalho com 15 minutos de atraso por causa de uma demanda de última hora. Angustiado, juntei as anotações que tinha feito entre uma atividade e outra e fui caminhando célere da Avenida Trинcheiras até a Galeria Augusto dos Anjos, a poucos quarteirões de distância.

Na noite anterior, eu tinha me comprometido a reescutar as entrevistas que já havia gravado com as outras pessoas e a elencar os pontos que, a meu ver, podiam passar por uma confirmação de Hilton. No entanto, como geralmente acontece quando se deixa tudo para a última hora, faltou energia elétrica na minha rua e, em pouco tempo na escuridão, sem poder usar o computador, eu capotei de sono. Acordei de manhã, de supetão, atrasada e sem o meu roteiro sobre o que perguntar a ele na tarde daquele dia.

A angústia vem, desde que eu me conheço por gente, na forma de náusea. Tanto que o livro mais angustiante que eu já li até hoje tem esse título, e o foi justamente porque cada virar de páginas me impregnava com a familiar sensação. Naquela manhã de maio, a náusea estava

voltando a ficar insuportável. Saí de casa sem tomar café e passei o dia me forçando a comer.

Há cerca de um ano, em conversas com o psiquiatra e com o terapeuta que me atendiam, descobri que a minha magreza da vida toda estava muito relacionada à minha ansiedade da vida toda também. Não é uma típica anorexia nervosa, em que a pessoa se acha gorda e se priva de comer até começar a ver os contornos dos próprios ossos. Eu, ao contrário, sempre me senti desconfortável por ser tão magra, mas não notava que isso era consequência do comportamento meio inconsciente de não comer quando me sentia angustiada – o que era algo muito frequente. Desde criança, minha mãe conta que sofria me seguindo por todos os cantos para que eu não passasse batido em alguma refeição.

Depois que entendi aquela compulsão alimentar invertida e passei a me policiar, alguns quilinhos desejados até começaram a chegar. Ao menor sinal de falta de apetite ou gastrite nervosa, em vez dos antiácidos, o melhor remédio era resolver o foco da ansiedade para conseguir relaxar.

Só que, naquela semana, a ansiedade não tinha uma causa apenas, mas várias frentes a serem atacadas. Adaptação a mudanças de chefia no trabalho, preparativos para o casamento no segundo semestre do ano, procura por apartamento, conflitos em casa e, é claro, o famigerado mestrado. A entrevista com Hilton para amarrar as informações continuava emperrada e, para mim, era algo muito importante. Estava aflita também porque queria perguntar algumas impressões mais íntimas que poderiam incomodá-lo, e o já parco contato iria ladeira abaixo de uma vez por todas.

Entrei no beco do poeta maldito pelo lado da Avenida Duque de Caxias e, antes de passar pela porta de vidro da Livraria do Luiz, espiei para ver se Hilton estava lá dentro. Não notei ninguém com sua fisionomia e comecei a pensar se ele já não tinha ido embora devido ao meu atraso. Corri logo para indagar a um homem que parecia trabalhar no local:

“Moço, eu agendei para cá uma entrevista com Hilton Gouvêa. O senhor sabe se ele já passou por aqui agora de tarde?”

“Ele sempre vem por aqui a essa hora, mas hoje ainda não veio não. Sente e espere um pouco, ele deve estar a caminho.”

Era um lugar tão aconchegante que não foi nenhum sacrifício passar as duas horas seguintes ali. Livros e mais livros distribuídos ora em estantes até o teto, ora em ilhas ao alcance das mãos. Os móveis e o piso, ambos com textura de madeira, pareciam ter sido trocados há pouco tempo em algum projeto de revitalização do ambiente, porque eram muito modernos para um negócio tão antigo, aberto em 1979.

Deu para notar logo de cara que Hilton Gouvêa era uma figura familiar naquele ambiente. No quadro de avisos de cortiça, em uma coluna bem no meio da livraria, havia uma página inteira do caderno Almanaque de *A União* presa nas pontas por quatro percevejos de metal. Era uma de suas matérias de resgate histórico que tantas pessoas ainda sentem prazer em ler. Essa reportagem tratava especificamente sobre a descoberta de um diário secreto do homem responsável pela Imprensa Oficial da Paraíba no governo de João Pessoa, o qual sabia de informações reveladoras sobre a morte do político paraibano, em 1930, e foi internado como louco para que não frustrasse a revolução que levou Getúlio Vargas a se tornar presidente do Brasil. Há quem diga que só continua comprando o jornal no domingo por causa de textos como esse, que Hilton produz com maestria.

Rondei a área por alguns minutos e me sentei em uma das cadeiras de couro sintético da mesa maior, fora da área da pequena cafeteria que se formava na entrada da livraria. Em uma das mesas próximas ao balcão, dois homens de cabelos grisalhos conversavam e riam. Intelectuais gostam de frequentar aquele *point* aos sábados, para interagir uns com os outros, mas também costumam dar uma passadinha por lá para um café sempre que estão no centro da cidade.

Notei que um dos homens se vestia de modo discrepante para sua idade, principalmente por causa do short de tacetel com listras horizontais brancas, lilases e roxas, que combinaria mais com um surfista bronzeado. O outro, que falava com a voz impostada, usava uma camisa polo em um tom vinho meio desbotado e uma calça social marrom. De repente, ele comentou sobre a paisagem sonora que ajudava a compor o clima do ambiente:

“Isso é que é música!”, disse, enquanto ouvíamos ao fundo “Con Te Partiró”, e começou a cantarolar acompanhando o tenor Andrea Bocelli.

Logo em seguida, vindo da porta que fica na outra extremidade da loja, um rapaz assanhado, vestido com camisa social branca de mangas longas e gravata, me abordou para oferecer um carregador portátil de celular. Como eu disse que não queria, ele foi imediatamente sacando outros itens da mochila preta: um massageador para as costas, uma lanterna com entrada USB para conectar ao *notebook*, um kit de CDs com jogos infantis... “Não, não, não, moço, obrigada”, respondi sorrindo, ao passo que ele saiu para a outra mesa com um olhar meio decepcionado.

Foi oferecer os produtos aos homens, que, nesse momento, já eram três. Como eles foram lhe dando atenção, logo estava esfregando o massageador nas costas do tenor nordestino, que retrucou: “É bom... Agora me diga, se eu comprar isso, quem vai passar nas

minhas costas?”.

Todos riram. Em seguida, o vendedor questionou: “O senhor é o mestre Oliveira de Panelas, não é?”. Era ele sim, e não sei se foi pelo peso do reconhecimento, mas o repentista acabou comprando o equipamento azul que custava R\$ 15. Não satisfeito, o rapaz ainda tentou lhe empurrar os jogos infantis, perguntou se ele tinha crianças em casa, mas Oliveira e os outros homens à mesa sustentaram que não queriam. Lá foi ele então aliciar a balconista do café.

Apesar de me entreter com a cena, eu continuava angustiada por causa da ausência de Hilton. Ricardo, filho do falecido Seu Luiz e atual dono da livraria, passou pela mesa e, ao me ver ainda sozinha, comentou: “Ele não chegou? É bom dar uma ligadinha, né? Vai que tenha se esquecido...”

Liguei duas vezes, mas só chamou. Àquela altura, eu já sabia que ele não viria – ou porque se esqueceu, ou porque talvez estivesse evitando as entrevistas também. Me levantei e comecei a explorar a estante de obras paraibanas, saquei um livro sobre a história de Bananeiras e voltei para a mesa para esperar um pouco mais. Um senhor de idade, que também estava passeando entre as estantes à minha esquerda, notou a foto na capa da obra e puxou conversa:

“Que livro lindo esse que você pegou!”

“É, é sobre a cidade onde eu nasci. Não sei muita coisa sobre lá...”

“Você é de Bananeiras? Ô terra boa, do clima bom, clima de montanha...”

“É mesmo, é do que mais sinto falta. Aqui é muito quente! Na verdade, eu cresci em Solânea, uma cidade coladinha com Bananeiras e onde chega a fazer ainda mais frio, porque fica em uma área mais alta”.

Enquanto conversávamos, Oliveira de Panelas começou a fazer graça com uma moça que estava na mesa mais próxima da saída da livraria. Minutos depois, ergueu um pedaço de papel onde tinha improvisado um de seus repentes e começou a declamá-lo. Era sobre a moça, que não cheguei a ver porque estávamos ambas sentadas e havia uma estante entre nós.

Fiquei rindo da cena também porque me lembrei do dia de Natal em que Oliveira ligou para a nossa casa e felicitou minha mãe com um de seus repentes. Ele a conhece das atividades da paróquia católica que ele e a esposa também frequentam.

Mainha conta que, um dia, voltando da igreja, os abordou:

“Oliveira, meu marido era muito seu fã!”

“Era’ por quê?”

“Porque ele já faleceu.”

“Mas como pode, tão nova e já viúva?”

E lá foi ela contar a história do assassinato do marido advogado quando ambos tinham pouco mais de 30 anos. Oliveira de Panelas disse que se lembrava do caso, porque costumava ir à região de Solânea para suas apresentações e houve grande repercussão nos jornais da época.

Apesar da simpatia, nunca sei se ele me reconhece quando nos cruzamos na rua e fico com vergonha de me aproximar e puxar conversa. Permaneci observando-o de longe.

Cesário – foi assim que ouvi a balconista chamando o velhinho que puxou conversa sobre o livro e se sentou comigo – foi até a cafeteria para pedir um lanche. Voltou dizendo que o bolo baeta estava muito bonito, e eu me lembrei que desde o almoço não tinha comido mais nada. Não estava com fome, mas já tinha passado da hora de lanchar, então fui lá e pedi um suco e uma fatia também.

Oliveira soltou mais uma de suas brincadeiras:

“Não é bolo de baeta não. É de Bayeux, tá?”

Todos comentando com o bolo estava divino, e eu ali, morrendo para engolir cada pedaço. Concluída a missão, fui me encaminhando para ir embora, já eram quase 16h30 e eu queria evitar o horário de pico nos ônibus. Outro rapaz que cuidava dos livros do lado de fora da livraria comentou:

“Você tava esperando Hilton Gouvêa, é? Eu achei que ele podia não vir mesmo não, porque hoje cedo passou aqui rapidamente só para deixar uma encomenda para o irmão.”

Imprevistos

“Vamos, não chores.

A infância está perdida.

A mocidade está perdida.

Mas a vida não se perdeu”.

(Carlos Drummond de Andrade, Consolo na Praia)

“Segunda-feira é o dia em que Hilton volta das férias, e eu vou ligar para o jornal e hei de fazer plantão naquela livraria até ele aparecer”, sentenciei no domingo anterior.

Arrumei o material, separei cadernos, anotações das entrevistas com os outros informantes, só fiquei na iminência de desmarcar o terapeuta à tarde caso realmente confirmasse que Hilton estava na cidade.

Botei o pé na rua, determinada: “Hoje vou fazer as coisas darem certo, de um jeito ou de outro”. Mal cheguei na calçada vizinha, fui surpreendida por dois jovens em uma moto: “Passa a bolsa, passa a bolsa, rápido!”. Quem tem o cano frio de um revólver apontado para sua cabeça não espera um “por favor”.

Que azar. Celular, documentos, cartões, dinheiro, fora toda a vida que mulher é capaz de levar dentro de uma bolsa. Com as mãos na cabeça, só fiquei observando o vulto da moto se afastando em direção à avenida que dá acesso ao bairro de Cruz das Armas. Voltei correndo e comecei a bater no portão, gritando por minha mãe, que saiu da cozinha em disparada.

Meu Deus, perdi tudo, igualzinho ao meu irmão no mês passado... Não! Espera! As entrevistas gravadas estão salvas na nuvem, a pasta com as anotações e autorizações continua aqui debaixo do meu braço. Então resta contatar a Polícia e começar a reparar o estrago, ligar para o trabalho, avisar às pessoas o que aconteceu e que estou bem, bloquear cartões, solicitar desativação do aparelho celular, resgatar *chips*, fazer boletim de ocorrência, ouvir do escrivão da delegacia que, na época da Ditadura Militar, “essa bandidagem não corria solta assim”...

Tirando um breve acesso de ansiedade que culminou com a náusea e o vômito, tudo parecia estar sob controle. Respira e pensa que você não perdeu nada demais, que está tudo bem. Nem o celular era tão caro, nem tinha muito dinheiro na sua carteira, nem você anda com bolsa de marca. Mas aí as pequenas coisas é que começam a cintilar, valiosas: um mp3 de estimação, que também funcionava como *pendrive*, uma *nécessaire* cheia de quinquilharias, um chaveiro com miniaturas da Torre Eiffel e de uma cabine telefônica vermelha de Londres, a carteira que ganhei no último Dia dos Namorados... Até a perda de um recipiente de Sorine me veio à mente, mas aí já era demais e comecei a rir da situação. Está tudo bem. O nariz resfriado não se perdeu.

Só a entrevista mesmo que não tinha condição de acontecer. Naquele dia, sem saber de nada, Hilton deve ter se sentido aliviado por não receber nenhuma ligação, pensei.

Conexões improváveis

*“Uma pequena explosão, uma fração de segundo
O metal não é nobre, é mero chumbo
[...]
Ignora carinhos, noites em claro
Ri de amores e de sacrifícios
Dos deveres de escola, dos aniversários
E declara arrogante: ‘Chegou a hora!’
Afim é só a morte, uma notícia comum
No jornal no chão de um supermercado”.*
(Herbert Vianna, *História de Uma Bala*)

Foi naquela mesma semana do assalto que eu conheci Humberto Lira. Na minha cabeça cheia de problemas para resolver, eu precisava adiantar alguma coisa enquanto o encontro com Hilton Gouvêa não acontecia. Falar com o jornalista que o socorreu no dia do atentado parecia a linha mais certa a seguir.

Depois de ligar para ele do meu telefone residencial, já que os dois *chips* do meu celular estavam bloqueados, e de ouvir algumas vezes a insinuante música de Anitta como o som de chamada, Humberto atendeu com sua fala meio interiorana, meio arrastada. Combinamos de nos encontrar na sexta-feira à tarde, na sede da Associação Paraibana de Imprensa (API), que fica na Avenida Visconde de Pelotas, em um prédio que faz parte do Centro Histórico da capital, quase em frente à Praça Barão de Rio Branco, onde pessoenses e turistas se reúnem aos sábados para curtir apresentações de chorinho e samba.

Cheguei quinze minutos antes do combinado e estranhei a placa preta, ovalada, com o desenho de dois copos de *chopp* e um nome acima da porta de entrada do imóvel: O Boteco Restaurante. “Será que é aqui mesmo?”, estranhei. Estiquei um pouco mais o pescoço para olhar para o primeiro andar, e lá estava o nome da associação integrado em alto-relevo à fachada do edifício, uma característica comum em muitos prédios antigos.

Entrei no estabelecimento e perguntei a um funcionário de rosto redondo e suado, que estava atendendo no caixa, se ali em cima funcionava mesmo a API. Ele disse que sim e saiu comigo até a calçada, para me mostrar a porta de madeira no lado direito, que daria acesso ao andar superior. Estava fechada. “Tinha gente lá dentro há pouco tempo”, disse.

Agradei a ajuda e fiquei esperando Humberto chegar, sentada em uma das mesas perto da porta do pequeno restaurante, que já estava sendo higienizado para encerrarem o

expediente. Me levantei e fiquei um pouco na calçada, olhando a rua movimentada onde havia um ponto de táxi e muitos estabelecimentos comerciais.

O antigo repórter policial que só andava de paletó apareceu de camisa polo ensacada por dentro da calça com o cós alto, cabelos desgrehados, meio “avoado”. Pediu desculpas porque tinha se atrasado um pouco e, quando soube que a API estava fechada, ficou olhando para o horizonte pensando onde a gente podia sentar por aquela região para conversar. Falei que o local público mais próximo seria o Shopping Centro Terceirão, na Avenida Duque de Caxias, justamente uma rua por trás de onde estávamos. “É mesmo, lá tem umas mesas, dá certo”, disse ele, enquanto atravessávamos a rua a passos rápidos e já nos encaminhávamos, em meio aos pedestres e camelôs que lotam aquelas calçadas, em direção à parte superior do Viaduto Dorgival Terceiro Neto (daí vem o nome “Terceirão” dado ao centro comercial popular mais conhecido de João Pessoa).

Fomos para o meio onde há uma pequena praça de alimentação, bem perto da abertura onde é possível ver ônibus e carros passando na parte inferior do viaduto. Um homem foi se aproximando e eu já me assustei, traumatizada com o assalto recente, mas Humberto fez um gesto negativo com a mão e o afastou, comentando comigo em seguida: “Se ele soubesse como eu gosto de bêbado pedindo dinheiro...”.

Sentamo-nos nas cadeiras de plástico branco em uma mesinha quadrada coberta com uma toalha de lona cor de laranja, pegajosa quando apoiei os cotovelos, provavelmente porque alguém derrubou um pouco de suco amarelo viscoso, cujos vestígios também atraíam moscas para o local.

Eu já tinha começado a gravação da conversa com o meu mp4 velhinho, aquele que Tião Lucena notou na primeira entrevista sobre Hilton Gouvêa. Depois do assalto, acabou sendo o único gravador portátil de áudio que me restou. De repente, um pipoco me fez arregalar os olhos. Barulho de tiro, pensei. Humberto percebeu imediatamente meu sobressalto e me acalmou: “É não, é carro passando ali embaixo”.

Depois dessa segunda intervenção dele, tentei relaxar e parar de olhar para os lados achando que alguém podia chegar atirando ou metendo a mão para levar a minha bolsa (que, àquela altura, não tinha quase nada dentro mesmo). Fui aos poucos entrando no ritmo da entrevista. Até então, Humberto era, de longe, a fonte que melhor conseguia precisar as informações. Sabia detalhes de tudo o que eu perguntava.

Quando a gravação marcava dez minutos e trinta segundos, o ex-repórter policial enveredou por uma história que me pareceu familiar. Literalmente familiar.

Humberto Lira estava falando sobre coberturas jornalísticas que ele fez de roubos de carros e outros crimes praticados por um grupo que atuava no estado por volta dos anos 1990. Quando citou os primeiros nomes envolvidos, imediatamente eu o interrompi:

“Meu avô foi morto porque descobriu essa história!”

“E quem era teu avô?”

Respondi achando que ele jamais se lembraria.

“Eu sei! Eu sei! Eu fiz a matéria!”

Incrédula e sem saber se ele conhecia a segunda parte da história, comecei a explicar que meu pai também tinha sido assassinado alguns anos depois.

“Porque descobriu os autores”, Humberto completou. “Eu conheci demais o seu pai. Olhe aqui, tô me arrepiando todo. Veja que coincidência! Essas matérias quem fez fui eu”.

Senti o corpo formigando e aquela zonzeira de quem não sabe se está acordado ou se está sonhando. Como é que esse projeto me fez chegar aqui?

Conversamos sobre isso e todo o resto até os comerciantes começarem a recolher os pertences para fecharem as lojas, enquanto o crepúsculo sumia na direção da cidade baixa. Humberto gentilmente me fez companhia na calçada e continuou batendo papo até meu namorado chegar para me buscar, na saída do Terceirão pelo lado da Avenida General Osório.

No caminho de volta para casa, enquanto eu narrava aquela coincidência surpreendente, meu namorado ouviu os detalhes e refletiu: “Tu tem a sensação de que essa história parece uma coisa fictícia, que não faz parte da nossa vida?”. Era exatamente naquilo que eu estava pensando.

A história de meu pai

*“Fica um pouco de teu queixo
no queixo de tua filha.*

[...]

E de tudo fica um pouco.

*Oh abre os vidros de loção
e abafa*

o insuportável mau cheiro da memória”.
(Carlos Drummond de Andrade, *Resíduo*)

Faz quase 26 anos que mataram meu pai. No meio da rua, no dia do seu aniversário de casamento com a minha mãe, enquanto ele ia buscar um presente para ela no centro de Solânea. Eu tinha cinco anos; meus irmãos, três e dois.

Dizem que herdamos dele a testa grande e o queixo fino, o que dá aos nossos rostos um formato de balão. De minha mãe, eu fui a única que puxei os grandes olhos verdes. Dizem também que herdamos dele a inteligência, ponto do qual eu discordo: para mim, o incentivo e o acompanhamento incansável de minha mãe, após a morte do meu pai, pesaram bem mais na capacidade cognitiva do que simplesmente uma predisposição genética. Mas reconheço que as histórias que sempre nos contaram a respeito dele, além de sua vasta biblioteca de Direito e Literatura, ajudaram a constituir-lo como um exemplo para que também gostássemos de estudar.

Meu pai nasceu em Areia, considerada durante muito tempo um berço cultural no estado da Paraíba. Desde muito jovem, ele sempre gostou de ler e escrever poemas. Devido ao trabalho de meu avô, que era policial militar, a infância e a adolescência de seus filhos se dividiram em cidades próximas, como Cacimba de Dentro, Araruna, Belém e Solânea, onde se fixaram definitivamente nos anos 1970, para meu pai estudar. Moravam em uma casinha conjugada, em frente à rodoviária, na mesma rua principal onde, anos depois, meus pais comprariam outra casa que me abrigou até os vinte anos de idade.

Desde pequeno, o filho do meio, entre duas mulheres, era incisivo: “Vou ser advogado”. Nem se importava com a história familiar de pobreza e analfabetismo dos pais. Minha avó, que foi proibida de estudar pelo meu bisavô, para não aprender a escrever cartas quando viesse a ter namorados, nunca chegou a acertar nem a pronúncia da profissão do filho, a quem se referia orgulhosa como “adevogado”.

Para bancar as mensalidades do curso noturno de Direito na Universidade Regional do Nordeste (URNe), hoje Universidade Estadual da Paraíba (UEPB), em Campina Grande, ele trabalhava como secretário em um hospital de Bananeiras, a mesma unidade de saúde onde eu nasci, anos depois. Era uma peregrinação diária com viagens de ônibus entre Solânea, Bananeiras e Campina Grande, mas, às vezes, nem o trabalho extenuante garantia o pagamento das contas, e ele tinha que pedir socorro à noiva para conseguir se manter na faculdade. Minha mãe, também vinda de uma família pobre, de agricultores, tinha sido aprovada em uma seleção e trabalhava como bancária em Cacimba de Dentro, sua cidade natal.

O *smoking* preto que meu pai usou como traje de gala em sua formatura foi comprado

por minha mãe, que já era sua esposa, e veio com um bilhetinho como sendo um presente meu, com direito a impressão digital servindo de assinatura e tudo. Era o segundo semestre de 1986, e eu tinha sete meses de vida.

No antepenúltimo dia daquele mesmo ano, duas semanas antes do meu primeiro aniversário, meu avô paterno foi assassinado. Ele também fazia “bicos” como taxista e foi chamado em casa, no fim da tarde de uma segunda-feira, por dois colegas de farda para uma corrida até Borborema. Na estrada para o município, no seu Opala caramelo (o mesmo carro que ele tinha usado para conduzir minha mãe vestida de noiva até a igreja, em outubro de 1984), um dos homens disparou uma arma de fogo. A bala atingiu sua mão esquerda, e ele, canhoto, perdeu o controle do carro, mas ainda conseguiu descer e sair correndo. Só que uma emboscada tinha sido montada justamente naquele ponto. Outros homens executaram-no com vários tiros e facadas.

Quem narrou a cena para meu pai tempos depois, na cozinha de nossa casa em Solânea, foi uma mulher que trabalhava em uma plantação de capim-elefante, às margens da estrada, e lá permaneceu à espreita. Ela não teve coragem de depor à Justiça porque os homens faziam parte de um famoso grupo de extermínio que atuava no brejo paraibano.

Pelo que contam, meu avô havia descoberto que policiais conhecidos estavam participando de roubos e desmanches de carros na região e foi denunciar o caso ao seu superior, sem saber que o homem era o chefe do esquema.

Minha mãe também se lembra que meu pai assumiu o caso do assassinato e, alguns anos depois, através de um cliente preso na Penitenciária do Róger, aqui em João Pessoa, teria descoberto conexões de outras pessoas com o crime do meu avô e passou a ser ameaçado. Em pouco tempo, um pistoleiro contratado passou a persegui-lo.

Na manhã de domingo de 6 de outubro de 1991, meu pai foi à feira livre de Solânea acompanhado apenas do meu irmão mais novo, que na ocasião tinha dois anos de idade. Ele dirigia um Gol bege, recém-comprado, e estava arrumado, de camisa e calça social, tanto porque gostava de andar assim quanto porque aguardava uns amigos para o almoço de comemoração dos sete anos de casamento com minha mãe, completados exatamente naquele dia.

O pistoleiro os acompanhou durante todo o trajeto, mas não achou a oportunidade. Talvez tenha se compadecido da criança de colo. Ao chegar em casa, meu pai se lembrou que não tinha ido a uma loja de discos no começo da cidade, para buscar uma fita cassete que mandara gravar para presentear a esposa. Deixou o filho pequeno em casa e saiu novamente.

O relógio ainda não tinha marcado 11h.

A cena seguinte eu tenho guardada até hoje na memória, não foi ninguém que me contou. Vizinhos chegaram assustados avisando que ele tinha sido baleado na frente da loja de discos. Mainha caiu no sofá da sala que estava impecavelmente arrumada, chorando em desespero. Ela tinha 31 anos, exatamente a idade que tenho hoje.

Hesitação e recaídas

*“Não quero ser triste
como o poeta que envelhece
lendo Maiakóvski
na loja de conveniência
[...]
Nem quero ser estanque
como quem constrói estradas
e não anda”.*
(Zeca Baleiro, *Minha Casa*)

Eu não sabia de todos os pormenores dessa história, dada a minha idade quando aconteceu aquele turbilhão todo. Só tenho fragmentos na memória: do momento em que chegaram lá em casa avisando da morte e mainha desabou no sofá; de alguém me levantando no braço para ver o corpo no caixão; de minhas tias tomando conta de nós três; de pessoas confidenciando informações sobre o crime; de uma gaveta cheia de documentos no antigo escritório advocatício; de minha mãe depressiva e, ao mesmo tempo, ferina em busca de provas.

O que eu sempre soube é que ela fez um trabalho hercúleo e conseguiu que os principais suspeitos de encomendarem a morte do meu pai fossem levados duas vezes ao banco dos réus. Lembro-me do fórum da cidade lotado e de minha mãe se levantando resignada depois de ouvir do juiz a segunda sentença de absolvição. Ela nos puxou pelo braço e eu fiquei sem entender o que aquele homem tinha dito que a fizera sair do lugar antes de todo mundo. Hoje eu sei: perdemos.

A única alternativa que restou à minha mãe foi retomar sua vida, na medida do possível, e cuidar de três crianças pequenas. Ela sempre incutiu nas nossas cabeças que fez tudo o que

pôde por vias legais, mas que a Justiça também falha e de nada adiantaria tentar se vingar.

Quando cheguei da entrevista com Humberto Lira, fui direto ao seu quarto e comecei a contar o que o jornalista tinha me relatado. Ela sabia de tudo e um pouco mais. Só havia nos protegido daquele enorme vespeiro que, por uma ironia do destino, acabou ricocheteando e caindo nas minhas mãos.

Aproveitei o fim de semana para fuçar álbuns de família, procurar notícias publicadas na época, fotos e outros materiais sobre o caso. Atendendo aos meus pedidos, minha mãe, que demonstrou ser a minha melhor fonte, remexeu caixas empoeiradas e voltou com alguns recortes de jornais e uma cópia de seu primeiro depoimento, que ela só teve condição de prestar nove dias após o crime.

Nos papéis, todos os detalhes dados por testemunhas sobre a chegada do suspeito, os três tiros à queima-roupa pelas costas, a morte imediata, a fuga a pé até uma mata perto do campo de aviação de Solânea. As notícias eram ilustradas com fotos de minha mãe abatida e de meu pai ainda vivo, no último aniversário infantil que ele participou, do meu irmão caçula.

Vez ou outra, minha mãe passava pela mesinha onde eu trabalhava e, ao me flagrar chorando, tentava me proteger: “Minha filha, não vou lhe contar mais nada. Isso está lhe fazendo mal”.

E estava mesmo. Na segunda-feira seguinte, chorei na sala do terapeuta como não fazia há bastante tempo. Ele me aconselhou a me afastar um pouco da história nos dias seguintes, tirar o dedo de dentro da ferida e depois pensar com mais calma no que fazer com aquilo tudo.

Hesitei muito entre contar ou não contar essa história. Principalmente porque se trata de um assunto semelhante à história do atentado sofrido por Hilton Gouvêa, em que não houve condenações das pessoas envolvidas. Eu tinha medo de que minha atitude soasse como uma tentativa de trazer o caso de novo à tona e que alguém viesse tomar satisfações.

Pensei em simplesmente abstrair, fingir que aquela conversa com Humberto Lira nunca aconteceu. Mas eu não estaria sendo honesta se expusesse os dramas da vida de Hilton e editasse os meus próprios, especialmente em um diário, especialmente aquele pequeno grande detalhe que era a origem de boa parte dos problemas psicológicos que enfrento ainda hoje.

Tentando andar sem a muleta dos remédios, a ansiedade já começava a migrar novamente para pequenas crises de pânico. A solução que encontrei foi não citar nomes nem detalhes que identificassem os envolvidos em nenhum dos dois casos. Eu só queria me livrar daquele mal-estar, devolvê-lo ao passado.

Insistência

*“Todos os dias quando acordo
Não tenho mais o tempo que passou
Mas tenho muito tempo
Temos todo o tempo do mundo”.*
(Legião Urbana, Tempo Perdido)

“Tudo está perdido, mas existem possibilidades”.
(Legião Urbana, Sereníssima)

Além de tudo isso, ainda tinha a entrevista com Hilton que não acontecia. Liguei mais uma vez para a redação de *A União*, na primeira semana de junho, quando ele voltaria das férias, e me informaram que o repórter estava afastado para tratar de uns problemas de saúde.

“Ah, foi a cirurgia nos olhos que ele foi fazer?”

“Não, foi um problema no ombro que ele teve semana passada. Mas segunda-feira ele está de volta. Pode ligar de novo”.

Sem esperanças, retornei no dia indicado.

“*A União*, boa tarde”.

“Oi, eu queria falar com Hilton Gouvêa”.

“Quem é?”

Reconheci a voz dele.

“É Bruna...”

“Ah! Oi, Bruna! Parece que o azar está nos perseguindo, viu? Naquele dia que marcamos na livraria, eu fui deixar um negócio para o meu irmão mais cedo... acabei torcendo o braço e indo parar no Hospital de Emergência e Trauma, tirei uma semana de licença do trabalho. Me livrei da tipoia hoje, mas ainda estou com o braço roxo”.

“Nossa, Hilton! Que situação! Imobilizou mesmo, foi?”

“Pois é... Olhe, podemos combinar lá no mesmo lugar, só que hoje não dá pra mim. Pode ser amanhã.”

“Ótimo, Hilton! Eu também tenho terapia hoje à tarde, mas amanhã, depois do expediente, apareço por lá”.

“Terapia? Mas assim, tão nova?”

“Eu tenho uns problemas de ansiedade há bastante tempo”.

“E você já é casada?”.

“Não, mas serei em breve”.

“Ah, então quando casar, passa. Dizem que o psicológico estabiliza”.

Bastou essa simples conversa para minha mente relaxar e outro dos meus pensamentos catastróficos cair por terra. Hilton não estava me evitando. Ao contrário, o modo gentil e descontraído com que me tratou me fez ir mais confiante para as duas entrevistas naquela semana e perceber como era bom conversar com ele. Eu, que já não aguentava mais ouvir falar de mestrado, comecei a lamentar que, após a conclusão da pesquisa, aquelas tardes tão agradáveis com Hilton nas mesas da Livraria do Luiz também acabariam.

Aquele senhor beirando os 70 anos, que chegou com toda simplicidade a um dos nossos encontros, usando sua boina cinza e segurando um monte de sacolas de compras molhadas pela chuva, era, essencialmente, um contador de histórias, ou um verdadeiro narrador, aquela figura que o teórico frankfurtiano Walter Benjamin coloca como quase extinta em nossa sociedade.

Sem que ele soubesse, da mesma forma como aconteceu ao seu ex-colega Jorge Rezende, no alto da minha inexperiência, comecei a me inspirar na postura de Hilton como repórter. Diante dos dilemas finais da reportagem, eu me pegava frequentemente pensando no que ele faria se estivesse no meu lugar.

Faltando duas semanas para acabar o prazo já adiado e máximo para entrega do trabalho à coordenação do PPJ, algo ainda me faltava. Não que uns arranjos não fizessem aquilo passar despercebido, mas a ausência de um detalhe específico no trabalho me atormentava (“Existe sempre alguma coisa ausente que me atormenta”¹⁰): eu não tinha conseguido a data da agressão ao repórter na frente do *Correio da Paraíba*.

Comecei a colocar na balança minha postura procrastinadora. Se eu tivesse começado a vasculhar os jornais antes, talvez tivesse dado conta também do ano de 1995 e quem sabe até de 1996, 1993, 1992. Agora, eu não tinha mais nem tempo nem cara de pau de ir ao jornal e continuar todo aquele processo de incomodar as pessoas do arquivo com o transporte urgente dos encadernados da casinha anexa até a redação.

Comecei a pensar no ímpeto desbravador de Hilton Gouvêa, que, apesar da idade, sequer cogita se aposentar das redações. Não era somente o diploma que me fazia repórter, era aquela sede de ir atrás dos dados, como ele fez quando ouviu dizer que havia navios históricos afundados na costa paraibana. O jornalista investigou tanto que chegou a entrar em águas profundas com um mergulhador e por pouco não foi preso pela Marinha do Brasil, sob

acusação de pirataria.

Eu já me via morrendo na praia. Mas ia morrer tentando nadar. Lembrei que alguém tinha mencionado uma instituição que estava de posse dos arquivos do extinto jornal *O Norte*, peguei umas anotações mais antigas e encontrei o nome do Instituto Histórico e Geográfico Paraibano (IHGP). Liguei para lá a fim de saber se eles também tinham exemplares de outros jornais e como se fazia para ter acesso. Do outro lado, uma senhora de voz rouca me informou que faltavam alguns meses e anos nas coleções, mas havia sim um bom acervo de todos os jornais paraibanos. Bastava levar uma máscara e luvas de proteção, ou comprar diretamente lá, e eu mesma poderia transitar entre as estantes e fuçar tudo o que eu quisesse, das 8 às 12h, de segunda a sexta-feira.

Estava de férias do trabalho, mas acordei bem cedo, agoniada, pensando no trabalho de Sísifo que seria aquilo e nos dias que eu iria perder, quando já deveria estar finalizando o texto para não ser engolida pelo *deadline*. O padrão dos pensamentos negativos e das catástrofes mentais. Fui de Uber ao IHGP, com medo de levar o novo celular com câmera e de ser assaltada novamente no caminho.

Assinei uma lista de presença lá no instituto, que fica em uma esquina da Travessa Frutuoso Barbosa, mais conhecida como a “rua dos sapateiros”, no centro de João Pessoa, no mesmo quarteirão da API. Guardei minha bolsa e uma garrafa d’água dentro do armário vertical de ferro, logo depois da entrada, e ouvi as orientações da administradora sobre o cuidado necessário no manuseio do material. “Você não sabe quanta gente sem noção aparece aqui, minha filha, que chega a escrever em cima dos jornais”, reclamou ela, que também revelou que a entidade estava passando por dificuldades financeiras e ameaçada de fechar, devido ao descaso governamental com aquele e outros instrumentos de preservação da memória local.

Aproveitei inicialmente para confirmar nos jornais algumas informações, como no caso da tragédia que aconteceu ali pertinho, na Lagoa do Parque Solon de Lucena, em 1975. Depois, saltei 20 anos e recomecei a saga dos arquivos do *Correio da Paraíba*.

1º de janeiro de 1995, edição de domingo. Depois, 3 de janeiro, já que os jornais daqui não circulam às segundas-feiras; 4, 5, 6, 7, 8 de janeiro, outro domingo. Agora é a vez da terça de nov... peraí... não acredito!

Na parte superior da capa da edição de 10 de janeiro de 1995, a imagem registrada no dia anterior, de um homem de bigode, já meio calvo mas ainda com os cabelos pretos. Ele estava sentado em uma maca de hospital, sem camisa, com as mãos nos quadris e segurando

um pano branco ensanguentado, que, pelo visto, estava sendo usado para estancar o ferimento acima de sua sobrancelha esquerda. O líquido vermelho já tinha escorrido pelo seu pescoço até chegar à barriga.

Apesar da cena tão chocante, aquela sensação de alívio: cheguei ao fim dessa jornada. Sobrevivi, sobrevivemos todos. Lembrei de meu pai e corrigi mentalmente: quase todos.

Voltei para casa e fiz o que, no fundo, eu sabia que tinha capacidade para fazer. Em meio a todo o sangue, suor e lágrimas contidos nestas páginas, eu me sentei em uma cadeira e terminei de escrever.

¹ Referência à canção “Ouro de tolo”, de Raul Seixas.

² Referência à canção “À primeira vista”, de Chico César.

³ Referência ao poema “A flor e a náusea”, de Carlos Drummond de Andrade, especificamente o verso “Quarenta anos e nenhum problema resolvido, sequer colocado”.

⁴ Referência ao filme “Corra, Lola, corra” (1998), dirigido por Tom Tykwer.

⁵ Referência à canção “Alucinação”, de Belchior, especificamente o trecho “A minha alucinação é suportar o dia a dia / E meu delírio é a experiência com coisas reais”.

⁶ Referência ao poema “No meio do caminho”, de Carlos Drummond de Andrade.

⁷ Citação direta da crônica “Pequenas Epifanias”, de Caio Fernando Abreu.

⁸ Referência à canção “Pequeno Mapa do Tempo”, de Belchior.

⁹ Referência ao livro “O Hobbit”, de J. R. R. Tolkien.

¹⁰ Citação direta da crônica “Existe sempre alguma coisa ausente”, de Caio Fernando Abreu.